

REALIDADE, PRAZER, CONFLITO. FREUD E O PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO

por

Paulo Tunhas*

Abstract: The concept of representation is instrumental in Freud's psychoanalytical theory. It is suggested here that it is possible to distinguish three modalities of representation, according to their metapsychological status: reality representation, pleasure representation and conflict representation.

Key-Words: Representation, Reality, Pleasure, Conflict

Resumo: O conceito de representação é fundamental na teoria psicanalítica de Freud. É aqui sugerido que é possível distinguir três modalidades de representação, de acordo com o seu estatuto metapsicológico: representação de realidade, representação de prazer e representação de conflito.

Palavras-chave: Representação, Realidade, Prazer, Conflito

1. Pensamento, representação, condições metapsicológicas. Proponho-me tratar aqui da resposta – ou das respostas, para melhor dizer – de Freud à questão “O que é pensar?” através de uma análise do problema da representação na sua obra. O que é que a psicanálise tem a dizer nestas matérias? Espero não incorrer no pecado de uma interpretação selvagem de Freud (no sentido em que se fala de “psicanálise selvagem”¹). Procurarei, a partir de algo como uma atenção flutuante², distinguir três formas de representação possíveis de descortinar na obra de Freud – chamar-lhes-ei *representação de realidade, representação de prazer e representação de conflito* – e apurar três tipos de condições metapsicológicas para essas formas de representação. Cada forma de representação designa, ou ajuda a designar, um

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa. Este trabalho foi realizado graças a uma bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

¹ Cf. *Über “wilde” Psychoanalyse*, VIII: 117-125. Todas as citações de Freud reenviam para as *Gesammelte Werke*, Fischer Taschenbuch Verlag, Francforte, 1999. Indica-se o título, o volume e a página.

² Sobre a “atenção flutuante” <*gleichschwebende Aufmerksamkeit*>, cf. *Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung*, VIII: 377; “Psychoanalyse” und “Libidotheorie”, XIII: 215; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 233 (“a tendência a buscar” inconsciente <*die unbewusste “Such-Bereitschaft”*> pode mais facilmente chegar a um resultado positivo que a atenção conscientemente orientada <*die bewusste gelenkte Aufmerksamkeit*>”).

conjunto de objectos precisos: em traços largos, os objectos das ciências da natureza, os da estética, e os da moral e da política. O projecto freudiano consiste em parte, como Freud por vezes o diz, em “substituir a *metafísica* pela *metapsicologia*”³. A metapsicologia – a “feiticeira metapsicologia” <*die Hexe Metapsychologie*>⁴ – é “um modo de exposição <*Darstellung*> onde se tenta apreciar o factor económico, e não só os factores tópico e dinâmico”⁵. Ela designa, portanto, a reunião dos três pontos de vista na descrição dos processos psíquicos: “Proponho-me falar de apresentação *metapsicológica* quando conseguimos descrever um processo psíquico do ponto de vista das relações *dinâmica, tópica e económica*”⁶. Trata-se do objectivo mais extremo <*das äusserste Ziel*> ao qual a psicologia tem acesso⁷. Qual, portanto, o estatuto dos conceitos metapsicológicos? Na medida em que designam condições de possibilidade da descrição e da explicação da experiência, a sua vocação é transcendental. Mas trata-se sem dúvida de um transcendental impuro. Tal como os princípios de associação de Hume⁸, eles seriam mais “semi-transcendentais”. Limito-me aqui a apontar um problema, sem verdadeiramente indicar uma solução. De qualquer maneira, uma coisa é certa. Os conceitos freudianos entroncam na longa linhagem das teorias metafísicas da alma: são conceitos filosóficos. Por isso utilizo a palavra “psicanálise” com o mesmo espírito que utilizaria, por exemplo, “filosofia transcendental”. Tal é o entendimento primacial que se subentenderá em tudo o que se segue. Começarei pelo próprio conceito de representação, primeiro de uma forma abstracta [## 2-18], depois articulando-o já com a questão das várias modalidades representativas [## 19-20]. Passarei em seguida ao estudo das modalidades representativas propriamente ditas: representação de realidade [## 21-32], representação de prazer [## 33-54] e representação de conflito [## 55-68]. Terminarei com uma breve indicação do modo como a questão “O que é pensar?” se coloca no contexto de um estudo das modalidades representativas [## 69-71]. Importa sublinhar que o que aqui se apresenta possui, como é transparente a quem o leia, um carácter inacabado (a indelicada abundância de notas de pé de página, andaimes de uma construção em curso, exhibe perfeitamente isso). E inacabado num duplo sentido: no que respeita à reconstrução do pensamento de Freud a partir do ponto de vista aqui adoptado, mas igualmente no que se refere ao projecto mais vasto que enquadra este texto, uma investigação sobre a pluralidade das maneiras de pensar, da qual alguns resultados previamente obtidos são mencionados no texto.

I. Representação, investimento, afecto

2. *Representação*. A teoria freudiana da representação <*Vorstellung*> é extremamente complexa. Ela põe em jogo um bom número de conceitos fundamentais da psicanálise: sintoma, recalçamento, pulsão, investimento, contra-investimento, consciência, inconsciente, pré-consciente, afecto, energia, etc. Procuremos elucidar alguns dos seus aspectos.

³ Cf. *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 288.

⁴ *Die endliche und die unendliche Analyse*, XVI: 69.

⁵ *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 3.

⁶ *Das Unbewusste*, X: 281.

⁷ *Selbstdarstellung*, XIV: 85.

⁸ Permito-me reenviar ao meu estudo “Existência, intuição, presença. A tripartição dos actos de crença no *Tratado da natureza humana*”, *Trabalhos de Antropologia e Emologia*, vol. 46, 1-4, Porto, 2006.

3. *Representação: consciente e inconsciente.* Começemos pelo mais elementar: há representações inconscientes, tal como há representações conscientes. São as primeiras, bem entendido, que colocam aparentemente mais problemas. O que é uma representação inconsciente? É “uma representação da qual não temos percepção mas da qual nos encontramos preparados a admitir a existência a partir de outras signos <Anzeichen> ou de outras provas <Beweise>”⁹. Significa isto que conhecemos as representações inconscientes apenas por via indirecta, não de um modo directo e ostensivo. Sem dúvida que elas podem tornar-se conscientes – podem, por assim dizer, ser trazidas à superfície. Mas isso verifica-se – é um ponto importante, porque introduz uma noção psicanalítica fundamental para a teoria freudiana da representação – sem que, contrariamente a uma expectativa legítima, o recalçamento <Verdrängung> (tal é essa noção) conheça um fim absoluto.

4. *Recalçamento.* É certo que a função da análise é, em grande medida, a de suprimir o recalçamento. E, de um modo sempre precário, deve consegui-lo, através de várias dificuldades, que Freud não cessa nunca de sublinhar. “Se se comunica a um doente uma representação que ele, num dado momento, recalçou, e que adivinhamos, isso não muda imediatamente nada ao seu estado psíquico. E, nomeadamente, não é por a representação precedentemente inconsciente se ter doravante tornado consciente que o recalçamento acaba e os seus efeitos são suprimidos, como talvez pudéssemos esperar. Pelo contrário, obteremos apenas, no princípio, uma recusa renovada da representação recalçada”. É apenas quando se dá a reunião da representação consciente com os traços mnésicos inconscientes que se põe fim ao recalçamento: “Mas agora o doente tem efectivamente a mesma representação sob uma dupla forma e em lugares diferentes do seu aparelho psíquico; primeiro, dispõe de uma lembrança consciente do traço acústico da representação que lhe foi comunicada, e, em segundo lugar, como o sabemos de forma certa, ele traz em si, ao lado desta lembrança, mas sob a antiga forma, a lembrança inconsciente daquilo que foi vivido. Na realidade, a supressão <Aufhebung> do recalçamento não intervém antes que a representação consciente, uma vez ultrapassadas as resistências, entre em ligação com os traços mnésicos inconscientes. É apenas quando estes últimos são eles próprios tornados conscientes que se atinge o sucesso”¹⁰. A importância da teoria do recalçamento para a questão da representação é decisiva. Notemos apenas duas coisas, às quais voltaremos mais adiante. Primeiro, a importância do ponto de vista tópico para a teoria da representação: a mesma representação pode coexistir, sob formas diferentes – acústica (representação de palavra) e figural (representação de coisa), supõe-se –, em dois – lugares distintos do aparelho psíquico¹¹. Segundo, desenha-se aqui o princípio da cura, através da indicação de um possível recobrimento, uma coincidência reveladora – um acordo, uma consonância – entre a interpretação do analista e a própria revivescência, pelo analisado, dos “traços mnésicos inconscientes”¹².

5. *Resistência e defesa.* O recalçamento origina-se na resistência <Widerstand>. E o mesmo vale para o sintoma <Symptom>. A resistência a “representações susceptíveis de despertarem sensações desagradáveis” é, por exemplo, um dos “pilares do mecanismo que

⁹ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 431.

¹⁰ *Das Unbewusste*, X: 274-275. Para a teoria do recalçamento cf., mais adiante, a nota 372.

¹¹ Sobre o ponto de vista tópico, cf. o # 48.

¹² Voltarei à questão da cura, no contexto da representação de conflito, no # 64.

suporta os sintomas histéricos”¹³. “Para que se forme um sintoma histérico, tem de existir um esforço de defesa <Abwehrbestreben> contra uma representação penosa”¹⁴. Resistência e defesa – voltaremos já ao sintoma – são igualmente conceitos fundamentais para a teoria da representação. Encontramo-nos aqui numa situação caracteristicamente dinâmica, em que certas forças se opõem. A representação é determinada pelo recalçamento, que é, por sua vez, o produto da resistência e da defesa do Eu por relação ao inconsciente. E as representações conscientes, tese fundamental, têm uma origem inconsciente, resultado directo – como se verá depois – de o Eu ter a sua origem no Id, ser um desenvolvimento a partir do Id¹⁵.

6. *Sentimentos conscientes e inconscientes*. Podemos agora colocar uma questão: será que, tal como há representações conscientes e inconscientes, há também sentimentos conscientes e inconscientes?¹⁶ A questão é importante, dado o significado do afecto <Affekt> – a ele retornaremos – para a teoria da representação. No sentido estrito, não há sentimentos inconscientes, é por excesso de facilidade que se fala de sentimentos – culpabilidade, angústia, etc. – inconscientes¹⁷. Não são os sentimentos que são inconscientes, mas as representações dos sentimentos que são recalçadas¹⁸. Deste modo, “não há, no sentido estrito, afectos inconscientes, no sentido em que há representações inconscientes (...) A diferença toda está em que as representações são investimentos – fundados sobre traços mnésicos – enquanto que os afectos e sentimentos correspondem a processos de descarga <Abfuhrvorgängen> cujas manifestações finais são percebidas como sensações”¹⁹. É o aspecto sensitivo dos afectos que os torna – contrariamente às representações inconscientes, necessariamente obscuras – patentes, ostensivos (qualquer que seja a sua eventual ambivalência).

7. *Representação, sintoma, afecto*. É a altura de introduzir o sintoma. O sintoma é o representante (tardio) de um pensamento <Gedanke> ou impulso <Impuls>²⁰, o resultado da acumulação de um afecto²¹. A moção pulsional <Triebregung>, isolada, engendra, para se compensar da recusa de satisfação a que é submetida, produtos psíquicos, descendentes <Abkömmlinge>, que a representam, e irrompem, na consciência, “sob uma forma substitutiva deformada e irreconhecível <in einer unkenntlich entstellten Ersatzbildung>”, que é o sintoma²². Como escreve Freud, “não sabemos renunciar a nada, sabemos apenas trocar uma coisa por outra; o que parece ser uma renúncia <Verzicht> não é, na realidade, senão uma formação substitutiva ou sucedânea <Ersatz- oder Surrogatbildung>”²³. A compreensão da natureza de certas formações mentais pode-se obter reconduzindo os sintomas a

¹³ *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 165.

¹⁴ *Zur Ätiologie der Histere*, I: 450.

¹⁵ Cf., a este respeito, o # 29.

¹⁶ *Das Unbewusste*, X: 275.

¹⁷ *Das Unbewusste*, X: 276.

¹⁸ *Das Unbewusste*, X: 276. Sabe-se como o conceito de “descarga” <Abfuhr> desempenha um papel importante, do ponto de vista económico, em Freud. Cf., entre outros lugares, *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 53; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 17, 31, 35; *Das Ich und das Es*, XIII: 273; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 163-164, 166, 212, 256.

¹⁹ *Das Unbewusste*, X: 277.

²⁰ *Selbstdarstellung*, XIV: 45.

²¹ *Selbstdarstellung*, XIV: 46.

²² *Die Frage der Laienanalyse*, IV: 230.

²³ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 215.

“representações investidas de afecto” <*affektbesetzte Vorstellungen*>²⁴. Esta recondução dos sintomas a “representações investidas de afecto” é outro passo importante na teoria da representação. Primeiro, porque associa decisivamente representação e afecto: as representações são, pela sua própria natureza, afectivas (na verdade, elas são investidas de um afecto que é tendencialmente excessivo – isso embora haja necessariamente, em certas circunstâncias, como efeito do recalçamento, divórcio entre a representação e o afecto). Depois, porque nos conduz decisivamente em duas direcções: a primeira, a da superfície (o sintoma); a segunda, aquela que é a mais profunda (a pulsão). As representações representam a pulsão. É a pulsão que se encontra na origem da representação. Quanto ao afecto, e à sua ligação à representação, convém sublinhar algo que será importante para a teoria das modalidades representativas: se a representação de realidade procurará, através de uma série de condições restritivas – nomeadamente do que chamaremos condição de imparcialidade²⁵ –, limitar (recalçar) a emergência afectiva, a representação de prazer dará livre curso à afectividade representativa – cf., por exemplo, a teoria do fantasma²⁶ –, e a representação de conflito procurará, sempre com precário sucesso, estabelecer um equilíbrio entre as duas outras atitudes representativas.

8. *Representante da pulsão.* O conceito de pulsão designa o estrato mais arcaico do inconsciente, aquele, como veremos à frente, que suscitou a Freud o maior número de reformulações. A teoria das pulsões é, indiscutivelmente, a mais complexa da psicanálise. A pulsão é o “representante psíquico <*psychische Repräsentanz*> das excitações originárias do interior do corpo e que chegam ao psiquismo”²⁷. Encontramo-nos em pleno inconsciente – num certo sentido, mais fundo do que o próprio inconsciente, no cruzamento obscuro do psíquico e do somático. “O núcleo do *Ics* [do sistema inconsciente] é constituído por representantes da pulsão que querem descarregar o seu investimento, portanto por moções do desejo”²⁸. A doutrina parece indicar que as pulsões são representadas, embora por vezes Freud, como acabamos de ver, considere que a própria pulsão é um “representante psíquico”: “Por “pulsão”, designamos o representante psíquico de uma fonte contínua de excitação proveniente do interior do organismo <*inersomatischen Reizequelle*>, que diferenciamos da “excitação” exterior e descontínua”²⁹; ou: as “pulsões do organismo” são “os representantes <*Repräsentanten*> de todas as forças agentes que provêm do interior do corpo e são transferidas para o aparelho psíquico”³⁰. A ambiguidade deriva do facto de as pulsões só poderem ser conhecidas – mesmo no inconsciente – através das representações (e dos afectos):–“a oposição entre consciente e inconsciente não se aplica à pulsão. Uma pulsão não pode nunca tornar-se objecto da consciência, só o pode a representação que a representa. Mas, também no inconsciente, a pulsão apenas pode ser representada pela representação. Se a pulsão não estivesse ligada a uma representação ou não aparecesse sob a forma de estado de afecto, nada poderíamos saber dela”³¹. Insistamos mais uma vez na

²⁴ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 63.

²⁵ Cf., adiante, # 30.

²⁶ Cf. o # 38.

²⁷ *Triebe und Triebchicksale*, X: 214. Para a teoria das pulsões, cf., adiante, # 58 e nota 367.

²⁸ *Das Unbewusste*, X: 285.

²⁹ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 67.

³⁰ *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 35.

³¹ *Das Unbewusste*, X: 275-276.

importância e na complexidade da teoria das pulsões. Estas, através dos seus conflitos intestinos, encontram-se, por via dos afectos, na origem de todas as representações e do jogo destas, situam-se na base da nossa “vida representativa”: “Tornamo-nos atentos à importância das pulsões para a vida representativa <Vorstellungsleben>; a experiência ensinou-nos que cada pulsão procura impor-se dando vida às representações conformes aos seus fins. Essas pulsões não se conciliam sempre entre si; elas entram muitas vezes em conflito de interesses; as oposições entre as representações não são senão a expressão dos combates entre as diferentes pulsões”³². Esta última afirmação é extraordinariamente importante: o conflito das representações reproduz o conflito pulsional. Não há vida representativa sem vida pulsional. Não se pensa sem se desejar.

9. *Pulsão, recalçamento, mobilidade do afecto, representações substitutivas.* O recalçamento, como já se viu, age sobre os representantes pulsionais. O “*recalçamento originário* <Urverdrängung> (...) consiste no facto de o representante psíquico (representante-representação <Vorstellungsrepräsentanz>) da pulsão se ver recusar a aceitação no consciente (...) O segundo estádio do recalçamento, o *recalçamento propriamente dito*, diz respeito aos produtos psíquicos do representante recalçado, ou a tais encadeamentos de pensamentos que, vindos de outro lado, entrarem em relação associativa com ele. Por causa dessa relação, essas representações conhecem o mesmo destino que o recalçado originário <das Urverdrängte>”³³. É de sublinhar que “o recalçamento não impede o representante da pulsão de persistir no inconsciente”³⁴. O destino das representações pulsionais é, efectivamente, o recalçamento: “O destino geral da representação representando a pulsão pode dificilmente ser algo diferente do de desaparecer do consciente quando era antes consciente, ou de ser mantida afastada da consciência quando estava prestes a tornar-se consciente”³⁵. O recalçamento, lembremo-lo mais uma vez, não corresponde a uma aniquilação – tarefa, de resto, impossível: a–“essência do processo de recalçamento não consiste em suprimir, em aniquilar, uma representação representando a pulsão, mas em a impedir de se tornar consciente”³⁶. O movimento do recalçamento origina-se na incompatibilidade das pulsões com o Eu. Quando, na vida representativa, as representações são inconciliáveis³⁷ com o Eu, este pretende que elas não tiveram lugar, ou pelo menos, procura transformar a “representação forte” numa “representação fraca”³⁸. “A representação, agora enfraquecida, permanece na consciência isolada de todas as suas associações, *mas o seu afecto tornado livre liga-se a outras representações, em si mesmas não inconciliáveis que, através desta “falsa conexão” <“falsche Verknüpfung”>, se transformam em representações obsessivas*”³⁹. Efectivamente, pelo menos do ponto de vista descritivo, “aquando do recalçamento, tem lugar uma separação <Trennung> do afecto e da sua representação”⁴⁰. A tese da libertação do afecto é fundamental para a teoria da representação, já que significa que o

³² *Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung*, VIII: 97.

³³ *Die Verdrängung*, X: 250.

³⁴ *Die Verdrängung*, X: 251.

³⁵ *Die Verdrängung*, X: 255.

³⁶ *Das Unbewusste*, X: 264.

³⁷ Sobre o conceito de “representação inconciliável <unverträglich>”, cf. *Die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 62 ss.

³⁸ *Die Abwehr-neuropsychosen*, I: 63.

³⁹ *Die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 65-66.

⁴⁰ *Das Unbewusste*, X: 278.

afecto, tornado livre, se encontra disposto a investir-se noutras representações, fenómeno que se encontra na origem da riqueza e complexidade da vida representativa. Quando se verifica o recalçamento da “representação originária de natureza sexual”, da “representação sexual inaceitável”, e se dá a emergência da “representação obsessiva”, esta última, “por si mesma pouco intensa”, é “dotada de um afecto cuja força é incompreensível”: “A separação da representação sexual e do seu afecto e a conexão deste com uma outra representação que lhe convém mas que não é inconciliável, são processos que se produzem sem consciência”⁴¹. O “afecto da representação obsessiva” aparecerá ao psicanalista como “deslocado <disloziert> ou transposto <transponiert>, e, se ele fizer suas as ideias aqui expostas, pode tentar, em qualquer outra série de casos, a retradução <Rückübersetzung> no sexual”⁴². Como, por exemplo, no caso das representações simbólicas, que são representações substitutivas⁴³. O que é uma representação substitutiva <Ersatzbildung>? É, pelo menos em certos casos, um “deslocamento do tipo da associação por contiguidade <Kontiguitätsassoziation>, ou antes, se considerarmos o conjunto do processo, é um recalçamento com substituição de algo de vizinho (sob a relação espacial e temporal)”: “os componentes não essenciais <unwesentlichen Bestandteile> de uma experiência vivida representam na memória os componentes essenciais da mesma experiência vivida”⁴⁴. “Se limitarmos a observação [dos mecanismos de recalçamento] aos resultados respeitantes ao elemento representação do representante <Vorstellungsanteil der Repräsentanz>, descobrimos que o recalçamento produz, regra geral, uma formação substitutiva.”⁴⁵

10. *Duas possibilidades de rejeição da representação: histórica e psicótica.* Há casos em que a “defesa contra a representação inconciliável” se faz através da “separação desta e do seu afecto”, e “a representação, mesmo enfraquecida e isolada”, permanece na consciência; é a possibilidade histórica; há, no entanto, casos mais radicais de defesa, que se manifestam quando “o Eu rejeita <verwift> a representação insuportável <unerträglich> ao mesmo tempo que o seu afecto e se comporta como se a representação não tivesse nunca chegado ao Eu. Mas, no momento em que isto se realiza, a pessoa encontra-se numa psicose que apenas podemos classificar como “confusão alucinatória””⁴⁶. O Eu defende-se da representação insuportável “através da fuga na psicose”; foge-lhe, “mas esta encontra-se inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de tal modo que o Eu, realizando esta acção, se separou também, no todo ou em parte, da realidade”; o sucesso na defesa conduz a um “estado de confusão alucinatória”⁴⁷. A rejeição total da representação – a possibilidade psicótica, distinta da possibilidade histórica – designa então a impossibilidade da representação. Ou, dito de outra maneira, conduz a uma regressão que substitui à representação uma apresentação, uma – *Darstellung*, alucinatória. Uma rejeição demasiado eficaz conduz ao retorno do recalcado sob a forma da alucinação e à recusa total da realidade. Veremos este processo no centro da representação de prazer.

⁴¹ *Die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 67.

⁴² *Die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 68.

⁴³ *Die Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 57.

⁴⁴ *Über Deckerinnerungen*, I: 537.

⁴⁵ *Die Verdrängung*, X: 256.

⁴⁶ *Die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 72.

⁴⁷ *Die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 73. Ela conduz à forclusão lacaniana, herdeira da *Verwerfung* freudiana (cf. a entrada sobre a forclusão no precioso *Vocabulaire de la psychanalyse*, de Jean Laplanche e J.-B. Pontalis, P.U.F., Paris, 1990 (1967)).

11. *Representação das instâncias psíquicas.* A teoria freudiana da representação prolonga-se numa análise das formas como as instâncias psíquicas se representam umas face às outras. Assim, e para dar dois exemplos, o Superego “representa <vertritt> (...) de modo absoluto a reivindicação da moralidade”⁴⁸, as “exigências restritivas e rejeitantes” <die einschränkenden und abweisenden Forderungen>⁴⁹ desta, e representa-a junto do Eu. E o Eu, por sua vez, tarefa delicada e penosa por excelência, assume a obrigação de representar <vertreten> o mundo exterior “junto do Id, para a salvação do Id que, sem respeito por esta potência exterior onipotente, não escaparia à aniquilação na sua aspiração cega à satisfação pulsional”⁵⁰.

12. *Representação de palavra e representação de coisa.* Diplomacia, selvajaria e tirania designam três modalidades representativas. Se a tarefa do Eu é, por assim dizer, diplomática, e a do Superego de natureza tirânica, as formas de representação do Id, são, na sua essência, e pelo seu extraordinário investimento afectivo, selvagens. A representação selvagem é uma representação inimiga de mediações (veremos que as mediações são centrais para a representação de realidade). E é assim sobretudo por o Id dispor apenas daquilo que Freud designa por “representação de coisa” <Sachvorstellung>, distinta da “representação de palavra” <Wortvorstellung> (ambas formas da “representação de objecto” <Objektvorstellung>⁵¹; a coisa é o objecto sem a mediação da palavra). A “verdadeira diferença entre uma representação *ics* e uma representação *pcs* (um pensamento) consiste em que a primeira se realiza num qualquer material que permanece não reconhecido, enquanto que na última (a representação *pcs*), acrescenta-se a conexão <Verbindung> com as representações de palavra. (...) A questão: como é que alguma coisa se torna consciente?, enuncia-se assim, de modo mais adequado: como é que alguma coisa se torna pré-consciente?, e a resposta seria: por conexão com as representações de palavra correspondentes”; e tais representações de palavra “são restos mnésicos <Erinnerungsreste>, elas foram no passado percepções e podem, como todos os restos mnésicos, tornarem-se de novo conscientes”⁵². Por meio das representações de palavra, os “processos de pensamento internos” <inneren Denkvorgänge> tornam-se conscientes⁵³. O Superego, por exemplo, permanece acessível à consciência a partir das representações de palavra⁵⁴ (naturalmente que ele é de todo inacessível ao Id). Toda e qualquer diplomacia é rompida quando, ao invés, lidamos apenas com a representação de coisa, essencialmente visual, e, portanto, índice de regressão: a figurabilidade, num típico movimento regressivo, passa a dominar o processo, conduzindo ao sonho e, eventualmente, à alucinação⁵⁵.

13. *Representantes dos pensamentos do sonho.* Os representantes dos pensamentos do sonho (quer dizer: do seu conteúdo latente) entram no conteúdo manifesto do sonho⁵⁶. Por uma via sabidamente retorcida: o trabalho do sonho. O trabalho do sonho produz “a

⁴⁸ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 67.

⁴⁹ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 75.

⁵⁰ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 82.

⁵¹ *Das Unbewusste*, X: 300.

⁵² *Das Ich und das Es*, XIII: 250.

⁵³ *Das Ich und das Es*, XIII: 247.

⁵⁴ *Das Ich und das Es*, XIII: 282.

⁵⁵ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 418 ss.

⁵⁶ *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 186.

selecção de representações suficientemente afastadas daquelas que são criticadas para que a censura as deixe passar, e que, no entanto, são descendentes <Abkömmling> destas mesmas representações, das quais, por uma transferência completa, assumiram o investimento psíquico”⁵⁷. Ao mesmo tempo, num plano mais profundo, a representação onírica, na sua regressão figural, reenvia para a situação originária de satisfação, onde qualquer cisão – e, concomitantemente, qualquer mediação – entre representado e representação é abolida:–“Originalmente (...) a existência da representação é já um garante da realidade do representado. A oposição entre subjectivo e objectivo não existe desde o princípio”⁵⁸. Assim também no sonho.

14. *Representação estética*. E a representação estética cumpre, no essencial, o mesmo fim. Conta apenas o prazer. “Quando utilizamos o nosso aparelho psíquico com um fim que, precisamente, não é a satisfação indispensável de uma das nossas necessidades, nesse caso deixamo-lo trabalhar sozinho para o seu prazer, procuramos retirar prazer da actividade que lhe é própria. Suponho que é essa, de um modo geral, a condição à qual se encontra submetida qualquer representação estética <ästetische Vorstellen>”⁵⁹. Também o sonho busca apenas, sozinho e a tudo o resto indiferente, no seu sagrado egoísmo, o seu próprio prazer⁶⁰. Dito de outra maneira: o aparelho psíquico trabalha em perfeita autonomia do princípio de realidade, tira férias deste, visando apenas exercitar a sua actividade natural⁶¹.

15. *Mobilidade do investimento no inconsciente*. O conjunto dos processos que determinam a representação inconsciente ganha em ser analisado através da noção económica de investimento, já antes referida. O recalçamento, por exemplo. O “retrocesso do investimento de energia <die Entziehung der Energiebesetzung> (ou de libido, se se trata de pulsões sexuais)” é comum aos mecanismos de recalçamento⁶². A característica fundamental do investimento inconsciente é a sua mobilidade, favorecida pela própria lógica do inconsciente⁶³. Não há, como se sabe, no sistema *Ics*, “nem negação, nem dúvida, nem grau na certeza. Tudo isso apenas é introduzido pelo trabalho da censura <Zensur> entre *Ics* e *Pcs*. A negação é um substituto <Ersatz> de recalçamento de um nível superior. No *Ics*, tudo que há são conteúdos mais ou menos fortemente investidos”; reina no *Ics* uma grande “mobilidade <Beweglichkeit> das intensidades de investimento <Besetzungsentensitäten>. Através do processo de deslocamento <Verschiebung>, uma representação pode transmitir todo o seu quantum de investimento a uma outra, e através da condensação <Verdichtung>, apropriar-se de todo o investimento de várias outras”⁶⁴. O conflito é constante entre o sistema *Ics* e o sistema *Pcs*, e nesse conflito, a noção de investimento é, de facto, fundamental. Tal como a de contra-investimento <Gegenbesetzung>. Assim, há um “contra-investimento pelo qual o sistema *Pcs* se protege contra o avanço da representação incons-

⁵⁷ *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 195.

⁵⁸ *Die Verneinung*, XIV: 14.

⁵⁹ *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 104.

⁶⁰ Cf. o # 42.

⁶¹ Sobre a questão da arte, cf. os ## 38 e 53.

⁶² *Die Verdrängung*, X: 257.

⁶³ Sobre a lógica do inconsciente, cf. o # 49.

⁶⁴ *Das Unbewusste*, X: 285-286.

ciente”, o contra-investimento “é o único mecanismo do recalçamento originário”⁶⁵. O jogo das representações – produto dos conflitos pulsionais – é o teatro da luta entre investimentos e contra-investimentos.

16. *Quantum de afecto e pulsão*. Podemos voltar agora à tese original: a da natureza fortemente afectiva das representações, acentuando desta vez o seu aspecto económico. As representações encontram-se “afectivamente investidas”⁶⁶. E a teoria do afecto, tal como a teoria da representação, de que é solidária, remete para a teoria das pulsões e para o entendimento económico desta. É, de facto, necessário “considerar, a par da representação, algo diferente, que representa a pulsão”, e esse algo diferente “sofre um destino de recalçamento que pode ser totalmente diferente do da representação. Para designar esse outro elemento do representante psíquico, o nome de *quantum de afecto* <Affektbetrag> é admitido: ele corresponde à pulsão, na medida em que ela se separou da representação e encontra uma expressão conforme à sua quantidade nos processos que são sentidos sob forma de afectos”⁶⁷. Quer dizer: sob a influência do recalçamento, a pulsão, como já víamos, liberta-se da representação à qual se encontrava originalmente ligada e procura uma via de expressão. Três possibilidades se apresentam então: “O destino do factor quantitativo do representante pulsional pode ser triplo (...): a pulsão é completamente reprimida, de tal modo que não se encontra traço algum dela; ou manifesta-se sob a forma de um afecto dotado de uma qualquer coloração qualitativa; ou, finalmente, transforma-se em angústia”⁶⁸. Não interessa aqui explorar os resultados de qualquer destas três vias. Interessa apenas sublinhar a mobilidade intrínseca ao afecto.

17. *Vida afectiva e regressão*. E, igualmente, sublinhar a possibilidade de um movimento patológico de regressão, que é o retorno a uma afectividade primária, por natureza excessiva e próxima da alucinação. “A essência da doença mental é o retorno a estados anteriores da vida afectiva e da função”⁶⁹. Assim a criança, o sonho, a multidão e a poesia. A afectividade da criança e do sonho manifestam uma “intensificação <Steigerung> de todos os movimentos afectivos até ao extremo e à desmesura”⁷⁰. O mesmo se passa com a multidão⁷¹. Como escreve Freud,

“a carga afectiva <Affektladung> dos indivíduos isolados intensifica-se por indução recíproca”⁷². E a poesia joga também com essa intensificação dos afectos: “O poeta faz como a criança que brinca; cria-se um mundo imaginário que leva muito a sério, isto é, que dota de grandes quantidades de afecto, distinguindo-o nitidamente, no entanto, da realidade”⁷³.

18. *Ambivalência afectiva e identificação*. O excesso afectivo potenciado pela regressão pode manifestar-se de formas aparentemente contraditórias. A ambivalência <Ambivalenz> é uma delas: nas crianças, encontram-se atitudes afectivas ambivalentes

⁶⁵ *Das Unbewusste*, X: 280.

⁶⁶ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 63.

⁶⁷ *Die Verdrängung*, X: 255.

⁶⁸ *Die Verdrängung*, X: 255-256.

⁶⁹ *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 337-338.

⁷⁰ *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 83, nota.

⁷¹ *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: Secção 3, *passim*, e p. 95 (intensificação dos afectos <Affektsteigerung> nas multidões).

⁷² *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 91.

⁷³ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 214. Cf. o # 38.

<ambivalente Gefühlseinstellungen> relativas às pessoas que lhes são mais próximas⁷⁴. Ou, então consiste em modos que supõem uma quase-alucinação de identidade: a identificação <Identifizierung> “é a forma mais precoce e mais originária do laço afectivo com um objecto” <die ursprünglichste Form der Gefühlsbindung an ein Objekt>⁷⁵. O que é frequente no comportamento das multidões: “uma multidão psicológica é uma reunião de indivíduos que introduziram a mesma pessoa no seu Superego e que, na base desta comunidade, se identificaram uns aos outros <miteinander identifiziert> no seu Eu”⁷⁶.

19. *Recapitulação e passagem às três formas de representação.* Realidade, prazer e conflito originam-se em representações inconscientes. Designam modalidades representativas que correspondem a investimentos em diferentes tipos de objectos. Ou melhor: que criam os objectos próprios através da intensidade dos investimentos. Por isso, e do ponto de vista que aqui interessa, a eficácia das três modalidades representativas caracteriza-se por um sempre particular acordo, uma consonância, com os seus objectos. Há “descoberta de objectos” e “escolha de objectos” (e “amor”, e “perda”), e essa descoberta e essa escolha (e o amor e a perda) variam de acordo com as três modalidades representativas. Os objectos ligam-se, ultrapassando as resistências (que variam consoante as modalidades representativas), à interpretação. Mais profundamente, as modalidades representativas (mesmo a representação de prazer, pelo menos na sua forma “domesticada”) são formas de defesa do Eu face ao indeterminado, formas de dominar, aprisionar e estabilizar um fluxo representativo – melhor seria dizer: – *apresentativo* – originário e selvagem. Elas correspondem a uma tentativa de, literalmente, recalcar esse fluxo através de um processo de compartimentação da energia representativa. Do ponto de vista da teoria do afecto, realidade, prazer e conflito são afectivamente evidentes – a realidade menos do que os outros dois, é verdade –, no sentido em que os sentimentos de realidade, prazer e conflito se apresentam como patentes. O que escapa à evidência são as razões que presidem à constituição das modalidades representativas. Estas são, convém sublinhá-lo, *sintomáticas*: são, na sua essência, formações substitutivas enquadradas pela necessidade de compartimentação acima referida. Os afectos que são transmitidos pelas modalidades representativas – e que são, repitamo-lo, evidentes – são, na sua diversidade, produto, e revelação, de um jogo pulsional subterrâneo. As representações originam-se, com efeito, nas pulsões, e remetem para uma – “excitação originária” que se exprime através das moções do desejo. As modalidades representativas ecoam as moções do desejo mais fundas do psiquismo, algo como a “coisa em si” deste, insusceptível de ser trazida à consciência, a origem da “vida representativa”. As modalidades representativas resultam do recalçamento dessa “coisa em si” originária, cujos representantes, no entanto, continuam activos no inconsciente. E elas revelam a mobilidade do afecto que as origina, mobilidade essa que, exactamente, permite ao afecto investir-se (simbolicamente, substitutivamente) nas várias modalidades representativas. Mas é fundamental, para que as modalidades representativas existam, que a rejei-

⁷⁴ *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 84, nota.

⁷⁵ *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 118. Ela remete para aquilo que Freud designa por “identificação primária” <primäre Identifizierung> (*Das Ich und das Es*, XIII: 259). Desenvolvendo o tema da identificação, Melanie Klein e Anna Freud propuseram, respectivamente, os conceitos de “identificação projectiva” <Projektionidentifizierung> e “identificação ao agressor” <Identifizierung mit dem Angreifer>. (Cf. as entradas com estes títulos no *Vocabulaire de la psychanalyse*, cit.)

⁷⁶ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 94.

ção da representação pulsional originária não seja absoluta. Se este último caso se verificar, a representação confunde-se com a alucinação. Outro aspecto importante: as modalidades representativas contactam umas com as outras. A representação de conflito faz-se notar junto da representação de realidade, e esta junto da representação de prazer. Sem este jogo inter-representativo, as próprias modalidades representativas tenderiam a colapsar. Ele processa-se de modo diferente consoante se origina nas representações de realidade, prazer ou conflito. No primeiro caso, a representação é diplomática; no segundo, selvagem; no terceiro, tirânica. A modalidade representativa menos agressiva é a representação de realidade, aquela que melhor utiliza a representação de palavra. É a mais agressiva – aquela que, de certo modo, justifica o carácter dinâmico da representação de conflito – é a representação de prazer, que contém em si em germe a possibilidade da anulação da própria representação e da sua substituição pela pura apresentação. Tal substituição da representação pela apresentação significaria uma radical autonomização do prazer face à realidade e ao conflito, isto é, a recusa de qualquer mediação representativa. Porque as modalidades representativas estão sujeitas a processos de investimento e contra-investimento, a energia investida numa modalidade representativa pode ter sido originalmente destinada a outra, o que é ainda uma forma de sublinhar a inter-relação das formas de representação. Essa inter-relação seria destruída, lembremo-lo mais uma vez, se a regressão, a possibilidade regressiva, fosse radical: nesse caso, verificar-se-ia a destruição da representação como consequência da desmesura do afecto. A distância necessária à representação dissolver-se-ia numa apresentação alucinada, uma espécie de retorno da representação à sua origem, o fechamento em si da psique, a morte da vida representativa.

20. *Resumo.* A teoria freudiana da representação põe em evidência um laço estrutural entre representação e afecto. A representação, maximamente no sintoma, articula-se com o inconsciente e as pulsões, e, por conseguinte – lugar de investimentos e de contra-investimentos – é vítima de censuras e recalcamientos. Mas estas determinações comuns à pluralidade das representações, não nos impedem de distinguir três formas de representação susceptíveis de serem tematizadas na obra de Freud, correspondendo – vê-lo-emos no final deste texto – a três “pulsões de investigação” diferentes. Trata-se agora de tentar apurar o que é próprio à *representação de realidade*, à *representação de prazer* e à *representação de conflito*, e de elucidar os três tipos de condições metapsicológicas necessárias a essas formas de representação. O que está em jogo é saber qual a *forma de existência* dos objectos a que essas representações se referem e qual a natureza das representações que os dizem. Começemos com a representação de realidade.

II. Realidade

21. *A série da realidade.* O pensamento, tal como normalmente entendido, dirige-se à realidade – e à realidade afectada de exterioridade. Há uma *série da realidade* elaborada por Freud. Ela comporta o princípio da realidade (oposto ao princípio do prazer)⁷⁷; a energia

⁷⁷ Algumas indicações. A substituição <Ablösung> do princípio de prazer pelo princípio de realidade, a passagem <Übergang> do primeiro ao segundo, é “dolorosamente sentida” <schmerzlich empfundenen>. Tal passagem é o produto da acção do Eu, que tem em conta as “condições impostas pelo mundo exterior”:

ligada <gebundene Energie>⁷⁸; o chamado processo secundário <Sekundärvorgang>⁷⁹; a excitação <Reiz>⁸⁰; o desprazer <Unlust>⁸¹; a identidade de pensamento <Denkidentität>⁸²; a representação de palavra <Wortvorstellung>⁸³ (acompanhada da representação de coisa); a prova de realidade <Realitätsprüfung>⁸⁴; o Eu-realidade <Real-Ich>, o Eu que reconhece o Não-Eu⁸⁵; a libido de objecto <Objektlibido>⁸⁶; o sistema Cs, e, num certo sentido, o sistema Pcs⁸⁷; o sistema percepção-consciência <Wahrnehmung-Bewusstsein> (Pc-Cs)⁸⁸; a relação ao tempo <Zeitbeziehung>⁸⁹. É essa série (melhor dizendo: a articulação interna dos elementos que constituem a série) que nos permite pensar a realidade como exterior, isto é, investir afectivamente na representação de realidade. Tomemos o exemplo prototípico da satisfação sexual futura⁹⁰. O bebé, no exemplo célebre de Freud, acaba por descobrir – é a prova de realidade – que o seio da mãe, no início tomado como algo de indiferenciado do seu próprio corpo⁹¹, é algo que lhe é exterior⁹². Mais tarde, as consequências dessa original descoberta conduzirão ao “processo da descoberta do objecto” <Prozess der Objektfindung>⁹³. A verdade – a possibilidade de falarmos da verdade, de a considerarmos uma meta – supõe uma tal posição de exterioridade⁹⁴.

“Sob a influência das pulsões de auto-conservação do Eu, o princípio do prazer é revezado *pelelo princípio de realidade*; este não renuncia à intenção de, finalmente, obter prazer, mas exige e põe em vigor o adiamento <Aufschub> da satisfação, a renúncia <Verzicht> a várias espécies de possibilidades de o obter e a tolerância <Duldung> provisória do desprazer no longo desvio <Umweg> que leva ao prazer”. Na verdade, o princípio de realidade é uma modificação <Modifikation> do princípio do prazer. Cf. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 82; *Das Unbewusste*, X: 288; *Selbstdarstellung*, XIV: 85, 90; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 227-228; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 6, 36; *Das Ich und das Es*, XIII: 252.

⁷⁸ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 86; *Das Unbewusste*, X: 287.

⁷⁹ O processo secundário caracteriza-se sobretudo por uma ligação <Bindung> do “investimento livremente móvel”. *Die Traumdeutung*, II/III: 593 ss; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 86; *Das Unbewusste*, X: 286, 300; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 36 e Secção 7, passim.

⁸⁰ *Triebe und Triebchicksale*, X: 211 ss.

⁸¹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 68.

⁸² *Die Traumdeutung*, II/III: 607.

⁸³ *Das Unbewusste*, X: 300-303; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 418-420.

⁸⁴ A prova da realidade não é uma acção do Superego, mas sim do Eu. Cf, em geral, *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 84, 130; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 82; *Das Unbewusste*, X: 287-288; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 422 ss; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 86; *Das Ich und das Es*, XIII: 256, nota.

⁸⁵ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 235; *Triebe und Triebchicksale*, X: 228; *Die Verneinung*, XIV: 13.

⁸⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 73. *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 143, 151.

⁸⁷ *Das Unbewusste*, X: 263-303; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 424-426.

⁸⁸ *Hemmung, Symptom und Angst*, XIV: 119; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 81.

⁸⁹ *Das Unbewusste*, X: 286.

⁹⁰ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 82 (“Quando se viu a criança, saciada, abandonar o seio, cair nos braços da mãe, e, as bochechas coradas, com um sorriso feliz, adormecer, não podemos deixar de dizer que essa imagem permanece o modelo <Bild> e a expressão <Ausdruck> da satisfação sexual que ela conhecerá mais tarde”).

⁹¹ *Selbstdarstellung*, XIV: 61.

⁹² *Ergebnisse, Ideen, Probleme*, XVII: 151; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 115.

⁹³ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 123-131.

⁹⁴ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 184 (“O pensamento científico (...) aspira atingir a consonância com a realidade <die Übereinstimmung mit der Realität>, isto é, com aquilo que existe fora de nós, independentemente de nós, e que, como a experiência no-lo ensinou, é decisivo para a satisfação <Erfüllung> ou o falhanço <Vereitelung> dos nossos desejos. A essa consonância com o mundo exterior real <realen Aussenwelt>, chamamos verdade”).

22. *Condição de exterioridade.* Do ponto de vista do problema da representação, o traço principal da série da realidade é a posição da exterioridade. Pensando, representamos algo que nos é exterior. Em termos fichteanos, que Freud adopta – sem que, obviamente, isso signifique uma qualquer posição a favor do idealismo transcendental de Fichte (embora outras coincidências com este possam ser assinaladas) –, representamos o Não-Eu⁹⁵. A *condição de exterioridade* é a primeira condição metapsicológica da representação de realidade.

23. *O Eu e a consciência.* A série da realidade é a série da consciência, um facto psíquico indubitável⁹⁶. Do ponto de vista tópico – do ponto de vista da localização espacial das qualidades psíquicas –, esta série refere-se àquilo que se passa “na camada cortical mais extrema do Eu”⁹⁷, isto é, aquela que mais directamente contacta com o exterior. A função do Eu é a de “submeter à sua influência domínios cada vez mais vastos, camadas cada vez mais profundas do Id”, transformando a energia livre em energia ligada, intercalando, “entre a exigência pulsional e o acto próprio a satisfazê-la”, uma “actividade de pensamento <Denktätigkeit>”⁹⁸. Quer dizer que o Eu introduz a mediatidade, e isso em vista da sua própria sobrevivência (e, secundariamente, da do Id⁹⁹). Pois, se a preocupação principal do Id é, como veremos, o prazer, a preocupação essencial do Eu é a segurança <Sicherheit>¹⁰⁰ e a utilidade <Nützlichkeit>¹⁰¹ (o sonho, como seria de esperar, é totalmente alheio a qualquer preocupação utilitária¹⁰² – embora possua, *volens nolens*, se aqui se pudesse dizer, uma utilidade: a de proteger o sono¹⁰³).

24. *Condição de mediatidade.* Novo aspecto importante do ponto de vista da representação: o domínio da representação de realidade tende a alargar-se à medida que a capacidade de influência do Eu se desenvolve. O lugar da representação de realidade situa-se entre a exigência pulsional e a satisfação desta. A representação visa a segurança e a utilidade. A existência de uma actividade de pensamento entre a exigência pulsional e a satisfação desta (chamemos-lhe *condição de mediatidade*) é a segunda condição metapsicológica da representação de realidade. Trata-se de um dos aspectos que mais acentuam o carácter diplomático da representação de realidade.

25. *A dúvida.* Passada a fase de ódio face à exterioridade (“o ódio, *enquanto relação ao objecto*, é mais antigo do que o amor”¹⁰⁴), a admissão da realidade exterior, a consciên-

⁹⁵ Sobre a posição do Não-Eu em Fichte, permito-me reenviar a P. Tunhas, “Quando pensar é agir: teoria dos actos de pensamento”, in F. Gil e V. Lopez-Dominguez, eds., *Actas do colóquio Fichte: crença, imaginação e temporalidade*, Campo das Letras, Porto, 2002, 109-145.

⁹⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 79 (Freud censura precisamente ao behaviourismo o ele pensar poder “estabelecer uma psicologia que não tenha em conta este facto fundamental <Grundtatsache>”).

⁹⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 83.

⁹⁸ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 129.

⁹⁹ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 82.

¹⁰⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 129-130.

¹⁰¹ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 235.

¹⁰² *Einige Nachträge zum Ganzen der Die Traumdeutung*, I: 561.

¹⁰³ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 23.

¹⁰⁴ *Triebe und Triebchicksale*, X: 231. Sou eu que sublinho *als Relation zum Objekt*, porque originariamente, não há relação a um objecto *enquanto algo distinto de nós*. Cf. tb. *Die Disposition zur Zwangsneurose*, VIII: 451.

cia que o pensamento é sobre algo de exterior a nós, introduz a dúvida. Ela não é inaugural: os “pensamentos primários do sonho” – tal como, de resto, as multidões analisadas em “Psicologia das multidões e análise do Eu”, que também “pensam por imagens” <denkt in Bildern> – “ignoram a dúvida <Zweifel> e a incerteza <Ungewissheit> enquanto operação crítica”¹⁰⁵. A dúvida é, num certo sentido, um sucedâneo do ódio – na mesma medida em que o amor é um sucedâneo da certeza alucinada. Mas – mesmo nos casos patológicos da compulsão a duvidar na neurose obsessiva (caso do *Homem dos Ratos*)¹⁰⁶ – é também um sinal da aceitação (sempre precária, é verdade) da realidade enquanto algo exterior. Não há, para o Eu-realidade – como há para o Eu-prazer¹⁰⁷ –, identidade entre a realidade de pensamento e a realidade exterior. Há um abismo.

26. *Condição de dúvida*. Para que haja representação de realidade é necessário que haja distinção entre realidade de pensamento e realidade exterior. Essa distinção abre sempre o caminho para a dúvida: estará a nossa representação certa? A dúvida quanto à justeza da nossa representação pressupõe obviamente uma distinção entre a representação e o representado. A *condição de dúvida* é a terceira condição metapsicológica da representação de realidade.

27. *A realidade e os seus inimigos*. O problema com a *série da realidade* é que ela não é originária. A realidade chega sempre mais tarde. A única série verdadeiramente originária é a *série do prazer*, de que falarei mais adiante. A *série da realidade* é assim uma série abstracta, posta, constituída, através de uma tripla oposição: ao mundo exterior (físico: não interiorisável), ao Id (ao inconsciente) e ao Superego (social: exterior mas interiorisável) – os “três déspotas” <Zwingerherren>¹⁰⁸, responsáveis pelas três formas de angústia: real, neurótica e moral¹⁰⁹ (o conceito de Superego deve ser distinguido do de Ideal do Eu <Ichideal>¹¹⁰ e, sem dúvida mais ainda, do de Eu ideal <Idealich>¹¹¹; ambos reenviam, embora de maneira diferente, ao narcisismo). Situado entre o Id e o mundo exterior¹¹², e entre o Id e o Superego, o Eu (consciente) é um lugar de compromissos¹¹³. E,

¹⁰⁵ *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 83.

¹⁰⁶ *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose*, VII: 379-463 (cf. especialmente pp. 449-450, 457, sobre a relação entre a dúvida e a indecisão <Unentschlossenheit>); *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 267. Sobre a “loucura da dúvida” <Zweifelsucht, folie de doute> e a hesitação <Zauder>, cf. tb. *Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als “Angstneurose” abzutrennen*, I: 318, 323; *Obsessions et phobies. Leur Mécanisme Psychique et leur Etiologie*, I: 349-350; *Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 390 (sobre a “ruminação compulsiva” <Grübelzwang>), 401 (sobre a desconfiança relativamente a si mesmo e aos outros); *Die Disposition zur Zwangsneurose*, VIII: 450; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 267, 299.

¹⁰⁷ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 236-237.

¹⁰⁸ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 84.

¹⁰⁹ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 92.

¹¹⁰ *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 161; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 71; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: sobretudo da secção 7 em diante; *Das Ich und das Es*, XIII: secções 3-5.

¹¹¹ *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 161; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 444.

¹¹² *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 136.

¹¹³ Cf. *Hemmung, Symptom und Angst, Symptom und Angst*, XIV: 122. Os conceitos de compromisso <Kompromiss> e de formação de compromisso <Kompromissbildung> são conceitos fundamentais em Freud. Cf, por exemplo, *Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 387, 400, 401; *Über Deckerinnerungen*, I: 536, 537; *Zwangshandlungen und Religionsübungen*, VII: 137, 138; *Meine Berührung*

por ser o lugar da apreciação do perigo, é o lugar por excelência da angústia¹¹⁴. O Eu é um presente a braços com dois passados: o passado orgânico do Id – um passado imortal: as “moções do desejo” são “virtualmente imortais” <virtuell unsterblich>¹¹⁵ – e o passado cultural do Superego¹¹⁶. Dois passados que, de resto, se mantêm presentes, de modo virtual ou real¹¹⁷.

28. *Condição de compromisso*. A representação, enquanto actividade própria do Eu, é, tal como este, sempre o produto de um compromisso. Ela não é originária. A *condição de compromisso* é uma terceira condição metapsicológica da representação de realidade.

29. *A prova da realidade*. A realidade é descoberta através da decepção <Enttäuschung> que, no desenvolvimento da nossa vida psíquica, nos faz abandonar a alucinação¹¹⁸. Dito de outra maneira: é descoberta com a frustração <Versagung>, com a não satisfação da alucinação¹¹⁹. O aparelho psíquico aprende a conviver com aquilo que é desagradável <unangenehm>¹²⁰. Os órgãos dos sentidos desenvolvem-se, tal como a consciência <Bewusstsein>, a atenção <Aufmerksamkeit> e a memória <Gedächtnis>¹²¹, e desenvolve-se igualmente – é fundamental – a imparcialidade <Unparteilichkeit> do acto de julgar <Urteilsfällung>, que nos permite decidir se uma determinada representação é verdadeira ou falsa, isto é, se ela está de acordo <im Einklang> com a realidade <Realität>¹²². Aprendemos, por exemplo, a distinguir a realidade do simples desejo, por mais intenso que este seja¹²³, as percepções das representações¹²⁴. A acção <Handeln> modificadora da realidade torna-se possível¹²⁵. O processo de pensamento <Denkprozess>, originariamente inconsciente <ursprünglich unbewusst>, eleva-se a partir da pura actividade de representação <Vorstellen>, e, ligando-se aos “restos verbais” <Wortreste>, torna-se consciente¹²⁶. É verdade que o Eu é apenas uma “parte diferenciada”, “a parte organizada” <der organisierte

mit Josef Popper-Lynkeus, XVI: 264, 265; *Das Unbewusste*, X: 285; *Trauer und Melancolie*, X: 430; *Selbstdarstellung*, XIV: 55, 71, 73, 90; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 259; *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 347; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 196, 204, 232, 233, 267; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 66, 67, 200, 219, 261; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 19. O conceito de compromisso – é importante sublinhá-lo – é um conceito dinâmico (*Psycho-Analysis*, XIV: 301).

¹¹⁴ *Hemmung, Symptom und Angst*, XIV: 120, 171 e *passim*; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 91-92. Sobre a angústia, entre muitos outros textos – o problema da angústia é um problema central da psicanálise – cf. igualmente *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição XXV; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 85, e Lição XXXII; *Die Verdrängung*, X: *passim*; *Das Unbewusste*, X: 276, 278, 281-284.

¹¹⁵ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 80.

¹¹⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 138. Sobre o passado do Superego, cf. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 73-74.

¹¹⁷ *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 413.

¹¹⁸ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 231.

¹¹⁹ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 422. Sobre a frustração, cf. *Über neurotische Erkrankungsstypen*, VIII: 321-330.

¹²⁰ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 232.

¹²¹ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 232-233.

¹²² *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 233.

¹²³ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 421.

¹²⁴ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 422.

¹²⁵ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 233.

¹²⁶ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 234.

Anteil> do Id¹²⁷, formando com este uma “unidade biológica”¹²⁸, e que, por isso, a distinção entre os dois “sistemas psíquicos” (consciente e inconsciente) não oferece uma “pureza esquemática”¹²⁹. Mas a diferenciação e a organização são efectivas. Com efeito, é essencial para o pensamento consciente a “transformação dos investimentos livremente deslocáveis [da energia livre] em investimentos ligados [energia ligada]”¹³⁰. Eu e consciência são solidários, há uma associação entre as pulsões do Eu e as actividades da consciência¹³¹.

30. *Condição de imparcialidade.* A representação de realidade é o resultado do abandono da alucinação, da satisfação imediata, e da aprendizagem do convívio com o desagradável. Trata-se de uma representação tendencialmente des-vestida de afecto. O compromisso no qual ela se baseia encontra-se assim sublinhado. Bem como a natureza da dúvida quanto à sua justeza: as representações podem ser verdadeiras ou falsas, podem concordar (entrar em consonância, seria talvez mais justo dizer) ou não com a realidade (serem com ela dissonantes); e é possível avaliar acordos e desacordos. Temos assim uma quinta condição metapsicológica de representação de realidade: a *condição de imparcialidade*. A psicanálise, diga-se de passagem, tem por missão respeitá-la¹³², mesmo que ela seja difícil quando lidamos com as questões últimas, os “grandes problemas da ciência e da vida”¹³³. Isso até na relação do analista com os outros médicos, devendo ele sempre pôr em dúvida a sua imparcialidade no que respeita à preferência pelo tratamento psíquico em detrimento do tratamento orgânico¹³⁴. Trata-se da imparcialidade própria à ciência¹³⁵.

31. *Articulação das condições metapsicológicas da representação de realidade.* Haverá então cinco condições metapsicológicas da representação de realidade: condição de exterioridade; condição de mediatidade (entre o desejo e a sua satisfação); condição de dúvida; condição de compromisso; e, finalmente, condição de imparcialidade. Estas cinco condições fazem sistema entre si e servem primacialmente para pensar a realidade exterior, e sobretudo os objectos das ciências da natureza. Sobre a condição de exterioridade, uma condição de tipo ontológico, não parece necessário alongarmo-nos. A condição de mediatidade prolonga, de certa maneira, a condição de exterioridade: para satisfazer o desejo, é necessária uma actividade. Dizer isto é reconhecer a existência de um intervalo entre o desejo e a sua satisfação, o que é uma outra maneira de reconhecer a exterioridade. A condição de dúvida é a formulação epistémica da condição de mediatidade, que possui uma ressonância pragmática. A condição de compromisso indica que a representação de realidade é o produto do sujeito consciente, o que é perfeitamente coerente com a condição de dúvida (a dúvida é sempre consciente). Finalmente, a condição de imparcialidade é a versão episte-

¹²⁷ *Hemmung, Symptom und Angst*, XIV: 124. Cf. tb. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 80, 83, 99. A palavra *Organisation* é fundamental; ela reaparece em vários outros textos de Freud relativos ao Eu.

¹²⁸ *Einige Nachträge zum Ganzen der Traumdeutung*, I: 568.

¹²⁹ *Das Unbewusste*, X: 289.

¹³⁰ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 233.

¹³¹ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 235.

¹³² *Die Zukunft einer Illusion*, XIV: 360 (ela é um “método de investigação” e um “instrumento imparcial” <ein parteiloses Instrument>); “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 215. Em *Die Frage der Laienanalyse* (XIV: 207-296), Freud desenvolve esta problemática.

¹³³ *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 64.

¹³⁴ *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 278 (a palavra aqui utilizada é *Unbefangenheit*).

¹³⁵ *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 324.

mológica da condição epistémica da dúvida: é ela que nos permite avaliar o acordo ou o desacordo das nossas representações com a realidade exterior, tal como posta na condição (ontológica) de exterioridade. Sem o jogo interno destas cinco condições metapsicológicas, não haveria ciências da natureza. Não haveria representação de realidade.

32. *Antes da realidade*. Mas esta transformação do pensamento em pensamento consciente – concomitante à transformação <Umwandlung> do Eu-prazer em Eu-realidade¹³⁶ – não esgota, nem de perto nem de longe, toda a capacidade do pensamento. Uma outra forma de pensamento <eine Art Denktätigkeit> sobrevive, separada por uma clivagem <Spaltung> do pensamento consciente, uma clivagem do Eu: ela obedece ao princípio do prazer, é imune à prova da realidade <Realitätsprüfung>, não se apoia sobre objectos reais <reale Objekte> – isto é, sobre os produtos da energia ligada – e manifesta-se na criação de fantasmas <das Phantasieren>¹³⁷. Como Freud escreve, numa primeira versão da teoria das pulsões, do mesmo modo que as actividades da consciência se encontram associadas às pulsões do Eu, o fantasma <Phantasie> está ligado à pulsão sexual <Sexualtrieb>¹³⁸. Mas passamos assim à *série do prazer*, a série do Id.

III. Prazer

33. *A série do prazer*. Para Freud, o pensamento não se constitui, já o disse, originariamente a partir da série da realidade. Constitui-se a partir da *série do prazer*. A representação de prazer é anterior à representação de realidade. A série do prazer comporta também vários elementos: o princípio do prazer <Lustprinzip> (oposto ao princípio da realidade, e condenado a ser por este parcialmente dominado), aliado à ideia de diminuição de excitação¹³⁹; a energia livre <freie Energie>¹⁴⁰; o processo primário <Primärvorgang>¹⁴¹; a identidade de percepção <Wahrnehmungsidentität>¹⁴²; a representação de coisa <Sachvorstellung, Dingvorstellung>¹⁴³ (sem representação de palavra concomitante); o prazer <Lust>¹⁴⁴; a experiência de satisfação <Befriedigung>¹⁴⁵; o sistema Ics¹⁴⁶; a já mencionada diminuição da excitação¹⁴⁷, regulada pelo princípio de constância <Konstanzprinzip>¹⁴⁸, ou

¹³⁶ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 237.

¹³⁷ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 234.

¹³⁸ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 235. Sobre a teoria das pulsões, cf., adiante, o # 58 e a nota 378.

¹³⁹ *Triebe und Triebchicksale*, X: 214; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 227. Cf. tb. *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 3-69; *Das Unbewusste*, X: 286 (os “processos Ics” encontram-se submetidos ao princípio do prazer). Sobre a substituição do princípio da realidade ao princípio do prazer, cf., por exemplo, *Das Ich und das Es*, XIII: 252; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 228. (Já referi esta questão na nota 77.)

¹⁴⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 86, 91; *Das Unbewusste*, X: 287.

¹⁴¹ *Die Traumdeutung*, II/III: 593 ss; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 86, 91, 128. *Das Unbewusste*, X: 286; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 35-36, 67, 68. Os processos primários constituem as “leis do pensamento inconsciente” (*Fetischismus*, XIV: 313).

¹⁴² *Die Traumdeutung*, II/III: 571.

¹⁴³ *Unbewusste*, X: 299 ss; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 418 ss.

¹⁴⁴ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 68.

¹⁴⁵ *Triebe und Triebchicksale*, X: 212.

¹⁴⁶ *Das Unbewusste*, X: 263-303.

¹⁴⁷ *Triebe und Triebchicksale*, X: 214.

¹⁴⁸ Sobre o princípio de constância, cf. *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 5, 60.

mesmo obedecendo ao princípio de Nirvana¹⁴⁹; o Eu-prazer <Lust-Ich>¹⁵⁰ – o Eu na medida em que ele tende à obtenção do prazer e ao evitamento do desprazer¹⁵¹; a libido narcísica <narzisstische Libido>, ou libido do Eu <Ichlibido>¹⁵², ou ainda a libido de objecto, quando, em “pleno estado de paixão amorosa”, “a maior parte da carga libidinal é transferida para o objecto” e “este toma, numa certa medida, o lugar do Eu” (quando a libido perde a sua mobilidade <Beweglichkeit>, e há fixação <Fixierung>)¹⁵³; a alucinação <Halluzination>¹⁵⁴; o inconsciente¹⁵⁵; o Id¹⁵⁶, “um caos, um caldeirão cheio de excitações em ebulição” <ein Chaos, einen Kessel voll brodelnder Erregungen>¹⁵⁷; a ausência de relação ao tempo¹⁵⁸ (o inconsciente é “imortal”¹⁵⁹).

34. *Condição de arcaicidade.* A representação de prazer dá-se num estrato mais arcaico do que a representação de realidade. Podemos deste modo falar de uma primeira condição metapsicológica da representação de prazer: a *condição de arcaicidade*.

35. *Aquém da cisão interior/exterior.* Nesta série que, repitamo-lo, é mais originária do que a série de realidade – desde o início da vida psíquica, na “fase oral”, deparamo-nos com uma imperiosa necessidade de satisfação <Befriedigungsbedürfnis>¹⁶⁰ –, o pensamento funciona sem que haja consciência de algo que lhe seja exterior, ou, em todo o caso, tende a abolir a exterioridade (podendo, quando a imersão no “mundo interior” <Innenwelt> é completa, cair na psicose¹⁶¹, que implica uma abolição da prova da realidade¹⁶², uma espécie de golpe de Estado na consciência (a imagem não é de Freud); mas essa

¹⁴⁹ A designação deve-se a Barbara Low. Cf. *Das ökonomische Problem des Masochismus*, XIII: 372; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 60.

¹⁵⁰ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 235; *Triebe und Triebchicksale*, X: 228; *Die Verneinung*, XIV: 13.

¹⁵¹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 68 ss.

¹⁵² *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 139 ss.

¹⁵³ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 72-73. Cf. tb. *Triebe und Triebchicksale*, X: 215. Nestes casos, o “investimento do Eu” comporta-se face aos “investimentos de objecto como o corpo de um animalculo protoplásmico face aos pseudópodes que emitiu” (*Zur Einführung des Narzissmus*, X: 141; cf. tb. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 436). Sobre a fixação, cf. tb. *Triebe und Triebchicksale*, X: 215; *Die Verdrängung*, X: 250; *Drei Abhandlungen*, V: 61, 128, 137, 139, 144-145; *Selbstdarstellung*, XIV: 61; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 238.

¹⁵⁴ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VII: 232, nota; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 84. Cf. tb. sobre a alucinação, *Das Ich und das Es*, XIII: 248; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 185, 205; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 121, 254, 293 (alucinação negativa e cegueira inconsciente).

¹⁵⁵ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 85.

¹⁵⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 67-68. Sobre a relação entre o Id e o inconsciente, cf. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 85. Freud refere-se a Nietzsche e a Groddeck na sua explicação da escolha do termo “Id” <Es> (*Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 79; cf. tb. XV: 97 ss.).

¹⁵⁷ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 80.

¹⁵⁸ *Das Unbewusste*, X: 286.

¹⁵⁹ *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 337 (“o psíquico primitivo é, no sentido mais pleno, imperecível <unvergänglich>”), 341 (“no seu inconsciente, cada um de nós se encontra persuadido da sua imortalidade”), 350 (“o nosso inconsciente não acredita na morte pessoal, conduz-se como se fosse imortal”), 354 (“o nosso inconsciente é inacessível à representação da nossa própria morte”).

¹⁶⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 76.

¹⁶¹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 98, 132.

¹⁶² *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 424. Cf. o que foi dito no # 10 sobre a possibilidade psicótica.

tendência – a “perda da função do real” – é já notória na banal neurose¹⁶³). Nos processos de pensamento inconscientes, “a realidade de pensamento <Denkrealität> equivale à realidade exterior, o desejo <Wunsch> ao seu preenchimento <Erfüllung>”¹⁶⁴. “O mundo exterior, neste momento, não é investido pelo interesse (na acepção global do termo) (...) Nesta época, o Eu-sujeito <das Ich-Subjekt> coincide com aquilo que é agradável”¹⁶⁵. “Na origem, o Eu contém tudo, ulteriormente ele separa de si mesmo um mundo exterior”¹⁶⁶. A distinção entre exterior e interior apoia-se na eficácia da actividade muscular do sujeito¹⁶⁷. O inconsciente, por si mesmo, seria incapaz de qualquer acção muscular apropriada, excepto daquelas que são organizadas sob a forma de reflexos¹⁶⁸. É o sistema da consciência que nos permite estabelecer a distinção¹⁶⁹. Trata-se da nossa conhecida prova de realidade, “uma das grandes *instituições do Eu*”¹⁷⁰. No início – ponto fundamental –, “a existência da representação é já uma garantia da realidade do representado. A oposição entre o subjectivo e o objectivo não existe desde o princípio”¹⁷¹. Para o bebé, antes da prova da realidade, o seio é uma parte dele, ele próprio é o seio¹⁷². Na vida adulta, um único estádio não mórbido – esqueçamos, por um momento, a lição de *Tristão e Isolda* – reproduz essa satisfação originária, o amor: “No pico do estado amoroso, o limite <Grenze> entre o eu e o objecto ameaça desaparecer. Contrariando todos os testemunhos dos sentidos, o apaixonado afirma que Eu e Tu são a mesma coisa <Ich und Du eines seien>, e dispõe-se a comportar-se como se assim fosse”¹⁷³. Naturalmente, o interesse pelo mundo exterior desaparece completamente¹⁷⁴, tal como no sonho¹⁷⁵.

36. *Condição de indistinção entre a representação e o representado.* A representação de prazer obedece a um princípio de indistinção entre a representação e o representado, ou, melhor, a uma geração alucinatória do representado pela representação. Nada há que se intrometa entre o desejo e o seu preenchimento. Podemos talvez chamar a esta segunda condição metapsicológica da representação de prazer *condição de indistinção entre a representação e o representado*.

¹⁶³ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 230. Sobre a “perda da realidade” <Realitätsverlust> na neurose e na psicose, cf. *Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose*, XIII: 361-368.

¹⁶⁴ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 237.

¹⁶⁵ *Triebe und Triebchicksale*, X: 227.

¹⁶⁶ *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 425.

¹⁶⁷ *Triebe und Triebchicksale*, X: 212; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 423.

¹⁶⁸ *Das Unbewusste*, X: 287.

¹⁶⁹ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 424.

¹⁷⁰ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 424. Cf. tb. *Trauer und Melancholie*, X: 433.

¹⁷¹ *Die Verneinung*, XIV: 14.

¹⁷² *Ergebnisse, Ideen, Probleme*, XVII: 151; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 115. Freud refere-se por várias vezes a essa fase na “história evolutiva do sentimento do Eu” em que este “não se encontrava ainda nitidamente delimitado <abgegrenzt> por relação ao mundo exterior e a outrem” (*Das Unheimliche*, XII: 249; cf. tb. *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 424).

¹⁷³ *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 423. Cf., no entanto, *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 141, que coloca este estado na “mais alta forma de desenvolvimento que pode atingir a libido de objecto”. Cf. tb, no mesmo sentido, *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 433. Mas, de facto, é como se a libido de objecto por aí se superasse a si mesma e se indistinguisse da libido do Eu.

¹⁷⁴ *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 467.

¹⁷⁵ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 413, 414, 425.

37. *O sonho e a imaginação*. “A psicanálise funda-se na análise do sonho”¹⁷⁶. Este é, por assim dizer, o seu ponto de apoio, o ponto de apoio para a revelação de uma forma de existência outra. Com efeito, a realidade psíquica, que constitui um verdadeiro enigma <Geheimnis>¹⁷⁷, possui uma forma de existência <Existenzform>, uma ontologia, que não deve ser confundida com a da realidade material¹⁷⁸, e é no inconsciente – sobretudo tal como ele se revela no sonho¹⁷⁹, naquilo que há de estranho <fremdartig> no sonho¹⁸⁰, esse “guardião do sono <Hüter des Schlafes>”¹⁸¹: os sonhos, produções inteligíveis <verständlich>¹⁸², são sintomas¹⁸³, e não se ocupam nunca de trivialidades <Kleinigkeiten>¹⁸⁴ – que essa forma de existência se manifesta mais claramente. Trata-se, neste “sistema de actividade psíquica”¹⁸⁵, cujas leis “diferem largamente das da actividade consciente”¹⁸⁶, do mais arcaico modo de ser: “O que forma o núcleo do inconsciente psíquico é a herança arcaica do ser humano” <die archaische Erbschaft des Menschen>¹⁸⁷. O sonho torna-nos crianças “do ponto de vista do pensamento e do sentimento <im Denken und Fühlen>”¹⁸⁸, e mesmo do estrito ponto de vista somático¹⁸⁹. Ao fim e ao cabo, é da questão da imaginação que Freud se ocupa.

38. *Fantasma*. Pense-se ainda, por exemplo, no conceito de fantasma. O que é uma “representação fantasmática” <Phantasievorstellung>, como aquela à qual Freud dedicou um artigo célebre: “Ein Kind wird geschlagen”¹⁹⁰, ou aquela que se manifesta nas “cenas de sedução” <Verführungsszenen>, que inspiraram a Freud uma revisão teórica profunda – justamente no sentido de sublinhar a autonomia do fantasma¹⁹¹? Ela é o produto de uma “actividade fantasmática” <Phantasietätigkeit>¹⁹², de um “trabalho da fantasia” <das Phantasieren>¹⁹³, uma criação <Bildung>¹⁹⁴ – de algum modo uma criação contínua¹⁹⁵ –,

¹⁷⁶ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 437.

¹⁷⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 86.

¹⁷⁸ *Die Traumdeutung*, II/III: 625.

¹⁷⁹ *Die Traumdeutung*, II/III: *passim*; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 411-426; *Einige Nachträge zum Ganzen der Traumdeutung*, I: 559-573; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: Cap. V; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lições v-xv; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: Lição xxix. Mas lembremos – porque se trata de uma confusão intuitiva, resultante da nossa tendência natural à reificação – que o “sonho” não é o “inconsciente” (*Über die Psychogenese eines Falls von weiblicher Homosexualität*, XII: 294).

¹⁸⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 90; *Meine Berührung mit Josef Popper-Lynkeus*, XVI: 262.

¹⁸¹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 93; *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 398; *Einige Nachträge zum Ganzen der Traumdeutung*, I: 562 (“O sonho pode ser descrito uma peça <Stück> de actividade fantasmática <Phantasieren> ao serviço da salvaguarda do sono”); *Meine Berührung mit Josef Popper-Lynkeus*, XVI: 262.

¹⁸² *Meine Berührung mit Josef Popper-Lynkeus*, XVI: 262.

¹⁸³ *Die Traumdeutung*, II/III: 105. Sobre a noção de “sintoma”, cf. *Hemmung, Symptom und Angst*, XIV: 111-205. Cf. tb. o # 7.

¹⁸⁴ *Die Traumdeutung*, II/III: 189.

¹⁸⁵ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 438.

¹⁸⁶ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 438.

¹⁸⁷ “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 225.

¹⁸⁸ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 215-216.

¹⁸⁹ Cf. *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 412.

¹⁹⁰ “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 195-226.

¹⁹¹ *Selbstdarstellung*, XIV: 59-60.

¹⁹² “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 198.

¹⁹³ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 215.

¹⁹⁴ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 215.

¹⁹⁵ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 217.

do sujeito que fantasmiza <das Phantasierende>¹⁹⁶. A actividade fantasmática, bem como as formações fantasmáticas <Phantasiebildungen> que dela resultam, são comuns às pessoas normais e aos neuróticos¹⁹⁷. Qual a origem do fantasma? O desejo: “Os desejos não satisfeitos são as forças pulsionais <Triebkräfte> dos fantasmas, todo fantasma é a realização de um desejo, uma correcção <Korrektur> da insatisfatória realidade”¹⁹⁸. Quer dizer que os fantasmas se encontram afectivamente hiper-investidos. De facto, os fantasmas realizam, tal como os sonhos, desejos¹⁹⁹: são fantasmas de desejo <Wunschphantasien>²⁰⁰ (conscientes ou inconscientes, como Freud explicou²⁰¹), e, no caso extremo da psicose – como igualmente no caso do sonho –, esses fantasmas, quando o sujeito decide abolir a prova de realidade, podem penetrar no sistema da consciência – sufocar o psiquismo²⁰² – e aí serem preferidos à realidade, serem tomados como uma “melhor realidade” <als bessere Realität>²⁰³. Dá-se então a alucinação. É como se as “representações que não se encontram destinadas a realizar-se”²⁰⁴ encontrassem o único caminho possível para a sua realização. Mas trata-se, na psicose, de uma passagem ao limite da actividade fantasmática. O modo de aparecer mais frequente do fantasma dá-se nos sonhos, constitui a ontologia destes, uma ontologia que é solidária com a sua lógica: os sonhos são sobretudo reanimações <Wiederbelebungen> dos fantasmas, potenciadas por “restos diurnos” <Tagreste>²⁰⁵. Em termos kantianos, poder-se-ia dizer que os sonhos são a *ratio cognoscendi* dos fantasmas (e, bem entendido, do inconsciente), e os fantasmas (e, bem entendido, o inconsciente), a *ratio essendi* do sonho. A “vida fantasmática” <Phantasielebens> exhibe não uma “realidade objectiva comum” <gemeine objektive>, mas uma “realidade psíquica” <psychische Realität>²⁰⁶, que é a do mundo fantasmático <Phantasiewelt> que, para o neurótico, é como uma religião²⁰⁷. E os fantasmas possuem uma temporalidade particular, que é também a do inconsciente. Por causa dessa temporalidade particular, “é muitas vezes impossível fixar a data do seu aparecimento”²⁰⁸. “Um fantasma flutua <schwebt>, por assim

¹⁹⁶ “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 203.

¹⁹⁷ *Das Unbewusste*, X: 290. Seja tentador estabelecer aqui um paralelo entre a doutrina freudiana do fantasma e a teoria da *phantasia* proposta por Crísipo, tal como analisada por Fernando Gil no *Tratado da evidência*, Lisboa, IN/CM, 1996 (1993), # 144, pp. 229-230. Muito provavelmente, ao *phantastikon* corresponde o das *Phantasieren*, e ao *phantasma* o fantasma <Phantasie> freudiano. Em ambos os casos, a actividade do desejo é fundamental. O *Tratado*, de resto, contém profundas análises da alucinação em Freud, e a passagem que antecede a referência a Crísipo é uma delas.

¹⁹⁸ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 216.

¹⁹⁹ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 417.

²⁰⁰ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 420; *Selbstdarstellung*, XIV: 59.

²⁰¹ “Ein Kind wird geschlagen”, XII: *passim*. Os fantasmas dos perversos são “claramente conscientes” <klar bewussten>; os dos histéricos, inconscientes (*Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 65, nota 1). Num certo sentido – Freud não o diz em lado algum, é verdade – a perversão consciente seria uma solução, do ponto de vista do bem-estar psíquico, para a histeria. E é um facto – isso Freud di-lo (“Ein Kind wird geschlagen”, XII: 218) – que é raro um perverso satisfeito procurar a análise. É difícil imaginar Sade (mas não é preciso ir tão longe) num divã (a não ser por perversão, é claro).

²⁰² *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 218.

²⁰³ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 424-425.

²⁰⁴ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 127.

²⁰⁵ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 127, nota 2. Cf. tb. *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 218, 219.

²⁰⁶ *Massenpsychologie*, XIII: 85.

²⁰⁷ *Massenpsychologie*, XIII: 160

²⁰⁸ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 127, nota 2. Cf. *Über Deckerinnerungen*, I: 529-554, onde Freud discute longamente a questão do tempo do aparecimento do fantasma.

dizer, entre três tempos, os três momentos temporais <Zeitmomenten> da nossa faculdade representativa²⁰⁹. O fantasma ecoa efectivamente a intemporalidade do inconsciente: os mitos são, acima de tudo, “resquícios deformados <entstellten Überresten> dos fantasmas de desejo de nações inteiras, os *sonhos seculares* <Säkularträumen> da jovem humanidade”²¹⁰. Junto com o sonho, é na actividade artística que a particular ontologia do fantasma melhor se manifesta. Tal como o neurótico, o poeta cria um mundo fantasmático, dotado de “grandes quantidades de afecto” – que, no entanto, contrariamente ao neurótico, distingue claramente da realidade –, guardando, no entanto, tal como a criança que brinca, uma perfeita seriedade²¹¹. Freud não o diz deste modo, mas pode-se sugerir – apoiando-nos numa oposição hegeliana, mas dando-lhe um sentido diferente do de Hegel: nomeadamente não atribuindo um carácter abstracto a *Realität* – que o mundo do poeta, não possuindo realidade efectiva <Wirklichkeit>, possui, não obstante realidade <Realität>. É a *Wirklichkeit*, não a *Realität*, que se opõe ao jogo e à poesia. A realidade do jogo, da poesia e do sonho – a realidade fantasmática – corresponde ao modo de existência, à *Existenzform*, do inconsciente.

39. *Condição de onirismo*. A representação de prazer supõe uma ontologia distinta da representação de realidade. Tal ontologia, tal forma de existência, manifesta-se primordialmente no sonho. A terceira condição metapsicológica da representação de prazer pode ser designada *condição de onirismo*.

40. *O inconsciente e a essência do psiquismo*. “O sentido mais antigo e melhor da palavra “inconsciente” é o sentido descritivo: chamamos inconsciente um processo psíquico cuja existência <Existenz> é necessário supor, já que, por exemplo, o deduzimos dos seus efeitos, mas do qual nada sabemos”²¹². A grande descoberta de Freud é justamente a de que o ser-consciente não representa a essência do psiquismo (e, portanto, do pensamento). É assim um erro confundir “consciente” e “psíquico”²¹³, mesmo que o consciente seja “o único carácter dos processos psíquicos que nos seja dado de modo imediato” <der einzige uns unmittelbar gegebene Charakter der psychischen Vorgänge>²¹⁴ – e por isso, precisamente, é necessário oferecer uma “justificação” <Rechtfertigung> do inconsciente²¹⁵. A identificação entre “consciente” e “psíquico” resulta ou de uma *petitio principii* ou

²⁰⁹ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 217.

²¹⁰ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 222.

²¹¹ *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 214. *Der Dichter und das Phantasieren* desenvolve a analogia entre o jogo e a actividade fantasmática. Sobre o “mundo fantasmático”, cf. ainda *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 236; *Der Realitätverlust bei Neurose und Psychose*, XIII: 367-368.

²¹² *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 77. Sobre a diferença entre o “sentido descritivo” de “inconsciente” e o seu “sentido sistemático” (ou “dinâmico”), cf. *Das Unbewusste*, X: 271; *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 432, 434; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 77-78. A metapsicologia tende a afastar-se do “sentido descritivo” (*Das Unbewusste*, X: 272). A questão do dinamismo – voltaremos a ela quando falarmos da representação de conflito (cf., nomeadamente, ## 56-57 e nota 354) – é fundamental. Sobre o inconsciente, cf., em primeiro lugar, *Das Unbewusste*, X: 263-303.

²¹³ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 430-431. Cf. tb. *Das Interesse na der Psychoanalyse*, VIII: 406.

²¹⁴ *Das Unbewusste*, X: 291.

²¹⁵ *Das Unbewusste*, X: 264.

de uma convenção terminológica, que tem o defeito de quebrar as “continuidades psíquicas”²¹⁶. O psíquico em si, na sua dimensão mais funda (arcaica <archaischen>, relativa à “pré-história humana”²¹⁷) e irreduzível, é inconsciente²¹⁸. E o inconsciente não é o simples consciente que permanece provisoriamente oculto ao seu possessor²¹⁹. Justamente por isso, as noções de subconsciente²²⁰ ou pré-consciente <Vorbewusste>²²¹ são ambíguas. Pelo menos a denominação “subconsciente” para os processos psíquicos mais profundos é “incorrecta e enganadora” <inkorrekt und irreführend>²²². O inconsciente é o “inverso contraditório” <kontradiktorische Gegensatz> do consciente²²³. É a “fase infantil” <das Infantile> da vida psíquica que nos acompanha²²⁴, o domínio das “representações latentes” <latente Vorstellungen>²²⁵. Trata-se de algo mais originário do que a consciência, algo que constitui a essência da realidade psíquica, embora só o possamos conhecer através da sua transposição <Umsetzung> ou tradução <Übersetzung> na consciência²²⁶. O Eu – vistas as coisas na perspectiva tópica – “desenvolveu-se a partir da camada cortical do Id”²²⁷. “Na origem, tudo era Id” <Ursprünglich war ja alles Es>. E esse desenvolvimento a partir do Id – um “ser anímico inconsciente” <ein unbewusst seeliches Wesen>²²⁸ – dá-se através da influência persistente do mundo exterior. “Durante esse lento desenvolvimento, certos conteúdos do Id passaram ao estado pré-consciente, tomando assim lugar no Eu. Outros permaneceram inalterados no Id, constituindo o seu núcleo, dificilmente acessível”²²⁹. A prova que o Eu tem a sua origem no Id – no “sombrio Id <das dunkle Es>”²³⁰ – é-nos dada pelo sonho²³¹. A hipótese do inconsciente é necessária, e a existência deste – nomeadamente o seu papel na formação do sonho²³² – pode ser provada²³³. Na “profundidade abissal do

²¹⁶ *Das Unbewusste*, X: 266. (Voltarei mais tarde, no # 63 e na nota 435, à importância do princípio de continuidade em Freud.)

²¹⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 89.

²¹⁸ *Some elementary lessons in psycho-analysis*, XVII: 144.

²¹⁹ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 434-435; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 149.

²²⁰ Algo como um “subconsciente” representaria uma disponibilidade a ser conhecido incompatível com a doutrina freudiana.

²²¹ Sobre o “pré-consciente”, cf. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 78; *Das Unbewusste*, X: 263-303; *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 433 ss.

²²² *Das Unbewusste*, X: 269.

²²³ *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose*, VII: 403.

²²⁴ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 215.

²²⁵ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 431.

²²⁶ *Das Unbewusste*, X: 264.

²²⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 129.

²²⁸ *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 423.

²²⁹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 85.

²³⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 128.

²³¹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 88.

²³² *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 89.

²³³ *Das Unbewusste*, X: 264. Cf. igualmente *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 433 (a presença dos pensamentos inconscientes na vida mental “é estabelecida por provas indirectas <indirekte Beweise> do tipo mais exigente, que equivalem à prova directa fornecida pela consciência”). Conviria aqui desenvolver a questão da prova e da hipótese em Freud. Apenas algumas notas, limitadas à noção de hipótese. O estatuto da hipótese <Hypothesis, Annahme, Voraussetzung> em psicanálise não é diferente do que ela possui noutras disciplinas. As hipóteses psicanalíticas são “graves” <bedenkliche> (*Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis*, XVI: 142), mas obedecem aos critérios usuais de necessidade e rigor. Devem ser admitidas apenas quando indispensáveis – a intervenção das forças pulsionais, por exemplo, é uma “hipótese indispensável” –, e não se devem confundir com a simples especulação (cf. *Zur*

psiquismo”²³⁴ há pensamento, o inconsciente pensa, a alma pensa durante o sonho²³⁵. O sonho – uma – “forma de pensamento” <eine Form des Denkens>²³⁶, repitamo-lo – é um “acto psíquico” (de acordo com a fórmula de Aristóteles: “a actividade psíquica daquele que dorme” <die seelische Tätigkeit des Schlafenden>²³⁷) que possui um “sentido” <Sinn>²³⁸, ou mesmo vários: há uma polissemia <Vieldeutigkeit, Mehrdeutigkeit> dos sonhos²³⁹, uma ambiguidade que não é unicamente atribuível a um defeito do trabalho de interpretação, e que, de resto, o sonho

Ätiologie der Hysterie, I: 435, 458). A hipótese do inconsciente, sobretudo, é “necessária e legítima” <notwendig und legitim> (Das Unbewusste, X: 264 ss), representa um ganho de sentido e de coerência (Das Unbewusste, X: 265) e é tão legítima, de resto, como a própria hipótese da consciência (Das Unbewusste, X: 268) (muito mais estranha do que a hipótese do inconsciente seria, sem dúvida, a de uma “consciência inconsciente”, uma “consciência cujo próprio possuidor por inteiro ignoraria” (Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse, VIII: 434)). Trata-se, obviamente, de uma hipótese fundamental. A “psicologia das profundezas” parte de certas “hipóteses fundamentais” <Grundvoraussetzungen> (Massenpsychologie und Ich-Analyse, XIII: 77), tal como a hipótese de uma “energia deslocável” na vida psíquica (Das Ich und das Es, XIII: 272-273). Há hipóteses que é necessário avançar para resolver determinadas questões. Assim, podemos, na tentativa de resolver o “enigma da vida”, considerar a oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte como originárias (Jenseits des Lustprinzips, XIII: 66, nota), ou então explicar a melancolia “pela hipótese segundo a qual o objecto perdido é re-erigido no Eu, e, portanto, que a um investimento de objecto se sucede uma identificação” (Das Ich und das Es, XIII: 256), ou supor ainda que a religião, a moral e o sentimento social foram “adquiridos filogeneticamente em ligação com o complexo paternal” (Das Ich und das Es, XIII: 265) e que o Superego nasce “através de uma identificação com o modelo paternal” (Das Ich und das Es, XIII: 284). Há, certamente, hipóteses que, sem serem fundamentais, são importantes, tal como a suposição, desenvolvida em Totem und Tabu, do assassinato violento do chefe da horda primitiva <Urhorde>: pode tratar-se, escreve Freud, de uma just so story, mas é ela que permite “criar coerência <Zusammenhang> e compreensão <Verständnis> em domínios sempre novos” (Massenpsychologie und Ich-Analyse, XIII: 136). Mas devem-se rejeitar as hipóteses supérfluas (tal como a hipótese de uma pulsão especial de imitação como motivo do jogo) (Jenseits des Lustprinzips, XIII: 15). Sobre o conceito de hipótese, a sua produção e exemplos de domínios em que o recurso a hipóteses se revela necessário, cf. ainda Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, V: 33 (hipótese de uma “pulsão sexual”), 96 (construção de hipóteses nas teorias sexuais infantis); Selbstdarstellung, XIV: 58 (é legítimo) “completar as teorias, que são a expressão directa da experiência, por hipóteses, hipóteses úteis para o domínio da matéria e respeitando a relações que não podem ser objecto da observação imediata), 73 (as hipóteses psicanalíticas e o sonho), 93 (a já referida hipótese – “ou, melhor dizendo, a visão <die Vision>” – do assassinato do pai na horda primitiva); Die Frage der Laienanalyse, XIV: 221 (hipótese da constituição tópica do aparelho psíquico: “é uma representação auxiliar <Hilfsvorstellung> do mesmo tipo de muitas outras nas ciências. As primeiras foram sempre assaz grosseiras. Open to revision, pode-se dizer. Acho supérfluo servir-me da tão popular locução “como se”. O valor de uma tal “ficção” <Fiktion> – tal como a designaria o filósofo Vahinger – depende do que dela podemos fazer”). Cf. tb. Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten, VI: 185 (opõem-se à hipótese do inconsciente “resistências de ordem afectiva”), 202 (quando se chega, por meio de uma dedução, “não a um domínio conhecido mas sim a um domínio estrangeiro e novo para o pensamento, então dá-se à dedução o nome de “hipótese” e considera-se legitimamente que a relação da hipótese ao material da qual foi deduzida não pode ser reconhecida como uma “prova”); Zur Psychopathologie des Alltagslebens, IV: 160 (hipótese da “bisexualidade originária” do indivíduo); Der Dichter und das Phantasieren, VII: 222 (hipótese segundo a qual “a obra literária, tal como o sonho diurno <Tagtraum>, seria um prolongamento <Fürsetzung> e um substituto <Ersatz> do jogo infantil dos tempos passados”); Die Abwehr-Neuropsychosen, I: 74 (uma hipótese – a do “quantum de afecto”, por exemplo – pode ser “justificada provisoriamente pela sua utilidade <Brauchbarkeit> para conceber e explicar uma grande variedade de estados psíquicos”).

²³⁴ Zur Einleitung der Behandlung, VIII: 458.

²³⁵ Die Traumdeutung, II/III: 595.

²³⁶ Über einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht, Paranoia und Homosexualität, XIII: 203.

²³⁷ Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre, X: 426.

²³⁸ Das Interesse an der Psychoanalyse, VIII: 395; Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, XI: 144; Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, XV: 8 (o sonho é” “um acto psíquico completo, pleno de sentido e de valor” <ein vollgültiger, sinn- und wertvoller psychischer Akt>).

²³⁹ Einige Nachträge zum Ganzen der Traumdeutung, I: 564; Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, XI: 235.

partilha com “todos os sistemas de expressão primitivos”²⁴⁰. Tal como os actos falhados e os sintomas²⁴¹. Há uma actividade inconsciente da imaginação, ou actividade fantasmática <unbewusste Phantasietätigkeit>, nos sonhos²⁴², e a produção destes é possível pelo facto de as resistências conscientes estarem enfraquecidas²⁴³. Resumindo: o pensamento pode-se desenrolar sem a ajuda da consciência²⁴⁴, isto é, sem que a série da realidade intervenha. O “acontecimento psíquico” possui um “elemento” <Element> que é o dos processos de pensamento inconscientes²⁴⁵, o psíquico não pode ser assimilado à consciência, o ser consciente não é a essência do psíquico²⁴⁶. Outro ponto a sublinhar: os “processos <Vorgänge> que se desenrolam no inconsciente ou no Id obedecem a leis diferentes daqueles que se desenrolam no Eu pré-consciente”²⁴⁷, as “restrições críticas da lógica não influenciam de modo algum o que se passa no Id”²⁴⁸. De facto, o inconsciente “possui uma independência <Selbständigkeit> e uma indiferença <Unbeeinflussbarkeit> a qualquer influência quase inacreditáveis”²⁴⁹.

41. *Condição de originariedade e autonomia.* A representação de prazer funda-se no carácter originário dos actos psíquicos do inconsciente e numa autonomia lógica destes. Podemos chamar à quarta condição metapsicológica de representação de prazer *condição de originariedade e autonomia* dos actos psíquicos do inconsciente. (Ela distingue-se da *condição de arcaicidade* por esta respeitar sobretudo ao carácter regressivo da representação de prazer, enquanto que a *condição de originariedade e autonomia* aponta antes de mais para a independência dessa mesma representação.)

42. *Omnipotência do pensamento.* Tudo o que interessa ao Id é o prazer. Qual a única actividade do Eu-prazer? Desejar <wünschen>²⁵⁰. Separado <abgeschnitten> do mundo exterior, o Id “possui o seu próprio universo de percepção” e “obedece ao inexorável <unerbittlich> princípio do prazer”²⁵¹. Daí a ideia primitiva da “omnipotência do pensamento” <Allmacht der Gedanken>²⁵². Vale a pena demorarmo-nos um pouco aqui. É no terceiro capítulo de *Totem e tabu* que Freud introduz a questão da “omnipotência do pensamento”. Freud parte da constatação da existência, nos seres humanos, de uma “necessidade prática de dominar o mundo”²⁵³. Citando *The Magic Art*, de Frazer, refere a tran-

²⁴⁰ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 238.

²⁴¹ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 276, 278 (face àquilo – ideia, acção – que aparece “desprovido de sentido” < sinnlose >, a tarefa consiste em “encontrar a situação passada na qual a ideia em questão era justificada e a acção conforme a um fim”), 288-289, 291 (conhecimento, pelo doente, do sentido dos seus sintomas), 294 (origem e finalidade do sentido do sintoma).

²⁴² *Die Traumdeutung*, II/III: 597.

²⁴³ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 83.

²⁴⁴ *Die Traumdeutung*, II/III: 598.

²⁴⁵ *Zur Ätiologie der Hysterie*, I: 458.

²⁴⁶ *Some elementary lessons in psycho-analysis*, XVII: 144, 146; *Das Unbewusste*, X: 266.

²⁴⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 86.

²⁴⁸ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 128.

²⁴⁹ *Das Unbewusste*, X: 203.

²⁵⁰ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 235.

²⁵¹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 129

²⁵² *Totem und Tabu*, Cap. III. Cf. tb. *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose*, VII: 379-463.

²⁵³ *Totem und Tabu*, IX: 96. Freud aborda o tema da “omnipotência do pensamento”, de passagem, noutros lugares: cf. *Selbstdarstellung*, XIV: 94; *Eine Schwierigkeit der Psychoanalyse*, XII: 6; *Das Unheimliche*, XII: 253, 256, 258, 261-262; *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 415-416; *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose*, VII: 450-453; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 178; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 82, 85.

sição que se estabelece, na mente dos primitivos – a palavra, obviamente, não importa aqui –, do “controle que eles têm, ou parecem ter, sobre os seus pensamentos” a um “controle correspondente sobre as coisas”²⁵⁴. A possibilidade de um tal trânsito radica na “valorização psíquica do desejo e da vontade”²⁵⁵, que se encontra igualmente nas crianças²⁵⁶. Observamos uma “sobre-valorização <Überschätzung> geral dos processos psíquicos”, o que significa que existe “uma atitude face ao mundo que, de acordo com a nossa compreensão da relação da realidade ao pensamento deve aparecer como uma sobre-valorização deste último”²⁵⁷. É esta sobre-valorização (operativa na magia e na técnica da maneira de pensar animista) que Freud denomina princípio da onipotência do pensamento²⁵⁸. O homem primitivo transferiu as relações estruturais da sua própria psique para o mundo exterior, projectou as leis da vida psíquica na realidade das coisas²⁵⁹. Um tal princípio projectivo comanda igualmente as neuroses em geral. Como escreve Freud: “Em cada uma das neuroses, não é a realidade da experiência, mas antes a realidade do pensamento, que forma a base da formação do sintoma”²⁶⁰. O inconsciente caracteriza-se, entre outras coisas, pela substituição da realidade exterior pela realidade psíquica. A intensidade e o afecto são fundamentais no mundo neurótico: apenas as “coisas intensamente pensadas ou afectivamente concebidas” contam para o neurótico, independentemente de estarem ou não de acordo com a realidade exterior²⁶¹. Deste modo, “a onipotência do pensamento, a sobre-valorização dos processos psíquicos em oposição à realidade, mostra ter um efeito ilimitado na vida afectiva do neurótico e em tudo que dela emana”²⁶². Tal como no caso do primitivo, crê-se que o mundo exterior pode ser mudado por um simples acto de pensamento²⁶³. Os processos psíquicos internos são redescobertos no mundo exterior, e tanto mais facilmente quanto essa projecção oferece alívio psíquico²⁶⁴. A paranóia, nomeadamente, utiliza tal mecanismo de projecção para resolver os conflitos que surgem na vida psíquica²⁶⁵. Mas a atitude do paranóico é um pouco a atitude de cada um de nós²⁶⁶, ele tem, “numa certa medida, razão”²⁶⁷. O poder do princípio da onipotência do pensamento é de tal modo originário que sobrevive ainda fragmentariamente no coração da própria ciência, através da nossa confiança no poder do espírito humano que lida com as leis da realidade²⁶⁸. E sobrevive, bem entendido, já não fragmentariamente, mas de forma substantiva e, por assim dizer, integral, na arte: “Apenas na arte acontece ainda que o homem, consumido pelos seus desejos, produza algo de semelhante à gratificação desses desejos, e que esse

²⁵⁴ Frazer, *The Magic Art*, I, p 420 ss, cit. in *Totem und Tabu*, IX: 103.

²⁵⁵ *Totem und Tabu*, IX: 105.

²⁵⁶ *Totem und Tabu*, IX: 104.

²⁵⁷ *Totem und Tabu*, IX: 105.

²⁵⁸ *Totem und Tabu*, IX: 106. Cf. *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 140-141.

²⁵⁹ *Totem und Tabu*, IX: 112.

²⁶⁰ *Totem und Tabu*, IX: 107.

²⁶¹ *Totem und Tabu*, IX: 107.

²⁶² *Totem und Tabu*, IX: 107.

²⁶³ *Totem und Tabu*, IX: 108.

²⁶⁴ *Totem und Tabu*, IX: 113.

²⁶⁵ *Totem und Tabu*, IX: 115.

²⁶⁶ *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 440 (“cada um de nós se conduz, num ponto ou noutro, de modo semelhante ao do paranóico”). Cf. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 444 (o erro consiste apenas em o paranóico situar fora de si aquilo que lhe é interior – um erro tópico, poder-se-ia dizer, utilizando uma expressão a que Freud não recorre).

²⁶⁷ *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 284.

²⁶⁸ *Totem und Tabu*, IX: 109.

jogo, graças à ilusão artística, acarrete efeitos que se assemelham a algo de real”²⁶⁹. A onipotência do pensamento – é uma tese importante de Freud – implica o narcisismo e uma sexualização da actividade de pensar. “Diríamos que entre os povos primitivos, o pensamento é ainda altamente sexualizado, e que tal explica a crença na onipotência do pensamento, a confiança inabalada na capacidade de dominar o mundo e a inacessibilidade aos factos óbvios que poderiam esclarecer o homem sobre o seu real lugar no mundo. No caso dos neuróticos, uma parte considerável desta atitude primitiva permaneceu um factor constitutivo, enquanto que, por outro lado, a repressão sexual que neles ocorre trouxe uma nova sexualização dos processos de pensamento”²⁷⁰. Recusa-se a *anankê*, a cega necessidade exterior, que se opõe ao narcisismo humano²⁷¹. Quer dizer: recusa-se, no fundo, a condição de exterioridade da representação de realidade. E, ponto crucial: “Uma função intelectual existente em nós exige a unificação, a coerência e a compreensibilidade <Vereinheitlichung, Zusammenhang und Verständlichkeit> de tudo o que seja percebido ou pensado, e não hesita em construir uma falsa conexão se, em resultado de certas circunstâncias, não pode agarrar a conexão certa”²⁷². Daí a “tendência característica dos paranóicos para construir sistemas especulativos”. Trata-se, no sentido técnico, não de um erro <Irrtum>, mas de uma ilusão <Illusion>: na sua motivação, permanece a realização de um desejo²⁷³. O exemplo clássico é, obviamente, o do “sistema delirante” do Presidente Schreber²⁷⁴. A crença na onipotência do pensamento não é nunca – tal como o próprio inconsciente, do qual é o produto – inteiramente eliminável. Mas, não sendo eliminável, a atenção à realidade ajuda a contrariá-la. Uma tal contradição fere obviamente o nosso narcisismo. Ela ajuda-nos a perceber, na fórmula de Freud, que, de um ponto de vista biológico, não passamos de “uma excrecência efémera de um protoplasma virtualmente imortal” <ein kurzlebige Anhängsel an ein mit virtueller Unsterblichkeit begabtes Keimplasma>²⁷⁵. Ora é isso que é recusado no sonho – ou nos processos psicóticos de recusa (ou negação) da realidade, através da introversão <Introversion>²⁷⁶ –, no qual o sujeito é onipotente: “Naquele que dorme, encontra-se reproduzido o estado de repartição primitivo da libido: ele apresenta nomeadamente o narcisismo absoluto, estado no qual a libido e o interesse do Eu vivem unidos e inseparáveis no Eu que se basta a si mesmo.”²⁷⁷

²⁶⁹ *Totem und Tabu*, IX: 111. Cf. ainda *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 417 (“a arte forma um reino intermédio <Zwischenreich> entre a realidade que probe o desejo e o mundo fantasmático que realiza o desejo, e no qual as aspirações à onipotência <Allmachtbestrebungen> da humanidade primitiva permanecem, por assim dizer, em vigor”). Cf. o que atrás se disse, no # 38, sobre o fantasma.

²⁷⁰ *Totem und Tabu*, IX: 110. Cf. *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose*, VII: 460 (sobre a sexualização do pensamento e o prazer de pensar); *Hemmung, Symptom und Angst*, VII: 149 (sobre o sobreinvestimento e a erotização da actividade de pensamento <Denktätigkeit>).

²⁷¹ *Totem und Tabu*, IX: 114.

²⁷² *Totem und Tabu*, IX: 117.

²⁷³ *Die Zukunft einer Illusion*, XIV: 354.

²⁷⁴ *Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia*, VIII: 239-320.

²⁷⁵ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 429. Cf. tb. *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 143 (o indivíduo é “o portador mortal de uma substância – talvez – imortal” <der sterbliche Träger einer – vielleicht – unsterblichen Substanz>).

²⁷⁶ O termo deve-se a Jung (cf. a entrada no *Vocabulaire de Psychanalyse*, cit.).

²⁷⁷ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 432. Cf. tb. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 143, sobre o “sagrado egoísmo” do sonho; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 207; *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 149; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 413; *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 338.

O egoísmo do sonho – que coincide com o narcisismo²⁷⁸ – é total: o sonho é *absolut egoistisch*²⁷⁹. Do mesmo modo que o “sentimento primitivo de onnipotência (...) contribui para aumentar o sentimento de estima de si <Selbstgefühl>”²⁸⁰, a realidade, por seu lado, abalroa o “muro narcísico”²⁸¹ que protege o sujeito²⁸².

43. *Condição de onnipotência do pensamento.* A representação de prazer participa da crença numa hiper-valorização dos processos psíquicos relativamente à realidade exterior, e, concomitantemente, do narcisismo enquanto crença na onnipotência do sujeito. Podemos chamar à quinta condição metapsicológica da representação de prazer *condição de onnipotência do pensamento*.

44. *O trabalho do sonho.* O “trabalho do sonho” <Traumarbeit> – “uma elaboração <Bearbeitung> inconsciente de processos de pensamento pré-conscientes”²⁸³ – exhibe, na deformação <Entstellung> que estabelece²⁸⁴, a lógica do inconsciente²⁸⁵ e constitui o essen-

²⁷⁸ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 413.

²⁷⁹ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 413.

²⁸⁰ *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 165. Sobre o sentimento de “estima de si”, cf. *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 165 ss. Note-se que a perda do tal sentimento de “estima de si”, e um “imenso empobrecimento do Eu”, são características da melancolia (*Trauer und Melancholie*, X: 431).

²⁸¹ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 439.

²⁸² O narcisismo aparece normalmente associado a uma componente regressiva. Assim, há um retorno, na esquizofrenia, a um “estado anobjectal primitivo de narcisismo”. O mecanismo regressivo é, de resto, patentíssimo no próprio sono: “O narcisismo do estado de sono significa a retirada do investimento de todas as representações de objecto <Objektvorstellungen>, tanto como das partes inconscientes como das partes pré-conscientes”; mais enfaticamente, o desejo de dormir <Schlafwunsch> visa “estabelecer um narcisismo absoluto”. O sonho, naturalmente, prolonga e leva às últimas consequências o sono: retorna-se, através do sonho, a um estado prévio à percepção do mundo exterior, à descoberta dos objectos e aos estímulos, e, concomitantemente, ao narcisismo. O mesmo se verifica, patologicamente, na melancolia, onde a “identificação narcísica com o objecto” – há uma originariedade da identificação narcísica – age como “substituto do investimento de amor” <Liebesbesetzung>: há uma regressão ao “narcisismo originário”, uma regressão da libido ao narcisismo, na melancolia, um “tipo narcísico de escolha de objecto <Objektwahl>”, que corresponde profundamente a um abandono do próprio “investimento de objecto” <Objektbesetzung>, a uma “colagem <Anheftung> da libido ao próprio Eu, em lugar de ao objecto”. As manifestações regressivas do narcisismo são possíveis já que se verifica uma permanência da libido narcísica – ou do amor de si <Selbstliebe> – durante a vida inteira do sujeito: “durante a vida inteira, o Eu permanece um grande reservatório de libido <Libidoreservoir>, para fora do qual são enviados os investimentos dos objectos <Objektbesetzungen>”, e a libido pode “refluir” de novo, a cada momento, sobre o Eu, pode-se verificar uma transposição <Umsetzung> regressiva da libido de objecto em libido narcísica, mas o movimento vai nos dois sentidos: “Libido narcísica <narzisstische Libido> transforma-se assim ininterruptamente em libido objectal <Objektlibido>, e vice-versa”. Num plano mais teórico, o Ideal do Eu é herdeiro do “narcisismo originário”, a não-separação entre o Eu e o Ideal do Eu corresponde a uma permanência da auto-satisfação narcísica. O estado amoroso pode salvar a situação, já que nele se opera a passagem de uma quantidade de libido narcísica no objecto, que assim substitui o Ideal do Eu. Sobre o narcisismo, cf. *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 137-170; “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 224-225; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição xxvi; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 109; *Das Unbewusste*, X: 295; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 415, 416; *Trauer und Melancholie*, X: 436-437, 446; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 44-46, nota, 118-120, 119, nota; *Selbstdarstellung*, XIV: 81, 83; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 56; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 112-113, 120-121, 124, 144-145, 146; *Das Ich und das Es*, XIII: 258.

²⁸³ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 90. Cf. tb. *Ein Traum als Beweismittel*, X: 19.

²⁸⁴ Sobre a deformação, cf. *Meine Berührung mit Josef Popper-Lynkeus*, XVI: 261-266; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 21; *Die Verdrängung*, X: 252-254; *Selbstdarstellung*, XIV: 70; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 249; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 204; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 55, 62, 66, 125, 130 (o verbo aqui é *verdrehen*), 244, 255 (o substantivo é aqui *Verzerrung*), 304-305, nota; *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 219.

²⁸⁵ *Das Unbewusste*, X: 285 ss.

cial do sonho²⁸⁶. Ele é múltiplo: opera através da condensação <Verdichtung>²⁸⁷, que faz com que o sonho manifesto represente de forma extremamente sintética os abundantes materiais no qual se origina; do deslocamento <Verschiebung>²⁸⁸, o meio mais poderoso de que dispõe a censura dos sonhos <das stärkste Mittel der Traumzensur>²⁸⁹, que leva a que aquilo que no conteúdo manifesto apresente uma extraordinária importância seja de facto acessório do ponto de vista do pensamento do sonho – e que, correspondentemente, aquilo que aparece como despreciando seja o fundamental; da figurabilidade <Darstellbarkeit>²⁹⁰; e, em certo sentido, da elaboração secundária <sekundäre Bearbeitung>²⁹¹. (Como se sabe, condensação, deslocamento e figurabilidade desempenham também um papel fundamental na formação dos sintomas neuróticos²⁹² e na fabricação do Witz²⁹³.)

45. *Conteúdo manifesto e conteúdo latente.* É através do trabalho do sonho que se obtém o conteúdo manifesto do sonho – como coisa distinta do seu conteúdo latente (o

²⁸⁶ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 7.

²⁸⁷ Sobre a condensação, cf. *Die Traumdeutung*, II/III: 284-310. Sobre a “tendência a condensar <Tendenz zur Verdichtung>”, isto é, a “formar novas unidades a partir de elementos que no estado de vigília permaneceriam certamente separados”, cf. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 90. Cf. tb. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 20; *Das Unbewusste*, X: 285-286; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 18 ss, 23 ss, 42, 43, 71, 82, 95, 103, 186 ss, 190, 192-193, 195, 204; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 66-67 (*Verdichtungsarbeit*), 138 (há condensações provocadas pela impaciência), 303.

²⁸⁸ Sobre o deslocamento, cf. *Die Traumdeutung*, II/III: 310-315. Cf. tb. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 90; *Zwangshandlungen und Religionsübungen*, VII: 138; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 140; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 21; *Die Verdrängung*, X: 257-258, 260; *Das Unbewusste*, X: 285, 297-298; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 52, 53, 56, 58, 63, 76, 95-96, 103, 124, 171, 181, 187 ss, 190, 195-196, 204, 235, 266, 268-269; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: Cap. IV. O deslocamento é fundamental nos actos falhados <Fehlleistungen> em geral (*Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lições ii-iv) e, em particular, no processo de esquecimento dos nomes próprios e no aparecimento dos nomes de substituição <Ersatznamen> (cf. *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 6, e *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 394).

²⁸⁹ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 240.

²⁹⁰ Sonhamos de preferência em “imagens visuais” <Gesichtsbildern>, e constatamos também um carácter visual nas lembranças de infância: “cenas elaboradas sob uma forma plástica e que apenas posso comparar aos quadros de uma peça de teatro”. Há uma anterioridade, de um ponto de vista simultaneamente ontogenético e filogenético, do “pensamento por imagens” <das Denken in Bildern> ao pensamento por palavras. Talvez sublinhando esse carácter arcaico, as imagens visuais, os meios de figuração do sonho, possuem uma analogia com a linguagem pictográfica, tal como os hieróglifos egípcios. Nada surpreendentemente, a figuração/apresentação <Darstellung> é fundamental para a compreensão da segunda tópica. Sobre a figurabilidade, cf. *Die Traumdeutung*, II/III: 344-354. Cf. tb. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 404; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 418-419; *Das Ich und das Es*, XIII: 248, 252; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 75, 76, 78 ss, 85-86, 93, 94-95, 96, 99, 103, 127, 171, 181, 185 ss, 196, 198 ss, 220, 226; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 56.

²⁹¹ Sobre a elaboração secundária, cf. *Die Traumdeutung*, II/III: 492-512. Cf. tb. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 90; *Ein Traum als Beweismittel*, X: 19; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 21-22; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 143. Sobre o trabalho do sonho em geral, cf. tb. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 397; “*Psychoanalyse*” and “*Libidotheorie*”, XIII: 217; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição xi; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 17 ss; *Selbstdarstellung*, XIV: 71; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 34; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 28-29, 117, 181-205; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 66-67.

²⁹² *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 18.

²⁹³ *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI. Sobre o trabalho do Witz <Witzarbeit>, cf. *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 56, 58, 116 ss, 147, 151, 170-171, 181, 200. (Note-se que o livro sobre o Witz contém das mais claras e detalhadas análises dos processos de deslocamento, condensação e figurabilidade.)

verdadeiro pensamento do sonho, constituído pelos “verdadeiros elementos do nosso pensamento vigil”²⁹⁴ e inspirado pelos “restos diurnos” <Tagesreste>²⁹⁵)²⁹⁶. O conteúdo manifesto do sonho – aquilo de que nos lembramos ao acordar – não exprime o processo verdadeiro do sonho <der wirklichen Traumvorgang>, mas apenas uma fachada <Fassade>, uma ilusão <Blendwerk>, que dissimula – pela acção opositora do Eu, que provoca as deformações do sonho <Traumstellungen> – o conteúdo real²⁹⁷. O conteúdo manifesto é essencialmente visual²⁹⁸. O conteúdo latente obedecerá à representação de palavra.

46. *Figurabilidade e alucinação.* A questão da figurabilidade é crucial. Ela encontra-se intimamente associada à alucinação²⁹⁹ e à evidência³⁰⁰ e manifesta o núcleo duro da arcaicidade dos sonhos³⁰¹. Lembremo-nos da ficção <Fiktion> freudiana da alucinação originária como protótipo de todo o prazer. Sobre a alucinação primitiva, Freud escreve: “De acordo com a ficção que propomos, não possuímos desde o princípio esta capacidade [de distinguir as percepções das representações], e, no princípio da nossa vida psíquica, alucinámos realmente o objecto satisfatório quando sentimos a necessidade deste”³⁰². A experiência de satisfação <Befriedigungserlebnis>, articulada com o desamparo <Hilflosigkeit>³⁰³, é originária. Dito de outra maneira: a alucinação prima sobre a realidade, o modelo da satisfação é um modelo alucinatório. A figurabilidade possui um carácter regressivo³⁰⁴, embora não se deduza da simples regressão (há regressão sem alucinação, isto é, sem crença na realidade do desejo)³⁰⁵. Ela remete sempre para as origens da nossa vida psíquica. Virá talvez a propósito sublinhar que a actividade <Aktivität> de olhar <Schauen>³⁰⁶, o prazer de olhar <Schaulust>³⁰⁷, desempenham um papel fundamental no início da vida psíquica – e que o medo de ferir os olhos, ou de perder a vista, são dos mais terríveis medos infantis³⁰⁸.

²⁹⁴ *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 396. Cf. tb. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 403; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 216-217; *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 438.

²⁹⁵ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 437.

²⁹⁶ *Die Traumdeutung*, II/III: 140, 283; *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 437.

²⁹⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 88. Cf. tb. *Einige Nachträge zum Ganzen der Traumdeutung*, I: 565.

²⁹⁸ *Die Traumdeutung*, II/III: 283. Sobre o par latente/manifesto, cf. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição vii; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 9.

²⁹⁹ Cf. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 16, 17, 19, 24.

³⁰⁰ Fernando Gil insistiu profundamente neste aspecto. Cf. *Tratado da evidência*, cit., ## 142-146, pp. 220-232.

³⁰¹ Sobre a arcaicidade do sonho, cf. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição xiii.

³⁰² *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 422; cf. tb. *Die Traumdeutung*, II/III: 571; *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 232, nota.

³⁰³ Cf. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 95, 181.

³⁰⁴ *Die Traumdeutung*, Cap. VII, Secção B. Cf., em especial, II/III: 540, sobre a relação entre figurabilidade, sonho e alucinação. Sobre os três tipos de regressão (tópica, temporal e formal), II/III: 554. Sobre a regressão em geral, cf. *Über Psychoanalyse*, VIII: 52-53; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 216; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 19, 20; *Die Verdrängung*, X: 259; *Das Unbewusste*, X: 286; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 413, 418, 419-420, 420-422.

³⁰⁵ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 422.

³⁰⁶ *Triebe und Triebchicksale*, X: 222.

³⁰⁷ *Triebe und Triebchicksale*, X: 225.

³⁰⁸ *Das Unheimliche*, XII: 243. Do mesmo modo, conhece-se a importância do “delírio de observação” <Beobachtungswahn> na paranóia; Freud sublinha a sua natureza regressiva (*Zur Einführung des Narzissmus*, X: 162-163; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 64-65). Ainda sob este

47. *Condição de figurabilidade.* A representação de prazer é essencialmente figural. Ela exprime-se naturalmente sob o modo da evidência e de uma apreensão sem mediação linguística, à maneira da representação de coisa³⁰⁹. De um certa forma, ela é já apresentação (alucinada ou não), *Darstellung*, e não mais *Vorstellung* propriamente dita. A sexta condição metapsicológica da representação de prazer é a *condição de figurabilidade*.

48. *Espacialidade.* De modo geral, “o trabalho do sonho transforma, sempre que possível, as relações temporais em relações espaciais, e figura-as dessa maneira”³¹⁰. De resto, como já foi notado antes³¹¹, nada há no Id que corresponda à dimensão do tempo³¹², que é introduzida apenas através da percepção. A espacialidade, tal como a figurabilidade, tem um lugar importante no seio da própria actividade teórica de Freud. Pense-se no significado de um dos três pontos de vista metapsicológicos, o ponto de vista tópico³¹³. O ponto de vista tópico, que nos oferece uma “representação figurada”³¹⁴, espacializa o aparelho psíquico. Quaisquer que sejam as dificuldades inerentes à “apresentação visual” <*anschauliche Darstellung*> das “particularidades da visa anímica”³¹⁵, atribuímos naturalmente uma “extensão espacial” ao aparelho psíquico³¹⁶ (o que não significa, é claro, que as tópicas se relacionem com uma localização anatómica³¹⁷). Como Freud escreve no célebre texto de 1926 sobre a análise laica, “a psicanálise dá uma importância especial às noções espaciais”³¹⁸. No contexto tópico dá-se, por exemplo, à palavra “inconsciente”, o significado de “província psíquica”; Freud fala igualmente, a propósito dos elementos da segunda tópica, de “reinos” <*Reiche*> e de “regiões” <*Gebiete*>³¹⁹. E: “pode ser que a espacialidade seja a projecção da extensão do aparelho psíquico”³²⁰.

49. *A lógica do inconsciente.* O trabalho do sonho obedece, como já se viu³²¹, à lógica do inconsciente, uma lógica que implica a eliminação dos conectores lógicos (disjunção, negação, etc.) e que opera apenas através da semelhança <*Ähnlichkeit*>, da

aspecto, o caso do Presidente Schreber é exemplar (cf. *Psychoanalytischen Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia*, VIII: 239-320). É talvez também interessante estudar deste ponto de vista os casos de “cegueira histerica” (cf. *Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung*, VIII: 93-102).

³⁰⁹ Cf. o que foi dito atrás, no # 12, sobre a diferença entre a representação de palavra e a representação de coisa.

³¹⁰ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 27.

³¹¹ Cf. # 33.

³¹² *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 80, 81; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 305, nota (*das Unbewusste ist überhaupt zeitlos*); *Das Unbewusste*, X: 286.

³¹³ Sobre os três pontos de vista metapsicológicos (dinâmico, tópico e económico), cf. *Das Unbewusste*, X: 280-281; *Psycho-Analysis*, XIV: 321 ss. Sobre a primeira tópica, de 1915 (Inconsciente / Pré-Consciente / Consciência), cf. *Das Unbewusste*, X: 263-303; sobre a segunda tópica, de 1923 (Id / Ego / Super-Ego), cf. *Das Ich und das Es*, XIII: 235-289, e *Abriss der Psychoanalyse*, XVII, Cap. I. Convém notar que a segunda tópica não “elimina”, nem “substitui” a primeira; convive com ela problemáticamente.

³¹⁴ *Das Unbewusste*, X: 274.

³¹⁵ *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 428. Cf. tb. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 85-86.

³¹⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 67, 126.

³¹⁷ Cf. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 398, nota; *Das Unbewusste*, X: 273.

³¹⁸ *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 223.

³¹⁹ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 79.

³²⁰ *Ergebnisse, Ideen, Probleme*, XIV: 152.

³²¹ Cf. # 44.

consonância <Übereinstimmung> e da aproximação <Berührung>³²². No sistema inconsciente “há apenas conteúdos mais ou menos fortemente investidos”³²³, no inconsciente, “as coisas opostas suportam-se sem se contrariarem”³²⁴, “no sonho manifesto qualquer elemento pode representar igualmente o seu contrário”³²⁵. “As regras do pensamento lógico não funcionam no interior do inconsciente”³²⁶, “as leis da actividade inconsciente da alma <unbewussten Seelentätigkeit> diferem largamente das da actividade consciente”³²⁷.

50. *Condição de consonância.* A representação de prazer obedece ao princípio de semelhança e descuida por inteiro o princípio de dissemelhança, os contrastes. A lógica do inconsciente, que guia a representação de prazer, é uma lógica da semelhança, da consonância e da aproximação. Tudo, portanto, menos uma lógica da oposição ou da distância. A sétima condição metapsicológica da representação de prazer pode ser chamada *condição de consonância*.

51. *Desejo, expectativa e preenchimento.* Dado o primado da plenitude originária, prévia à prova de realidade³²⁸, a vida psíquica do indivíduo, a estrutura mais profunda do pensamento, organiza-se a partir da ideia do preenchimento <Erfüllung> de uma expectativa <Erwartung>. Daí não só a importância da convicção na onipotência do pensamento (que figura em termos cognitivos essa completude sem falhas)³²⁹, como também a do desejo. O sonho – tal como os processos regressivos em geral – é o preenchimento do desejo <Wunscherfüllung>³³⁰, uma satisfação alucinatória: Freud fala explicitamente da “psicose

³²² *Die Traumdeutung*, II/III: 324 ss.

³²³ *Das Unbewusste*, X: 285. Cf., a propósito da noção de “investimento”, o # 15.

³²⁴ *Bruchstück einer Hysterie-Analyse*, V: 222. Cf. tb. *Die Traumdeutung*, II/III: 602.

³²⁵ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 91. Cf. tb. *Das Unbewusste*, X: 285. Sobre algumas analogias linguísticas desta característica do trabalho do sonho, cf. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 91; e o texto *Über den Gegensinn der Urworte*, VIII: 213-221.

³²⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 91.

³²⁷ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 438. Cf. tb. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 403-404; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 20, 80; *Das Unbewusste*, X: 285 ss; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 223-224 (o inconsciente desenvolve-se longe da “proximidade do inimigo” <die Nähe des Feindes>, que, “para a vida psíquica, é a proximidade do exterior <die Nähe der Aussenwelt>. Exterior <Draussen> – estrangeiro <Fremd> – inimigo <Feindlich> foram um dia sinónimos”; no inconsciente (no Id) não há conflitos: “as contradições, os contrários, vêem os seus termos avizinhar-se sem perturbação, há compromissos que frequentemente arranjam as coisas”; trata-se de uma “hinterlândia psíquica” <seeliches Hinterland>; o Id é, “por assim dizer, incoerente, descosido, cada uma das suas aspirações <Strebungen> persegue o seu objectivo próprio sem consideração pelas outras”); *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 350 (o inconsciente não conhece o negativo – e não conhece, portanto, a morte, algo que já foi referido anteriormente); *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 83, nota (o inconsciente, tal como exibido nos pensamentos primários do sonho, ignora “a dúvida e a incerteza enquanto operação crítica”), 84 (na vida inconsciente “as ideias mais opostas podem coexistir e estarem de acordo entre si sem que um conflito resulte da sua contradição lógica”).

³²⁸ Cf. # 46.

³²⁹ Cf. # 42.

³³⁰ *Die Traumdeutung*, II/III: 123, 126, 166, e Cap. III, e Cap. VII, Secção C. Trata-se, como é sabido, de uma das teses fundamentais de Freud: ela reaparece constantemente nos seus escritos. Cf., entre muitíssimos outros lugares, *Bruchstück einer Hysterie-Analyse*, V: 230; *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 398; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 136 (“preenchimento <Erfüllung> alucinatório de um desejo”), e Lição xiv; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 19, 22; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 413 (“satisfação <Befriedigung> alucinatória do desejo”), 418 (“preenchimento <Erfüllung> alucinatório do desejo”); *Die Wahn und die Träume in W. Jensens Gradiva*, VII: 32.

alucinatória do desejo”³³¹. “O trabalho do sonho tem por função essencial substituir uma exigência pelo preenchimento de um desejo”³³². Ou: o sentido dos sonhos diz respeito a uma única forma de pensamento <*Gedankenform*>, a representação de desejos³³³. E o pensamento em geral implica, de resto, o desejo. Não se pensa sem se desejar³³⁴. A doutrina psicanalítica – como qualquer sistema de pensamento – almeja a satisfação das expectativas³³⁵.

52. *Condição de imediatidade da satisfação*. A representação de prazer – contrariamente à representação de realidade – obedece a um princípio de imediatidade, de não-intervalo entre o desejo e a sua satisfação. Podemos chamar a esta oitava condição metapsicológica da representação de prazer *condição de imediatidade da satisfação*.

53. *A arte e o pensamento do inconsciente*. Indiscutivelmente, é a arte – quaisquer que sejam as ambiguidades do tratamento freudiano desta questão³³⁶ – que melhor realiza o pensamento do inconsciente. O artista – já o vimos por duas vezes³³⁷ – lida directamente com fantasmas, vive no “mundo fantasmático” <*Phantasiewelt*>³³⁸, e a arte mergulha-nos num “doce estado narcótico” <*milde Narkose*>³³⁹.

54. *Articulação das condições metapsicológicas da representação de prazer*. Temos assim oito condições metapsicológicas da representação de prazer: condição de arcaicidade; condição de indistinção entre a representação e o representado; condição de onirismo; condição de originariedade e autonomia dos actos psíquicos inconscientes; condição de onipotência do pensamento; condição de figurabilidade; condição de consonância; e, finalmente, condição de imediatidade da satisfação. A primeira condição metapsicológica da representação de prazer é a condição de arcaicidade. A representação de prazer encontra-se antes da representação de realidade: algo há que ela revela que é mais profundo do que aquilo que a representação de realidade nos pode oferecer. Essa arcaicidade é sublinhada pela segunda condição metapsicológica, a condição de indistinção entre a representação e o representado: a representação de prazer – contrariamente à representação de realidade – não aponta para nada de exterior, ela contém já em si o representado. É um dos aspectos em que mais claramente a representação de prazer se assemelha à representação estética. A indistinção entre representação e representado é reforçada ontologicamente pela condição de onirismo: a forma de existência <*Existenzform*> do prazer é distinta da forma de existência da realidade, tal como a ontologia da criação estética é distinta da ontologia da realidade física. A condição de originariedade e de autonomia dos actos psíquicos inconscientes repercute a condição de arcaicidade e acentua a singularidade ontológica da representação de prazer: esta não pode ser reduzida à representação de realidade, tal como

³³¹ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 420-421. Cf. tb. o # 46.

³³² *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 92. Sobre as objecções (intuitivas) relativas aos sonhos de angústia e de punição, cf, por exemplo, *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 93; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 28-31.

³³³ *Bruchstück einer Hysterie-Analyse*, V: 230.

³³⁴ Reenvio a P. Tunhas, “Três maneiras de pensar”, *Análise*, 21, 2000, pp. 113-184.

³³⁵ *Zur Ätiologie der Hysterie*, I: 438.

³³⁶ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 236-237.

³³⁷ Cf. ## 14 e 38.

³³⁸ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 236.

³³⁹ *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 439. Cf. tb. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 416-417.

uma obra de arte não pode ser reduzida à informação que eventualmente veicula. A quinta condição metapsicológica da representação de prazer é a condição de onipotência do pensamento. Ela é simultaneamente ontológica, epistémica e epistemológica: a representação de prazer sobre-valoriza os processos psíquicos em detrimento da realidade exterior, incute uma confiança absoluta na eficácia daqueles – encontramos aqui no pólo oposto à condição de dúvida da representação de realidade –, e assegura-nos da íntima conexão de tudo, ou, noutra linguagem, da perfeita internalidade das relações (a harmoniosa articulação das partes no interior do todo é, vale a pena lembrá-lo, um tema perene das estéticas). A sexta condição metapsicológica, a condição de figurabilidade, repete mais uma vez a condição de arcaicidade – ela possui um carácter regressivo – e revela poderosamente um modelo de satisfação estética, não apenas válido na actividade propriamente artística: pense-se no estatuto dos modelos visuais em ciência (Kepler, Kekulé, Watson e Crick, por exemplo)³⁴⁰. Passemos à condição de consonância: ela corresponde a uma eliminação da possibilidade da negação: epistemicamente, ela opõe-se à condição de dúvida do princípio de realidade, bem como à condição de exterioridade, e é solidária com a condição de indistinção entre a representação e o representado. O mesmo se passa com a última condição, a condição de imediatidade da satisfação: o intervalo da exterioridade eclipsa-se. A satisfação estética – quaisquer que sejam as cláusulas que se queiram acrescentar – é, pelo menos idealmente, uma satisfação imediata.

IV. Conflito

55. *O papel das oposições*. Para pensar – mesmo para pensar o inconsciente, a série do prazer – é sempre necessário recorrer a oposições, a pares de opostos³⁴¹. A consciência – o lugar onde pensamos por oposições – é a única luz que nos pode guiar nas terras da vida psíquica³⁴². Por isso, exactamente, vemos Freud opor o prazer ao desprazer³⁴³, o princípio do prazer ao princípio da realidade³⁴⁴, o sujeito ao objecto³⁴⁵, as pulsões de morte às pulsões de vida³⁴⁶, o sadismo ao masoquismo³⁴⁷, o voyeurismo <Schaulust> ao

³⁴⁰ Permito-me, sobre a satisfação estética, reenviar a P. Tunhas, “Akribeia, maneiras de pensar e objectos de pensamento. O exemplo da descoberta”, in Adelino Cardoso e José M. Justo, org., *Sujeito e passividade*, Colibri, Lisboa, 2003, 21-60.

³⁴¹ Sobre os pares de opostos em geral, cf. *Triebe und Triebchicksale*, X: 219 ss; *Die infantile Genitalorganisation*, XIII: 297-298; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 267; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 56-59, 66-67; *Selbstdarstellung*, XIV: 61; *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 332. Cf. tb. *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 353; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 57; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 111-112, nota; *Das Ich und das Es*, XIII: 271.

³⁴² *Some elementary lessons in psycho-analysis*, XVII: 147.

³⁴³ *Triebe und Triebchicksale*, X: 226.

³⁴⁴ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 231 ss; *Triebe und Triebchicksale*, X: 228; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 1-69; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 129.

³⁴⁵ *Triebe und Triebchicksale*, X: 226

³⁴⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: Cap. II; *Triebe und Triebchicksale*, X: 209-232; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 110. Sobre a teoria das pulsões, cf. tb, em geral, *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, Lição xxxii (*Angst und Triebleben*), XV: 87-118. Voltarei à teoria das pulsões no # 58 e na nota 378.

³⁴⁷ *Triebe und Triebchicksale*, X: 219 ss. Cf. tb. *Das ökonomische Problem des Masochismus*, XIII: 369-383; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 111 ss; *Trauer und Melancholie*, X: 438; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 56-59, 93-94, 97; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 59; *Das Ich und das Es*, XIII: 270; “*Ein Kind wird geschlagen*”, XII: *passim* (sobre a génese do masoquismo).

exibicionismo <Exhibitionszwang>³⁴⁸, o amor ao ódio³⁴⁹, o activo ao passivo³⁵⁰, o masculino ao feminino³⁵¹, o eu ao não-eu <Nicht-Ich>³⁵², o interior ao exterior³⁵³, a energia livre à energia ligada³⁵⁴, a união à desunião (das pulsões), etc. O que significa que a própria natureza profunda da psique, e o pensamento que nela se desenrola, por mais originários que sejam, só são pensáveis a partir dos critérios do pensamento vigil, isto é, do pensamento que, à partida, reconhece já o princípio de realidade.

56. *Primado do ponto de vista dinâmico.* Neste contexto – o de um pensamento que se institui sobre oposições –, vale a pena sublinhar um aspecto da evolução teórica de Freud. Tal evolução vai distintamente no sentido de um privilégio concedido ao ponto de vista dinâmico/qualitativo³⁵⁵. O Capítulo IV do *Abriss* de 1938 é particularmente significativo sob este aspecto³⁵⁶. Trata-se de estudar aquilo que Freud chama as “qualidades psíquicas” <psychische Qualitäten> – a consciência, a pré-consciência e a inconsciência –

³⁴⁸ *Triebe und Triebchicksale*, X: 219 ss. Cf. tb. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 55-56, 93.

³⁴⁹ *Triebe und Triebchicksale*, X: 219 ss; *Traume und Melancholie*, X: 444; *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 353; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 57; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 98-99, 100, 111-112, nota; *Das Ich und das Es*, XIII: 271.

³⁵⁰ *Triebe und Triebchicksale*, X: 219 ss; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 115; *L'hérédité et l'Étiologie des Névroses*, I: 421; *Die Disposition zur Zwangneurose*, VIII: 448; *Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität*, XII: 301; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 103; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 56-59, 99; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 107.

³⁵¹ *Triebe und Triebchicksale*, X: 227; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 114 ss. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 119-145 (Lição xxxiii).

³⁵² *Triebe und Triebchicksale*, X: 226.

³⁵³ *Triebe und Triebchicksale*, X: 212; *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 423 ss.

³⁵⁴ *Das Unbewusste*, X: 287; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 26, 31; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 86.

³⁵⁵ O ponto de vista económico/quantitativo/energético – tal como o ponto de vista tópico; para os três pontos de vista, cf. *Psycho-Analysis*, XIV: 301-302; *Das Unbewusste*, X: 263-303 – permanecerá, no entanto, sempre importante para Freud. No fundo, trata-se do ponto de vista de Breuer (cf. *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 45-46; e *Studien über Hysterie*, I: 75-312, nomeadamente o Cap. III, “Considerações teóricas”, da autoria de Breuer). Ele é necessário, por exemplo, para explicar os processos de *descarga e de conversão* (sobre a conversão <Konversion>, cf. os *Studien über Hysterie*, I: 75-312; *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 45-46; *Das Unbewusste*, X: 284). No *Abriss* de 1938, Freud insistirá, por exemplo, na necessidade de conhecer a “repartição quantitativa da libido” (*Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 78). Sobre a energia, cf. *Abriss der Psychoanalyse*, XIV: 86, 108. Cf. igualmente a referência às “desarmonias quantitativas” <quantitative Disharmonien> na origem das neuroses (*Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 110). Ou às “quantidades de excitação <Erregungsgrößen>” (*Triebe und Triebchicksale*, X: 216; *Das Unbewusste*, X: 280; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 68). Ou ao quantum de afecto <Affektbetrag> (*Die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 74; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 21; *Die Verdrängung*, X: 255-256, 258-259; *Das Unbewusste*, X: 276-278). Ou à relação entre o ponto de vista económico e o conceito de trauma (*Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 284). Sobre o quantitativo-energético-económico, cf. *Zur Ätiologie der Hysterie*, I: 447; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 16, 81, 96, 100, 103; *Die Verdrängung*, X: 254 ss; *Trauer und Melancholie*, X: 443, nota.

³⁵⁶ Mas todo o *Abriss* privilegia o ponto de vista dinâmico: cf., por exemplo, *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 92, 103. Sobre o dinamismo, cf. tb., por exemplo, *Kurzer Abriss der Psychoanalyse*, XIII: 408. A vantagem do ponto de vista dinâmico, segundo Freud, é que ele não é meramente descritivo: possui um poder explicativo (cf. *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 432, 434). A passagem da descrição à explicação dinâmica faz-se através da introdução da noção de força (*Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 227: “É-nos então necessário estudar o nosso Eu e o nosso Id de um ponto de vista novo: o dinâmico, isto é, fazendo atenção às forças que jogam no interior destes e entre eles. Até agora, contentamo-nos com uma descrição <Beschreibung> do aparelho psíquico”; cf. tb. *Das Ich und das Es*, XIII: 240-241). Mas, é verdade, toda a actividade científica começa por uma descrição <Beschreibung> dos fenómenos (*Triebe und Triebchicksale*, X: 210), prévia à definição dos termos e à explicação. Cf. ainda, sobre a relação quantitativo/qualitativo, *Das ökonomische Problem des Masochismus*, XIII: 372, 373.

na sua relação com as “províncias ou instâncias do aparelho psíquico”³⁵⁷. Assim, à “divisão tópica do aparelho psíquico em Ego e Id” correspondem as “qualidades de consciente e inconsciente”³⁵⁸. O verdadeiro sentido de “inconsciente” é dinâmico³⁵⁹, e a relação entre os estados psíquicos só é compreensível em termos de “relações dinâmicas <dynamischen Verhältnissen>”³⁶⁰. De resto, também o processo do desenvolvimento dos estádios da libido (oral, sádico-anal, fálico, genital) é um processo dinâmico³⁶¹.

57. *Conceitos dinâmicos*. A psicanálise é “uma concepção dinâmica que reconduz a vida psíquica a um jogo de forças que se favorizam e se inibem umas às outras”³⁶². Freud filia-se efectivamente na tradição do dinamismo em filosofia (Estóicos, Leibniz, Kant³⁶³): o pensamento é o resultado de um conflito de forças. (Note-se que o extraordinário *Esboço de uma Psicologia Científica*, de 1895, explicando o aparelho psíquico em linguagem neurofisiológica, privilegiava ainda claramente um ponto de vista energético/quantitativo³⁶⁴.) E esse conflito dá-se porque as várias instâncias psíquicas não convivem pacificamente. Com efeito, é difícil exagerar a importância de noções como as de conflito <Konflikt>³⁶⁵

³⁵⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 83.

³⁵⁸ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 85.

³⁵⁹ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 78.

³⁶⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 86. Insistamos de novo no dinamismo, na “dinâmica psíquica” <seelische Dynamik, psychische Dynamik>, para sublinhar, se bem que de maneira rapsódica, a importância deste ponto de vista. Cf., por exemplo, *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 415; “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 217-218; *Kurzer Abriss der Psychoanalyse*, XIII: 408 (o dinamismo <Dynamismus> respeita ao “jogo das forças psíquicas <das Spiel der seelischen Kräfte>”); *Psycho-Analysis*, XIV: 301-302; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 136, 141, 292, 410 (interpretação dinâmica do afecto), 434 (dinamismo na formação dos sonhos), 470; *Das Unbewusste*, X: 272; *Selbstdarstellung*, XIV: 46 (relação entre factores dinâmicos e factores económicos), 55-56 (pulsão e resistência como “grandezas dinâmicas” na origem do recalçamento; conflito psíquico e recalçamento como “factores dinâmicos”), 68 (a transferência como “factor dinâmico”, na sua relação com a “sugestibilidade” <Suggestierbarkeit>; sobre a sugestibilidade, cf. *Massenpsychologie und Ich-Analyse*); *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 227 (novidade do “ponto de vista” dinâmico, compreendendo uma teoria das forças, por oposição à descrição), 255 (a “influência pessoal” do analista como “arma dinâmica mais poderosa” <stärkste dynamische Waffe> na cura); *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 18 (modo de expressão sistemático/dinâmico versus modo de expressão descritivo); *Das Ich und das Es*, XIII: 240 ss.

³⁶¹ “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 220-221. Cf., sobre este processo, *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 105-107.

³⁶² *Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung*, VIII: 96.

³⁶³ Sobre o dinamismo estóico e kantiano, reenvio a “Sistema e Mundo. Kant e os Estóicos”, em Leonel Ribeiro dos Santos (coordenação) Kant: *posterioridade e actualidade*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 129-149.

³⁶⁴ *Entwurf einer Psychologie*, in *Texte aus den Jahren 1885-1938*, págs. 373-486.

³⁶⁵ O primeiro ponto a ter em conta, na doutrina freudiana do conflito, é que os conflitos – fonte de desprazer – dão-se no Eu, não existem conflitos no interior do Id <im Es gibt es keine Konflikte>. São os conflitos que se encontram na origem das neuroses. Estas originam-se, de facto, na oposição entre o Eu e o Id. Há uma oposição de base entre “o mundo exterior e o Id, e já que o Eu, fiel nisso à sua íntima essência, toma partido pelo mundo exterior, entra em conflito com o seu Id”. Por isso, o conflito entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais está na origem das psiconeuroses, e, no caso das psiconeuroses graves, da mutilação e do suicídio. O protótipo da solução <Erledigung>, sempre precária, do conflito é o recalçamento, que resulta nos diversos modos do compromisso, da formação de sintomas, do refúgio na doença <Flucht in die Krankheit>, etc. Sobre o conflito, cf. *Trieb- und Triebchicksale*, X: 217; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 87; *Psychopathische Personen auf der Bühne, in Nachtragsband. Texte aus den Jahren 1885-1938*: 655-661; *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 392, 401; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 397, 400; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 14, 15; *Die Verdrängung*, X: 254; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 64; *Selbstdarstellung*, XIV: 55-56, 90; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 223, 251; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 6-7, 56; *Das Ich und das Es*, XIII: 264; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 172, 198.

("o sonho é sempre o resultado de um conflito"³⁶⁶), ou conflito ambivalencial <Ambivalenzkonflikt>³⁶⁷. Mas não só: luta <Kampf>³⁶⁸, obstáculo <Hindernis> (interior e exterior) e barreira <Schranke>³⁶⁹, defesa <Abwehr>³⁷⁰, dualismo pulsional³⁷¹, força <Kraft>³⁷², repressão <Unterdrückung>³⁷³, recalçamento <Verdrängung>³⁷⁴, recalçamento

³⁶⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 93.

³⁶⁷ *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 353; *Trauer und Melancholie*, X: 437-438, 444.

³⁶⁸ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 105, 107, 108; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 255 (a luta contra as resistências é "a tarefa principal <Hauptarbeit> da cura analítica").

³⁶⁹ A noção de obstáculo é fundamental do ponto de vista dinâmico. Tal como para os Estóicos e para Kant (cf. P. Tunhas, "Sistema e Mundo", cit.), há obstáculos interiores e exteriores. Entre os primeiros encontramos, por exemplo, aquele que é para o analista um obstáculo importante contra o qual tem de lutar: o "obstáculo do sentimento inconsciente de culpabilidade" do analisado, ou a transferência, o principal obstáculo à análise (mas que pode, de resto, converter-se em algo de útil para esta). As "objecções críticas" <kritischen Einwendungen> constituem igualmente obstáculos <Abhaltungen> interiores na luta contra as resistências do analisado. Entre os segundos – os obstáculos/protestos <Einsprüche> que a realidade coloca à satisfação das pulsões –, alguns que até podem ser positivos, tais como aqueles obstáculos que são necessários para o aumento da libido, outros negativos: os obstáculos ao "exercício da função sexual" podem ser um factor de retorno às fixações primeiras; há, de facto, obstáculos vindos do exterior que determinam uma regressão conduzindo a uma fixação perversa. Também a barreira ao incesto <Inzestschranke> constitui primeiramente um obstáculo exterior (depois, é claro, interiorizado). Cf. *Das Ich und das Es*, XIII: 279, nota; *Beiträge zur Psychologie des Liebeslebens*, VIII: 88; *Bruchstück einer Hysterie-Analyse*, V: 281; *Bemerkungen über die Übertragungsliebe*, X: 309; *Die endliche und die unendliche Analyse*, XVI: 65; *Das Unbewusste*, X: 268; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 93, 122, 136, 139, nota; *Selbstdarstellung*, XIV: 66; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 238, 275; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 108, 110, 113, 114, 131 ss, 136, 150 ss, 162 ss, 166, 174, 204, 260, 265; *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 436.

³⁷⁰ *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 435, 436.

³⁷¹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: Cap. II.

³⁷² O conceito de força – conceito dinâmico por excelência – articula-se intimamente com os de conflito e obstáculo. E aplica-se à agência de vários dos elementos principais da psique. Assim, a pulsão é uma "força constante"; há uma despesa de força necessária para produzir o recalçamento e o manter; "o pensamento inconsciente é excluído da consciência por forças vivas <lebendige Kräfte> que se opõem elas próprias à sua aceitação, ao mesmo tempo que não obstruem <nichts in den Weg legen> os outros pensamentos, os pensamentos pré-conscientes". A dimensão da importância do "jogo das forças psíquicas" na teoria psicanalítica pode-se ver claramente no facto de a passagem da teoria da catarse à psicanálise propriamente dita se dar através do reconhecimento da existência de um "jogo de forças <Kräftspiel>", da "acção de intenções <Absichten> e tendências <Tendenzen>, tal como na vida normal as podemos observar", um "jogo de forças" que havia sido encoberto pela hipnose. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 109; *Über Psychoanalyse*, VIII: 54; *Trieb- und Triebchicksale*, X: 212; *Die Verdrängung*, X: 251, 253; *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, XIII: 436; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 78, 79; *Selbstdarstellung*, XIV: 47, 54; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 227; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 18, 149, 151, 153, 188; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV, 163.

³⁷³ Sobre a repressão, cf., por exemplo, *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 132-133, 150.

³⁷⁴ Trata-se da "mais velha peça da nossa terminologia psicanalítica" (*Fetischismus*, XIV: 313). O recalçamento – que possui, tal como a resistência e o conflito, um carácter dinâmico – é o núcleo <das Kern> do mecanismo psíquico, a doutrina do recalçamento é o "pilar" <Grundpfeiler> da compreensão das neuroses, o "centro" <Zentrum> da doutrina psicanalítica, uma das partes essenciais <Hauptbestandteile> do edifício psicanalítico. Freud insiste, de resto, em que foi o estudo dos recalçamentos patogénicos que obrigou a "levar a sério o conceito de inconsciente". O recalçamento é produto das resistências, e o conceito de inconsciente "vem-nos da teoria do recalçamento": "O recalçado <das Verdrängte> é para nós o protótipo do inconsciente"; o recalçado é uma parte do Id, e encontra-se separado do Eu apenas devido às resistências do recalçamento, que começa desde muito cedo. Verificam-se recalçamentos decisivos na infância, num estado de debilidade do Eu, que dão posteriormente origem a repetições tardias dos recalçamentos infantis. A cura analítica busca justamente pôr a claro o recalçamento pelo Eu das moções pulsionais e as consequências do facto, buscando a rememoração <Erinnerung> da situação conducente ao recalçamento <Situation der Verdrängung>. A noção é operatória em praticamente todos os domínios, como, por exemplo, no estudo do Witz, onde o prazer se deve a uma suspensão <Aufhebung> provisória do recalçamento (várias outras oca-

originário <Urverdrängung>³⁷⁵, censura <Zensur>³⁷⁶, resistência <Widerstand>³⁷⁷, clivagem do Eu <Ichspaltung>³⁷⁸, inibição <Hemmung>³⁷⁹.

58. *Conflito pulsional*. Tomemos o exemplo do conflito pulsional³⁸⁰. Na versão final

siões, é claro, suscitam tais suspensões, uma delas sendo a integração numa multidão: “o indivíduo encontra-se, na multidão, em condições que lhe permitem desembaraçar-se dos recalcamientos das suas moções pulsionais <Triebregungen> inconscientes”). Do mesmo modo – sem que Freud cometa o pecado de confundir os erros cometidos por recalçamento com aqueles que são consequência de ignorância real – o esquecimento dos nomes é também muitas vezes consequência de recalçamento. Cf. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 85, 111. Cf. tb. *Selbstdarstellung*, XIV: 54 ss; *Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 401; *Psychoanalytischen Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia*, VIII: 303 ss; “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 222; *Psycho-Analysis*, XIV: 303; *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 53 ss; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição xix; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 62, 92, 93 (é a angústia – nomeadamente a angústia da castração – que se encontra na origem do recalçamento; cf. tb. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 96); *Die Verdrängung*, X: 247-261; *Das Unbewusste*, X: 264, 277 ss, 279 ss; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 139-140; *Selbstdarstellung*, XIV: 55-56, 56, 61, 65, 92; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 230-233, 237 e 275-276; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 79; *Das Ich und das Es*, XIII: 241, 252, 263; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 110-111, 150, 199, 266; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 11, 246. Trata-se, como se viu acima, do “pilar” <Grundpfeiler> da doutrina psicanalítica (*Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 54). Para um óptimo exemplo de um caso de recalçamento, cf. *Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit*, I: 517-527 (ele é retomado em *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 6 ss.).

³⁷⁵ *Die Verdrängung*, X: 250; *Das Unbewusste*, X: 280.

³⁷⁶ A censura do sonho <Traumzensur> é um dos elementos fundamentais que determinam o trabalho do sonho. É apenas um exemplo, entre vários, dos processos de censura que regem a vida psíquica: um outro será a censura moral produzida pelo Ideal do Eu, “formação substitutiva <Ersatzbildung> que ocupa o lugar da nostalgia do pai”, e pela sua manifestação na consciência moral. A comunicação <Mitteilung>, ordenada pela regra fundamental da psicanálise, tem por objectivo contrariar a censura e a dissimulação. Cf. *Die Traumdeutung*, II/III: 166; *Selbstdarstellung*, XIV: 70; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 214-215; *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 165; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição ix; *Das Unbewusste*, X: 271, 290-292; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 415, 416; *Selbstdarstellung*, XIV: 70; *Das Ich und das Es*, XIII: 265; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 111, 188, 195-196, 212.

³⁷⁷ A resistência é uma “grandeza dinâmica”. “Tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência”, escreve Freud, tal é a definição mais geral de “resistência”: “todas as forças que se opõem ao trabalho da cura”. A segunda etapa (hostil) da transferência é o instrumento principal <Hauptwerkzeug> da resistência. Concomitantemente, “a luta contra todas essas resistências é a tarefa principal da cura analítica”. Tal luta é possível já que as resistências à cura encontram-se no Eu, não no inconsciente. Trata-se de resistências interiores, forças que produzem e mantêm o recalçamento. A que se resiste? A lembranças de impressões penosas e à representação de ideias penosas, sobretudo relativas à infância. À interpretação. O doente resiste – de uma resistência fraca ou de uma resistência forte – à reprodução do recalçado. A vitória sobre a resistência do doente obtém-se através da comunicação <Mitteilung> e da educação <Erziehung> do Eu. Cf. *Die Traumdeutung*, II/III: 521; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 82-83, 87, 104 ss; *Die Widerstände gegen die Psychoanalyse*, XIV: 97-110; *Einige Nachträge zum Ganzen der Traumdeutung*, I: 563; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 141, e Lição xix; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 13 ss, 75; *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, 435-436; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 64; *Selbstdarstellung*, XIV: 55, 66-69; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 233, 251, 254-255; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 16-18, 45; *Das Ich und das Es*, XIII: 241; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 18, 132, 185; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 51, 162, 178, 257 e 299.

³⁷⁸ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 133; cf. tb. *Die Ichspaltung in Abwehrvorgang*, XVII: 57-62; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 64; *Trauer und Melancholie*, X: 433.

³⁷⁹ *Hemmung, Symptom und Angst, Symptom und Angst*, XIV: 111-205.

³⁸⁰ Cf. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: Cap. II. *E Die endliche und die unendliche Analyse*, XVI: 67. Sobre o conceito de pulsão <Trieb>, cf. *Triebe und Triebchicksale*, X: 209-232. A doutrina final de Freud na matéria oporá pulsões de vida e pulsões de morte. O conceito de pulsão é um conceito-limite <Grenzbegriff> entre o psíquico e o somático (*Triebe und Triebchicksale*, X: 214) e o biológico (*Triebe und Triebchicksale*, X: 213, 217; cf. tb. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 410-411). Não deve ser confundido com o conceito de instinto <Instinkt>. Devemos, a partir do conjunto relativamente arbitrário de pulsões que pode-

da teoria das pulsões – trata-se, em última análise, de uma mitologia³⁸¹ –, Freud sugere a existência de duas pulsões fundamentais <Grundtriebe>, duas “forças originárias <Urkräften>”³⁸²: Eros – pulsão de vida, conservação, ligação, atracção – e Thanatos: pulsão de destruição <Destruktionstrieb>, ou de morte – quebra de relações, destruição das coisas, retorno ao inorgânico, regressão, repulsão (toda a problemática da agressividade e da pulsão de agressão <Agressionstrieb>³⁸³ entronca aqui³⁸⁴). As duas pulsões antagonizam-se reciprocamente³⁸⁵. De facto, esse antagonismo envolve sempre uma combinação das pulsões em proporção variada³⁸⁶.

59. *A série do conflito prazer-realidade.* Podemos falar de uma *série do conflito prazer-realidade*. A sua principal figura é o Superego da segunda tópica de 1923³⁸⁷. Com

mos postular (de jogo, etc.), procurar quais aquelas que são as pulsões originárias <Urtriebe>: em *Triebe und Triebchicksale*, as pulsões do Eu ou de auto-conservação <Ich- oder Selbsterhaltungstriebe> e as pulsões sexuais <Sexualtriebe> (*Triebe und Triebchicksale*, X: 215 ss; cf. tb. *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 145 (a oposição entre pulsões do Eu e pulsões sexuais foi sugerida pela análise das neuroses de transferência); “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 229-230; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição xxvi; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 101 ss). Como se vê, a doutrina de *Triebe und Triebchicksale* (1915) não é a mesma da do *Abriss* de 1938; mas, como já em 1915 Freud escrevia, é particularmente difícil, senão mesmo impossível, com base no material psicológico, “recolher indícios decisivos para separar e classificar as pulsões” (*Triebe und Triebchicksale*, X: 217); “De todos os elementos da teoria analítica lentamente desenvolvidos, foi a doutrina das pulsões que, nas suas apalpadelas, mais laboriosamente avançou” (*Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 476; cf. tb. *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 143; *Hemmung, Symptom und Angst*, VII: 155 (sobre a sinuosidade <Unebenheit> no desenvolvimento da teoria das pulsões); *Psycho-Analysis*, XIV: 301; o conceito de pulsão é bem um conceito-limite). Sobre a relação entre pulsão e excitação <Reiz>, cf. *Triebe und Triebchicksale*, X: 211 ss. Sobre a diferença entre pulsões do Eu <Ichtriebe> e pulsões de objecto <Objekttriebe>, cf. *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 476. Sobre a diferença entre pulsão de vida e pulsão de morte <Todestrieb> – diferença sobre a qual se institui, repitamo-lo, a última doutrina das pulsões –, dissolvente e reconduzida ao estado inorgânico das primeiras origens, e sobre a sua aliança íntima que torna as distinções particularmente difíceis, cf. *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 1-69; e *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 477 ss. Sobre a evolução da oposição entre pulsões do Eu e pulsões do objecto à oposição entre pulsões de vida (contendo os dois elementos da anterior oposição) e pulsões de morte, cf. *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 66, nota. Sobre as pulsões em geral, cf. ainda *Psycho-Analysis*, XIV: 303-304; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 101 ss.

³⁸¹ *Warum Krieg?*, XVI: 23. Cf. tb. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 101 (“A teoria das pulsões é, por assim dizer, a nossa mitologia. As pulsões são seres míticos <mytische Wesen>, descomunais na sua indeterminação <Unbestimmtheit>. Não podemos no nosso trabalho desprezar o olhar delas por um só instante, e, no entanto, nunca estamos certos de as ver nitidamente”). Vale sempre a pena insistir na prudência metodológica de Freud nestas matérias. Lembremos que também a “alucinação primitiva” é uma “ficção”, tal como o assassinato do pai na horda primitiva (cf. o que foi dito sobre o estatuto das hipóteses no pensamento freudiano, na nota 233, e o que será dito no # 67 sobre a “condição de mitologia”).

³⁸² *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 128, 129. Cf. tb. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 109-110, 114-115, 149.

³⁸³ A noção deve-se a Adler (cf. o *Vocabulaire de Psychanalyse*, cit.).

³⁸⁴ *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 479 ss.

³⁸⁵ Cf. *Warum Krieg?*, XVI: 20.

³⁸⁶ *Warum Krieg?*, XVI: 20 ss (sobretudo sobre a pulsão de destruição); *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 111, 115.

³⁸⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 69, e Cap. IX; *Das Ich und das Es*, XIII: 256 ss. Cf. tb. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 65 ss, 72 ss; *Selbstdarstellung*, XIV: 85 (O Superego é o herdeiro <der Erbe> do Complexo de Édipo e o representante <der Vertreter> das exigências éticas do homem); *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 253-254 (o Superego procede por uma diferenciação a partir do Eu, e “ocupa uma situação especial entre o o Eu e o Id. Pertence ao Eu, participa da sua alta organização psicológica, mas encontra-se numa relação particularmente íntima com o Id. Ele é, na realidade,

efeito, mais do que a *série da realidade* – e muito mais do que a *série do prazer*, cuja natureza é profundamente anti-social: “cada indivíduo é virtualmente um inimigo da civilização”³⁸⁸ –, a *série do conflito prazer-realidade* representa a importância da realidade social (e a concomitante introjecção³⁸⁹ da pulsão de destruição por parte do indivíduo, conduzindo à melancolia³⁹⁰ e ao sentimento de culpabilidade³⁹¹, à necessidade de punição, e, eventualmente à morte do indivíduo em consequência dos seus conflitos internos <inneren Konflikten>³⁹²), de que o Superego é como que o depositário³⁹³. A *série do conflito prazer-realidade* é, de um certo modo, uma *série dialéctica*. Em primeiro lugar, devido à importância que o conflito nela assume. Em segundo lugar, porque a argumentação de Freud se reveste necessariamente de uma certa obscuridade, que tem a ver com a própria natureza da articulação dos elementos da *série*.

60. *Condição de socialidade*. A representação de conflito é uma representação que tem em conta a sociedade, na medida em que esta cria o próprio indivíduo. Podemos chamar à primeira condição metapsicológica da representação de conflito *condição de socialidade*. Note-se que ela incorpora em si uma das condições da representação de realidade – mais exactamente, a *condição de exterioridade*³⁹⁴ (a sociedade é sempre, de certo

o resíduo <Niederschlag> dos primeiros investimentos objectais <Objektbesetzungen> do Id, o herdeiro do complexo de Édipo depois do abandono deste. Este Superego pode opor-se ao Eu, tratá-lo como um objecto exterior, e fá-lo, de facto, muitas vezes com extrema dureza. É por isso importante que o Eu esteja de acordo tanto com o Superego como com o Id”; o Superego é o “portador <Träger> do fenómeno que chamamos consciência moral. É muito importante para a saúde psíquica que o Superego se tenha desenvolvido normalmente, isto é que se tenha tornado suficientemente impessoal”; “o “sentimento inconsciente de culpabilidade” <unbewusste Schuldgefühl> representa a resistência do Superego).

³⁸⁸ Die Zukunft einer Illusion, XIV: 326-327: “jeder Einzelne virtuell ein Feind der Kultur ist”.

³⁸⁹ A noção de introjecção <Introjektion> deve-se a Ferenczi (cf. a entrada no *Vocabulaire de Psychanalyse*, cit.).

³⁹⁰ Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, XV: 66-67. Sobre a melancolia, cf. Trauer und Melancholie, X: 427-446; Massenpsychologie und Ich-Analyse, XIII: 120-121, 147-149; Das Ich und das Es, XIII: 256, 277-289 (em particular sobre a sensação de que, na melancolia, o Superego anexou a consciência).

³⁹¹ Abriss der Psychoanalyse, XVII: 106. “Chamamos consciência de culpabilidade <Schuldbewusstsein> à tensão <Spannung> entre o severo Superego e o Eu que se lhe encontra submetido; ela manifesta-se como necessidade de punição” (Das Unbehagen in der Kultur, XIV: 483). Cf. tb. Zur Einführung des Narzissmus, X: 169-170; Die Abwehr-Neuropsychosen, I: 69; Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, XV: 67 ss (sobre a relação do Superego ao complexo de Édipo e à educação); Selbstdarstellung, XIV: 94 (sobre o “sentimento de culpabilidade da humanidade (o pecado original)”; Die Frage der Laienanalyse, XIV: 254; Zeitgemässes über Krieg und Tod, X: 348-9 (reconstrução da origem histórica da consciência de culpabilidade <Schuldbewusstsein>), 351 (a angústia da morte tem origem no sentimento de culpabilidade); Massenpsychologie und Ich-Analyse, XIII: 86 (consciência obsessiva da culpabilidade na neurose), 147 (o sentimento de culpabilidade <Schuldgefühl> como “expressão da tensão entre Eu e Ideal”); Das Ich und das Es, XIII: 254, 263 e 281 (sobre a possibilidade de um “sentimento de culpabilidade inconsciente”), 265 (o sentimento de culpabilidade nasce da “tensão <Spannung> entre as exigências da consciência moral e as realizações do Eu”), 279 (sentimento de culpabilidade e necessidade de estar doente <Krankheitsbedürfnis>), 282 (possibilidade do sentimento inconsciente de culpabilidade tornar uma pessoa criminosa, “como se fosse sentido como um alívio <Erleichterung>” o facto de se “poder ligar esse sentimento de culpabilidade a algo de real e actual”). Sobre a relação entre sentimento de culpabilidade e masoquismo, cf. Das ökonomische Problem des Masochismus, XIII: 379-383; Dostojewski und die Vaterötung, XIV: 401; “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 208 e 214-215 (a consciência de culpabilidade é aquilo que transforma o sadismo em masoquismo), 215 (a consciência de culpabilidade nasce do Superego, essa “consciência moral crítica que se opõe ao resto do Eu”).

³⁹² Cf. Abriss der Psychoanalyse, XVII: 72.

³⁹³ Cf. Abriss der Psychoanalyse, XVII: 69.

³⁹⁴ Cf. # 22.

modo, algo de exterior) – e uma condição da representação de prazer: a condição de arcaicidade³⁹⁵ (são os estratos mais profundos, pulsionais, do indivíduo que se encontram em luta contra as regras sociais). A posição do conflito é óbvia, e a solução deste, embora efectiva, para que a sociedade e os indivíduos continuem a existir, deve ser sempre precária. As forças radicais que se opõem não dão tréguas uma à outra.

61. *A interpretação.* A psicanálise é originariamente uma “arte da interpretação”³⁹⁶. A substituição do sonho pelos pensamentos que ele exprime³⁹⁷, a interpretação do sonho – a dedução do pensamento do sonho a partir do seu conteúdo manifesto, que percorre no sentido inverso o percurso do trabalho do sonho³⁹⁸ – obedece necessariamente a critérios que não são nem os da série da realidade nem os da série do prazer. O trabalho de interpretação <Deutungsarbeit>³⁹⁹ – a interpretação do sonho <Traumdeutung>⁴⁰⁰, a tentativa de restituição do pensamento do sonho <Traumgedanke>, a “pedra basilar <Grundstein> do trabalho psicanalítico”⁴⁰¹ – é uma construção <Konstruktion>⁴⁰²; uma construção que deve, no final, contar com o assentimento <Zustimmung> do doente, momento em que o saber do analista é partilhado pelo analisado: “Quanto mais a construção concorda com os detalhes do facto esquecido, mais fácil é ao doente dar-nos o seu assentimento. Na ocorrência, o nosso saber torna-se o dele <Unser Wissen in diesem Stück ist dann auch sein Wissen geworden>”⁴⁰³. Ela conduz-nos à conclusão segundo a qual os sonhos – mas nem todos os sonhos podem ser interpretados⁴⁰⁴ – são, como se sabe, realizações de um desejo: “Quando o trabalho da interpretação do sonho se encontra acabado, percebemos que o sonho é a realização de um desejo”⁴⁰⁵. A descoberta do desejo é o *telos* da construção. Mas encontramos-nos naturalmente face a um limite da interpretação: o umbigo do sonho <der Nabel des Traums>, o ponto de contacto com o desconhecido <Unerkannten>⁴⁰⁶, o que não se pode já pensar. Lembremo-nos que o sonho, contrariamente ao *Witz*⁴⁰⁷, longe de ser um meio de comunicação, destina-se a permanecer incompreendido⁴⁰⁸. A regra fundamental <Grundregel> da psicanálise, a exigência de “tudo dizer”, mesmo o que parece “sem

³⁹⁵ Cf. # 34.

³⁹⁶ “Psychoanalyse” und “Libidotheorie”, XIII: 215.

³⁹⁷ *Bruchstück einer Hysterie-Analyse*, V: 172.

³⁹⁸ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 92. Sobre a passagem do conteúdo manifesto ao conteúdo latente do sonho, cf. *Das Interesse der Psychoanalyse*, VIII: 396 ss. Cf. tb. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição vii.

³⁹⁹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 92.

⁴⁰⁰ *Die Traumdeutung*, II/III: *passim*; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: Cap. V.

⁴⁰¹ *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 396.

⁴⁰² *Konstruktionen in der Analyse*, XVI: 47 (“A razão pela qual ouvimos tão poucas vezes falar, nas exposições da técnica analítica, de “construções”, é que, em vez disso, se fala de “interpretações” e do seu efeito. Mas, do meu ponto de vista, a palavra “construção” é, de longe, mais apropriada”). Cf. tb. *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 103. Sobre a analogia entre “construção” e “arqueologia”, cf. *Konstruktionen in der Analyse*, XVI: 45.

⁴⁰³ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 104. Cf. tb. A excelente passagem de *Über die Psychogene eines Falles von weiblicher Homosexualität*, XII: 277.

⁴⁰⁴ *Die Traumdeutung*, II/III: 529. Cf. tb. *Einige Nachträge zum Ganzen der Die Traumdeutung*, I: 563.

⁴⁰⁵ *Die Traumdeutung*, II/III: 126.

⁴⁰⁶ *Die Traumdeutung*, II/III: 530; cf. tb. II/III: 116, nota 1.

⁴⁰⁷ *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 160, 174-175, 204, 220, 261.

⁴⁰⁸ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 238. Cf. tb. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 8 (“O sonho não é, em si mesmo, uma manifestação social <soziale Äusserung>, um meio de comunicação <Mittel der Verständigung>”).

importância” ou “absurdo”, de uma “absoluta sinceridade”, procura exactamente remover os obstáculos à comunicação⁴⁰⁹. No entanto, apesar dessa busca de uma transparência comunicativa, resta que, como escreve Freud: “A realidade permanecerá para todo o sempre “incognoscível” <Das Reale wird immer “*unerkenbar*” bleiben>”⁴¹⁰. A realidade exterior não menos do que o “objecto interior” <*innere Objekt*>⁴¹¹. Momento kantiano – um entre muitos – de Freud.

62. *Condição de construtibilidade e de partilha.* Não há representação de conflito que não assente na possibilidade de construção de explicações e de partilha dos resultados dessa construção. A segunda condição metapsicológica das representações de conflito é a *condição de construtibilidade e de partilha*. Mais uma vez, a condição da representação de conflito faz apelo a condições dos dois outros tipos de representação. No caso da condição de construtibilidade e de partilha, à condição de dúvida da representação de realidade⁴¹² (a possibilidade do erro na interpretação, ou construção, é sempre de ter em conta) e à condição de onipotência do pensamento⁴¹³ da representação de prazer (é preciso confiar na eficácia da construção, devemos pensar que o sonho é inteiramente determinável – mesmo sabendo que não).

63. *Construção psicanalítica e delírio. A continuidade.* A própria construção psicanalítica se pode aproximar do delírio⁴¹⁴, um delírio interpretativo⁴¹⁵ que pode assentar em dois pressupostos metafísicos de Freud: o de um determinismo psíquico que governa as acções humanas⁴¹⁶; e a postulação de um *continuum* de sentido sem resto, que vai dos

⁴⁰⁹ Cf. *Selbstdarstellung*, XIV: 66 (articulação da regra fundamental com o princípio das associação livre); *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 215 (comunicação; regra fundamental e confissão <*Beichte*>; o doente deve “dizer mais do que aquilo que sabe” <*mehr sagen als er weiss*>), 234-235 (a análise constrói-se sobre a base de uma “completa sinceridade” <*volle Aufrichtigkeit*>, há uma “obrigação de sinceridade” <*Verpflichtung zur Aufrichtigkeit*>), 248 (mesmo quando se trata de algo de desagradável <*unangenehm*>, aparentemente sem importância <*unwichtig*> ou absurdo <*unsinnig*>). Sobre a “regra fundamental”, cf. tb. “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 214-215.

⁴¹⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 127. Sobre a interpretação dos sonhos, cf. ainda *Die Handhabung der Traumdeutung in der Psychoanalyse*, VIII: 349-357; *Bemerkungen zur Theorie und Praxis der Traumdeutung*, XIII: 299-314; *Einige Nachträge zum Ganzen der Die Traumdeutung*, I: 559-573; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição vi. Sobre o conceito de interpretação, cf. *Selbstdarstellung*, XIV: 66-67 (a arte de interpretação <*Deutungskunst*> exige tacto <*Takt*> e exercício <*Ubung*>); *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 249 (Será que a interpretação implica o abandono de toda a certeza <*Sicherheit*>, a subordinação ao arbítrio <*Willkür*> do intérprete? Não, porque há continuidade entre os processos inconscientes do analisado e os do intérprete. Este necessita sobretudo de uma certa “fineza de ouvido” <*Feinhörigkeit*>); *Über “wilde” Psychoanalyse*, VIII: 124 (necessidade do “tacto médico”); *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 16 (o inconsciente nunca poderá tornar-se plenamente consciente); *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 116. Lembremos que já no escrito hipocrático “Da Antiga Medicina” a “fineza do tacto” é apresentada como fundamental na técnica médica. Cf. P. Tunhas, “Hipócrates e o pensamento da passagem”, in Maria Luísa Couto Soares (org.), *Hipócrates e a arte da medicina*, Colibri, Lisboa, 1999, 11-61, sobretudo nota 70, p. 23.

⁴¹¹ *Das Unbewusste*, X: 270.

⁴¹² Cf. # 26.

⁴¹³ Cf. # 42.

⁴¹⁴ *Konstruktionen in der Analyse*, XVI: 55, 56.

⁴¹⁵ Sobre o “delírio de interpretação” <*Deutungswahn*>, a “formação delirante combinatória” <*kombinatorische Wahnbildung*>, cf. *Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*, I: 402.

⁴¹⁶ Sobre o determinismo psíquico, cf., por exemplo, *Über Psychoanalyse*, VIII: 27-28. Cf. tb. *Zur Vorgeschichte der analytischen Technik*, XII: 311; “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 214, 216; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 21; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 240-241 e Cap. XII, *passim*.

sonhos⁴¹⁷ aos actos falhados⁴¹⁸. Centremo-nos no aspecto da continuidade (um aspecto fundamental das filosofias dinamistas), que, de resto, se articula intimamente com o primeiro (o determinismo pressupõe, de certo modo, a continuidade). A continuidade manifesta-se em vários domínios. Em primeiro lugar, no sexual: a extensão do termo “sexualidade”⁴¹⁹; a noção de bissexualidade; a de plasticidade da libido <Plastizität der Libido>⁴²⁰ – por oposição à sua viscosidade <Klebrigkeit>; a figura do “perverso polimorfo”⁴²¹ (um pouco como a *Urpflanze* de Goethe, dá vontade de dizer). Ou, em segundo lugar, no domínio mais genericamente antropológico: a ideia segundo a qual “os seres humanos realizam individualmente a imagem geral da humanidade com uma variedade quase ilimitada”⁴²²; a continuidade entre os factos psíquicos normais e os factos psíquicos mórbidos⁴²³; a continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância⁴²⁴. Ou, em terceiro lugar, na própria técnica psicanalítica: a ideia de um encadeamento de memórias⁴²⁵, necessário já que a psicanálise visa, entre outras coisas, restaurar uma “cadeia contínua de acontecimentos” <zusammenhängende Kette von Begebenheiten>⁴²⁶ imperceptível à memória – pelo menos antes dos 6 ou 7 anos⁴²⁷ –, na busca de um elo que permita descortinar as “relações estreitas entre o conteúdo psíquico da neurose e a nossa vida infantil”⁴²⁸, consistindo o ideal em estabelecer uma “conexão sem lacunas” <ein lückenloser Zusammenhang>⁴²⁹, algo que a simples consciência por si mesma não nos pode fornecer⁴³⁰; a própria técnica das associações⁴³¹, cuja importância para a psicanálise é fundamental⁴³²; a continuidade do inconsciente do paciente com o do psicanalista⁴³³: a pos-

⁴¹⁷ *Das Interesse an der Psychoanalyse*, XII: 395, 396.

⁴¹⁸ Para os actos falhados, cf. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, XII: 392.

⁴¹⁹ *Über “wilde” Psychoanalyse*, VIII: 120; “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 220.

⁴²⁰ Cf. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 358. Ela articula-se com a “livre mobilidade” <freie Beweglichkeit> desta, e com o processo primário.

⁴²¹ *Meine Ansichten über die Rolle der Sexualität in der Ätiologie der Neurosen*, V: 156; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, 213-214.

⁴²² *Über libidinöse Typen*, XIV: 509.

⁴²³ “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 216, 218. Cf. tb. *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 309; *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, X: 412; *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*, VIII: 435, 436-437; *Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia*, VIII: 250.

⁴²⁴ *Hemmung, Symptom und Angst, Symptom und Angst*, XIV: 169 (“A vida intra-uterina e a primeira infância são mais um contínuo <ein Kontinuum> do que nos leva a crer a patente cesura <Caesur> do acto do nascimento”).

⁴²⁵ *Zur Ätiologie der Hysterie*, I: 433, 450.

⁴²⁶ *Über Deckerinnerungen*, I: 532, 533.

⁴²⁷ *Über Deckerinnerungen*, I: 539.

⁴²⁸ *Über Deckerinnerungen*, I: 532. Cf. tb. “*Ein Kind wird geschlagen*”, XII: 202 (em última análise, o sucesso no esforço para eliminar a “amnésia que dissimula ao adulto o conhecimento dos princípios da sua vida infantil (isto é, do período que vai do segundo ao sexto ano)” é a pedra de toque de uma “psicanálise correcta”).

⁴²⁹ *Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität*, XII: 296. Cf. tb. *Erinnern, Wiederholen, Durcharbeiten*, X: 127 (extremamente importante: o fim das técnicas psicanalíticas é, de um ponto de vista descritivo, “o preenchimento das lacunas da memória” <die Ausfüllung der Lücken der Erinnerung> – e, de um ponto de vista dinâmico, “a vitória sobre as resistências do recalçamento” <die Überwindung der Verdrängungswiderstände>); *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 292, 471.

⁴³⁰ *Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis*, XVII: 146 (a consciência pode-nos apenas oferecer séries de fenómenos “incompletas e lacunares” <unvollständige und lückenhafte>).

⁴³¹ Cf. *Die Freudische psychoanalytische Methode*, V: 5.

⁴³² *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 45.

⁴³³ “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 215 (o analista captura o inconsciente do doente “com o seu próprio inconsciente”).

sibilidade da empatia <Einfühlung> entronca aqui⁴³⁴. Ou, quarto aspecto, no plano da afinidade entre os modos de existência das várias regiões do aparelho psíquico: entre o pensamento vigil e o pensamento do sonho⁴³⁵, por exemplo; ou a “continuidade psíquica” entre a consciência e o inconsciente⁴³⁶. A lista poderia sem dúvida continuar⁴³⁷. Em resumo: o delírio psicanalítico – e nisso ele se assemelha ao que há de delirante na sistematização filosófica⁴³⁸ – assenta num princípio de continuidade sem falhas na compreensão da vida psíquica (tão mais notável quanto esta se erige sobre conflitos entre instâncias que se opõem ferozmente).

64. A cura. A compreensão <Verständnis> e a cura <Kur, Heilung> “quase coincidem”, entre ambas existe um “caminho viável” <ein gangbare Weg>⁴³⁹. O estatuto da cura prolonga o da interpretação. Estamos no limite: o doente deve dizer “aquilo que não sabe <was er nicht weiss>⁴⁴⁰”, colaborar com o psicanalista⁴⁴¹, transformar a suposição

⁴³⁴ *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 119 (a empatia – que se articula com a identificação – desempenha um papel fundamental naquilo que há de estranho ao nosso Eu outras pessoas), 121 (é através da empatia que podemos tomar posição face às outras “vidas psíquicas”); *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 224, 258, 261.

⁴³⁵ *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 309.

⁴³⁶ *Das Unbewusste*, X: 266.

⁴³⁷ Sobre a importância do princípio de continuidade em Freud, cf. ainda *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 32 (alargamento da noção de sexualidade), 36 (existência de “graus intermédios” <Zwischenstufen> entre todos os tipos de inversão), 40-42 (bissexualidade), 42-43, nota (historial da noção de bissexualidade), 47 (variações da pulsão sexual), 48 (escala <Stufenleiter> das variações, do estado normal à doença mental), 59 (bissexualidade), 59-60 (as variações existem, entendidas como “particularidades da vida íntima”, no estado normal dos indivíduos: “Pode-se dizer que, em nenhum indivíduo normal, falta um elemento que se pode designar como perverso, acrescentando-se ao objectivo sexual normal”), 71 (“as neuroses formam, nas suas diversas manifestações, uma série contínua <lückenlose Reihe> que vai da doença à saúde”; a disposição à perversão “é parte integrante <ein Stück> da constituição normal; há, nas perversões, um “factor congénito <etwas Angeborenes> (...) que se encontra em todos os homens”), 71-72 (“a constituição hipotética contendo em germe todas as perversões só pode ser encontrada na criança”), 75-77 (o problema da amnésia infantil como encobrimento da continuidade), 81 (confusão entre sexual e genital, posta em causa pelo “encaadeamento de fenómenos” <Zusammenhang der Erscheinungen> revelado pela psicanálise), 90 (a psicanálise deve poder resolver a amnésia infantil, “trazer à consciência aquilo que foi esquecido e, deste modo, suprimir uma compulsão proveniente de um material inconsciente”), 91-92 (disposição perversa polimorfa), 121 (bissexualidade), 133 (a criança traz consigo, vindo ao mundo, os germes da actividade sexual futura); *Selbstdarstellung*, XIV: 62 (“constituição bissexual inata”), 63-64 (“extensão do conceito de sexualidade”: “a sexualidade é desligada da sua relação demasiado estreita com os órgãos genitais e colocada como uma função corporal abraçando o conjunto do ser e aspirando ao prazer”; e “contam-se entre as emoções sexuais todas as emoções simplesmente ternas e amigáveis, para as quais a nossa linguagem corrente emprega a palavra “amar” nas suas múltiplas acepções”; continuidade entre a “perversidade” da criança e a do adulto: a criança como “perverso polimorfo”), 65-67 (princípio das “associações livres” – a “associação livre” não é, na realidade, “livre”), 72 (restabelecimento da continuidade entre a vida infantil e a vida adulta através da eliminação da amnésia infantil pela interpretação do sonho); *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 237 (continuidade das “emoções pulsionais sexuais” <sexuellen Triebregungen> da infância à vida adulta), 249-250 (continuidade entre os “processos psíquicos” do analista e os do doente, donde: dever do próprio analista ser analisado); *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 93 (sobre a continuidade nas multidões), 98-100 (continuidade entre as várias acepções de “amor”); *Das Ich und das Es*, XIII: 261 (bissexualidade); *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, IV: 54-55 (sobre o carácter não-natural da “amnésia infantil”); *Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 216 (continuidade entre os estados normais e os estados neuróticos); “Ein Kind wir geschlagen”, XII: 200 (os acontecimentos infantis descobrem-se “através de investigação anamnésica” <durch anmnetsche Forschung>).

⁴³⁸ Permito-me reenviar de novo para “Sistema e Mundo”, cit.

⁴³⁹ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 156.

⁴⁴⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 99.

⁴⁴¹ “Psychoanalyse” und “Libidotheorie”, XIII: 217: cabe também, por exemplo, ao sonhador interpretar os seus próprios sonhos. E re-trabalhar – praticar uma elaboração <Verarbeitung> sobre – a interpretação do analista (*Die zukünftigen Chancen der psychoanalytischen Therapie*, VIII: 105).

<Vermutung> deste em convicção <Überzeugung> sua⁴⁴². Pense-se na própria ideia de pacto analítico⁴⁴³, no cerimonial do tratamento (“vestígio do método hipnótico no qual teve origem a psicanálise”)⁴⁴⁴, na transferência <Übertragung>, com toda a sua ambivalência⁴⁴⁵, na contra-transferência <Gegenübertragung>⁴⁴⁶, na perlaboração <Durcharbeitung> (o trabalho psíquico da integração da interpretação – que deve talvez ser posto em paralelo com a já referida elaboração secundária no trabalho do sonho)⁴⁴⁷, no problema do término da análise⁴⁴⁸. Tudo isso representa um esforço de partilha de saber (supondo a continuidade anteriormente referida) entre analista e analisado, em direcção à cura. Qual o objectivo desta? Pese aos críticos de Freud, surpreendentemente modesto, se olhado retrospectivamente: o alargamento do campo do Eu⁴⁴⁹; tornar o Eu mais independente do Superego⁴⁵⁰;

⁴⁴² *Konstruktionen in der Analyse*, XVI: 53.

⁴⁴³ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: Cap. VI.

⁴⁴⁴ *Zur Einleitung der Behandlung*, VIII: 467.

⁴⁴⁵ O conceito de transferência funciona fundamentalmente em dois contextos: o da cura analítica e o do estudo das chamadas neuroses de transferência. No contexto da cura, ele é, como se sabe, fundamental. A transferência descobre-se na análise. Inicialmente um obstáculo – por aí ele entronca também no dinamismo – à cura, acaba por ser-lhe útil. A transferência possui uma natureza amorosa e obsessiva. Trata-se do “amor analítico” <analytische Verliebtheit>, do “amor de transferência” <Übertragungsliebe>: “O doente repete, sob a forma deste amor pelo analista, acontecimentos psíquicos que já uma vez viveu – ele transferiu no analista atitudes psíquicas que se encontravam já prontas nele e se relacionam intimamente com a sua neurose. E repete igualmente face ao nosso olhar as suas reacções de defesa de então; ele gostaria de reproduzir, nas suas relações com o analista, todas as vicissitudes desse período esquecido da sua vida. Aquilo que nos mostra é assim o núcleo da sua história íntima, *ele reprodu-la de maneira palpável, presente, em vez de a recordar*”. A cura deve acabar com a transferência igualmente liquidada. Por sua vez, as neuroses de transferência <Übertragungsneurosen> (resultado de um conflito entre o Eu e o investimento libidinal de objecto), compreendem a histeria de angústia <Angsthysterie>, a histeria de conversão <Konversionshysterie> e a neurose obsessiva <Zwangsneurose>). *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 100 ss. Cf. tb. *Zur Dynamik der Übertragung*, VIII: 363-374; *Bemerkungen über die Übertragungsliebe*, X: 305-321; *Bruchstück einer Hysterie-Analyse*, V: 279 ss; “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 222-223; *Psycho-Analyse*, XIV: 305; *Die endliche und die unendliche Analyse*, XVI: 65-66; *Über Psychoanalyse*, VIII: 54-56; *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 49-50; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 429, 471, Lição xxvi; *Triebe und Triebchicksale*, X: 217; *Die Verdrängung*, X: 249; *Das Unbewusste*, X: 281 ss, 300; *Trauer und Melancholie*, X: 437; *Selbstdarstellung*, XIV: 67-69, 86; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 256-260; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 17, 37, 56; *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 195. O conceito de ambivalência deve-se a Bleuler. Também ele um conceito dinâmico, articula-se com a noção de conflito: há “conflitos ambivalentiais”. A “ambivalência afectiva” origina-se no facto de certas “moções pulsionais” se apresentarem, “quase desde o princípio, através de pares de opostos”. Freud lembra que é frequente encontrarmos “atitudes afectivas ambivalentes” <ambivalente Gefühlseinstellungen>, “moções ambivalentes”, nas crianças. A ambivalência é fundamental nos processos de identificação: de resto, a ambivalência na relação ao pai é o exemplo da ambivalência inerente, desde a origem, à identificação. Há uma ambivalência estrutural na identificação. Ela tem a ver com uma desunião <Entmischung> ou uma união pulsional <Triebmischung> irrealizada. Sobre a ambivalência, cf. *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose*, VII: 455, nota; *Hemmung, Symptom und Angst*, VII: 130: 20; IP: 404; *Triebe und Triebchicksale*, X: 223-224; *Die Verdrängung*, X: 260; *Trauer und Melancholie*, X: 437; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 99-100; *Selbstdarstellung*, XIV: 77; *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 332, 346, 353; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 84, nota, 111, 116; *Das Ich und das Es*, XIII: 260, 261, 270.

⁴⁴⁶ *Die zukünftigen Chancen der psychoanalytischen Therapie*, VIII: 108.

⁴⁴⁷ *Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten*, X: 125-136.

⁴⁴⁸ *Die endliche und die unendliche Analyse*, XVI: 57-99.

⁴⁴⁹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 105.

⁴⁵⁰ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 86. A cura <Kur> psicanalítica baseia-se na acção exercida pelo sistema Cs (Consciência) sobre o sistema Ics (Inconsciente), “e mostra em todo o caso que este resultado, por mais difícil que seja, não é impossível de obter” (*Das Unbewusste*, X: 293).

tornar, na medida do possível, consciente o inconsciente⁴⁵¹; pôr a libido ao serviço do Eu⁴⁵²; recuperar as “faculdades de trabalhar e de gozar a existência” <Leistungs- und Genussfähigkeit>⁴⁵³; aumentar a “autonomia” <Selbständigkeit>, o “interesse pela vida” <Interesse am Leben>⁴⁵⁴; substituir a “miséria neurótica” – naturalmente que perversos satisfeitos <befriedigte Perverse> nunca buscarão a análise⁴⁵⁵ – pela “banal infelicidade”, transformar o material psíquico patogénico em material normal⁴⁵⁶; fazer que o Eu advenha, aí onde só o Isso se manifesta⁴⁵⁷. Trata-se de uma “pós-educação” <Nacherziehung>⁴⁵⁸ que visa, muito espinosianamente, aumentar o poder de pensar do indivíduo⁴⁵⁹.

65. *Condição de sociabilidade.* As representações de conflito referem-se intimamente ao processo de alargamento da sociabilidade do sujeito: “fazer que o Eu advenha” é isso mesmo. A terceira condição metapsicológica da representação de conflito é a *condição de sociabilidade*. A condição de sociabilidade – como coisa distinta da mais lata condição de socialidade – lembra-nos a condição de compromisso⁴⁶⁰ da representação de realidade (o Eu é um lugar de compromissos), e, ao mesmo tempo, no plano da representação de prazer, a condição de originariedade e autonomia⁴⁶¹ dos actos psíquicos inconscientes (o Id não é, por definição, eliminável, a cura não visa de modo algum uma sua – de resto impossível – aniquilação).

66. *Uma nova mitologia.* É esta proximidade com o indeterminado que faz com que, recorrendo à mitologia⁴⁶², Freud tenha ele mesmo produzido algo como uma nova mitologia:

⁴⁵¹ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 290.

⁴⁵² *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 472.

⁴⁵³ *Die Freudsche psychoanalytische Methode*, V: 8.

⁴⁵⁴ *Die endliche und die unendliche Analyse*, XVI: 60.

⁴⁵⁵ “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 218.

⁴⁵⁶ *Bruchstück einer Hysterie-Analyse*, V: 279. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 292.

⁴⁵⁷ *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 86.

⁴⁵⁸ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 469.

⁴⁵⁹ As reflexões de Freud sobre a finalidade da cura são fascinantes, como se disse acima, pela sua modéstia (para já não falar de um pessimismo que não é inteiramente fictício: “O verdadeiro remédio, finalmente, é a morte” <Am Ende hilft wirklich der Tod>). Assim, o objectivo terapêutico da psicanálise é “reconstituir o Eu, libertá-lo dos seus entraves <Einschränkungen>, dar-lhe o poderio <Herrschaft> sobre o Id, por ele perdido no seguimento de recalcações precoces”, e isso com o fim de suportar a vida: “Suportar a vida permanece o primeiro dever de todos os seres vivos” <Das Leben zu ertragen, bleibt ja doch die erste Pflicht aller Lebenden>. Mas os limites são poderosos: não se pode nunca tornar completamente consciente o inconsciente, mesmo quando o doente testemunha, através das suas próprias recordações, uma confirmação <Bestätigung> da construção <Konstruktion> do analista. A tarefa da psicanálise não consiste em “tornar impossíveis as reacções mórbidas, mas em oferecer ao Eu do doente a liberdade <Freiheit> de se decidir por isto ou por aquilo”. “A psicanálise é um utensílio <Werkzeug> que deve dar ao Eu a possibilidade de uma conquista <Eroberung> progressiva do Id”. O próprio Eu, de resto, esse “ser de fronteira” <Grenzwesen>, através dos seus esforços de mediação entre o mundo e o Id, “comporta-se verdadeiramente como o médico numa cura analítica”. Sobre a cura, cf. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: Lição xxviii; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 163 ss; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 232, 247-260, 265; *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 354-355; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 16; *Das Ich und das Es*, XIII: 280, nota, 286.

⁴⁶⁰ Cf. # 28.

⁴⁶¹ Cf. # 41.

⁴⁶² *Selbstdarstellung*, XIV: 95; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 239-243; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 153 (“O mito é (...) o passo que permite ao indivíduo escapar à psicologia das massas”), 158 (sobre o mito da “família originária” <Urfamilie>). Como acima se citou, a propósito do fantasma, os mitos são, acima de tudo, “resquícios deformados <entstellten Überresten> dos fantasmas de desejo de nações inteiras, os sonhos seculares <Säkularträumen> da jovem humanidade” (*Der Dichter und das Phantasieren*, VII: 222).

complexos⁴⁶³ (de Édipo⁴⁶⁴, de castração⁴⁶⁵, de Electra⁴⁶⁶ – se formos jungianos⁴⁶⁷ – e de inferioridade – se formos adlerianos⁴⁶⁸), fantasma originário⁴⁶⁹, cena originária (ou primitiva) <Urszene>⁴⁷⁰, cena de sedução <Verführungsszene>⁴⁷¹, romance familiar <Familienroman>⁴⁷², etc. Tudo isso designa mitos, no sentido poderoso da palavra: situações arcaicas arquetípicas nas quais nos inscrevemos, e que repetimos. Uma mitologia suficientemente potente para deixar a sua marca na estética⁴⁷³, na antropologia⁴⁷⁴, na reflexão sobre a sociedade⁴⁷⁵. Mas, como se sabe, os mitos servem para pensar, e o amigo dos mitos é já um filósofo. E, de resto, a ciência em geral participa da mitologia⁴⁷⁶. A ficção do “pai da horda originária” de *Totem e tabu* é um “mito científico”⁴⁷⁷, tal como a teoria das pulsões⁴⁷⁸. Porque é que Freud recorre à mitologia? Por razões que têm a ver com as formas de *akribeia* – de rigor, de exactidão – que cabem às diversas ciências. A psicanálise – tal como o conjunto das – *Geisteswissenschaften* – não pode ter o mesmo tipo de rigor das ciências físicas⁴⁷⁹.

⁴⁶³ Sobre os “complexos”, cf. *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 68-69. O termo – ou, pelo menos, o inicial desenvolvimento das suas possibilidades – deve-se a Jung (*Die zukünftigen Chancen der psychoanalytischen Therapie*, VIII: 107).

⁴⁶⁴ O complexo de Édipo é tão mais fundamental para Freud quanto, teoricamente, se pode verificar uma derivação das perversões a partir dele – ele é o verdadeiro núcleo <Kern> da neurose –, e quanto, igualmente, o Superego (a formação da consciência moral) é o seu herdeiro. *Die Traumdeutung*, II/III: 267 ss; *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 114 ss, 137. Cf. tb. *Der Untergang des Ödipuskomplexes*, XIII: 393-402; “Psychoanalyse” und “Libidotheorie”, XIII: 221; *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XI: 211-212; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 127-128, nota; *Selbstdarstellung*, XIV: 60, 61-62, 82-83, 89 ss; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 242, 254; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 115; *Das Ich und das Es*, XIII: 260-267, 277, 281; *Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds*, XIV: 21 ss; “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 213-214 e 226.

⁴⁶⁵ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 117 ss; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 96; *Selbstdarstellung*, XIV: 63; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 240.

⁴⁶⁶ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 121; *Über die weibliche Sexualität*, XIV: 515-537; *Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität*, XII: 281, nota.

⁴⁶⁷ Para a crítica de Freud a Jung, cf. *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 102 ss; *Selbstdarstellung*, XIV: 75 ss; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 236; “Psychoanalyse” und “Libidotheorie”, XIII: 224.

⁴⁶⁸ Cf. *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 166-7. Para a crítica de Freud a Adler, cf. *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung*, X: 94 ss; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 71-72, 151 ss; *Selbstdarstellung*, XIV: 79 ss; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 236; “Psychoanalyse” und “Libidotheorie”, XIII: 224; “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 222-225.

⁴⁶⁹ *Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds*, XIV: 22; *Mitteilung eines der psychoanalytischen Theorie widersprechen Falles von Paranoia*, X: 242 (os “fantasmas originários” <Urphantasien> são as “formações fantasmáticas” <Phantasiebildungen> relativas ao “comércio sexual dos pais”, à “sedução” à “castração”, etc.); “Ein Kind wird geschlagen”, XII: 220, 221.

⁴⁷⁰ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 113. Cf. tb. *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose*, XII: 54 ss.

⁴⁷¹ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 113. Cf. tb. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 91, 127, nota 2, 136, 144; *Selbstdarstellung*, XIV: 59 ss.

⁴⁷² Cf. *Der Familienroman der Neurotiker*, VII: 225-231; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 127, nota 2; *Beiträge zur Psychologie des Liebenslebens*, VIII: 74.

⁴⁷³ Cf., por exemplo, *Der Moses der Michelangelo*, X: 171-201. Cf. tb. *Selbstdarstellung*, XIV: 90 ss.

⁴⁷⁴ *Totem und Tabu*, IX.

⁴⁷⁵ *Die Zukunft einer Illusion*, XIV: 323-380; *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 419-506.

⁴⁷⁶ *Warum Kriege?*, XVI: 22.

⁴⁷⁷ *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 151.

⁴⁷⁸ Cf. # 58.

⁴⁷⁹ *Selbstdarstellung*, XIV: 84. Reenvio de novo para “Akribeia, maneiras de pensar e objectos de pensamento”, *cit.*

67. *Condição de mitologia.* Não há representação de conflito sem uma mitologia que simbolize a luta entre as forças em oposição. A última condição metapsicológica da representação de conflito é assim uma *condição de mitologia*. Tal como a condição de socialidade, ela convoca a condição de exterioridade⁴⁸⁰ da representação de realidade (os conflitos são maiores que nós, englobam-nos e determinam o nosso ser) e – tal como a condição de sociabilidade – a condição de originariedade e autonomia⁴⁸¹ dos actos psíquicos inconscientes (os conflitos encontram-se dentro de nós mesmos, no estrato mais profundo da nossa vida psíquica, correspondem a uma necessidade intrínseca do nosso ser).

68. *Articulação das condições metapsicológicas da representação de conflito.* Temos assim quatro condições metapsicológicas da representação de conflito: condição de socialidade; condição de construtibilidade e de partilha; condição de sociabilidade; e condição de mitologia. A condição de socialidade da representação de conflito obriga-nos a pensar a luta entre a realidade e o prazer sob a forma da violência exercida pela sociedade sobre os estratos mais profundos, arcaicos, da psique. Se sairmos por um momento da linguagem própria a Freud, encontramos aqui um tema fundamental das ciências sociais. A sociologia durkheimiana, por exemplo, que adopta no pensamento do social a condição de exterioridade da representação de realidade – os “factos sociais” são anteriores e exteriores aos indivíduos – lida, à sua maneira, com esta questão. A segunda condição da representação de conflito, a condição de construtibilidade e de partilha, designa o conflito sob o modo, não já da violência, mas da incerteza: a construção explicativa visa o assentimento, mas este, pela própria natureza das coisas, é frágil e precário, nenhuma construção pode inteiramente determinar aquilo que é, no limite, incognoscível. A possibilidade de determinação, que na representação de realidade existe verdadeiramente, é aqui mitigada. A condição de dúvida que, nessa modalidade representativa, tem, apesar de tudo, um valor positivo – ela colabora, à sua maneira, positiva ou negativamente, no processo de determinação –, aparece aqui em oposição radical e irresolúvel à condição de onipotência do pensamento da representação de prazer. A conciliação entre ambas as condições, visada pela condição de construtibilidade e de partilha, é, sendo as coisas o que são, sempre instável e provisória. A consonância é aqui provisória: ela enche-se perpetuamente de dissonâncias. No fundo, todas as conexões que se estabelecem são imperfeitas. A terceira condição da representação de conflito – a condição de sociabilidade – repete, de certa maneira, a primeira, mas mais marcadamente. “Fazer que o Eu advenha” é, entre outras coisas, integrar o sujeito num *continuum* social ideal, comprometê-lo com a sociedade, obrigá-lo a uma série de compromissos. Mas os elementos visceralmente a-sociais do sujeito, representados pelo Id, não são elimináveis: a produção de actos psíquicos inconscientes, autónomos, imiscui-se nesse *continuum* ideal, fracturando-o e tornando-o apenas isso: ideal. Nenhuma utopia admite o inconsciente. A quarta condição de representação de conflito, a condição de mitologia, resume, no essencial, as três primeiras: violência, incerteza e fractura obrigam-nos a uma solução teórica que é necessariamente em parte mitológica: os conflitos interiores ao sujeito são projectados no exterior (e, por assim dizer, “reificados”) sob a forma de mito. Tal projecção oferece talvez, além de um certo alívio psíquico, a única forma de determinação efectiva na representação de conflito. A psique

⁴⁸⁰ Cf. # 22.

⁴⁸¹ Cf. # 41.

individual descobre-se exterior a si e englobando a sociedade. A filosofia política, através de ficções como a do contrato social, participa abundantemente deste tipo de atitude.

V. O que é pensar? A pluralidade das formas de representação.

69. *O que é pensar?* “Pensar é um agir sondante <ein probeweises Handeln>, com pequenas quantidades de energia”⁴⁸², os “processos de pensamento” são “actos de investimento <Besetzungsakte> suficientemente afastados da percepção”⁴⁸³. Pensar é viver simultaneamente no plano das três séries, e das três formas de representação, equilibrando-as. Tal é a situação trágica do Eu, procurando desesperadamente, em pleno conflito interno, manter a sua autonomia <Selbständigkeit> face às exigências contraditórias do Id e do Superego⁴⁸⁴. Pensar é tentar ter em conta as três séries – a realidade, o prazer e o conflito –, evitar uma excessiva clivagem do Eu <Ichspaltung>⁴⁸⁵, evitar a psicose, o corte com a realidade exterior, ao qual o “sombrio Id” nos tende a conduzir; mas, ao mesmo tempo, pensar é obedecer a certas exigências do Id, nomeadamente ao desejo (não se pode pensar sem desejar). Como o próprio Freud o diz, trata-se de combinar certos aspectos da neurose e certos aspectos da psicose⁴⁸⁶.

70. *Pensamento e sublimação.* Resulta daí que o pensamento, por meio de uma “limitação <Einschränkung> das pulsões sexuais”, constitui um sistema de “satisfações substitutivas <Ersatzbefriedigung>”⁴⁸⁷ (substitutivas do “prazer de órgão <Organlust>”⁴⁸⁸). Há sublimação <Sublimierung>⁴⁸⁹. Produzi-la é uma das funções da educação <Erziehung>⁴⁹⁰ e da civilização <Kultur>⁴⁹¹. A ciência <Wissenschaft> – ao mesmo tempo que representa

⁴⁸² *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 96.

⁴⁸³ *Das Unbewusste*, X: 301. O pensamento funciona em sistemas que se encontram muito afastados dos “restos perceptivos originários” (*Das Unbewusste*, X: 301).

⁴⁸⁴ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 97 ss, 107, 130.

⁴⁸⁵ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 133-135. Cf. tb. *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 120 (clivagem do Eu na melancolia); *Das Ich und das Es*, XIII: 244 (clivagem entre o Eu coerente e o recalado).

⁴⁸⁶ *Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose*, XIII: 365 (“Chamamos normal ou “são” um comportamento que reúne certos traços das duas reacções, que, como a neurose, não nega a realidade, mas se esforça de seguida, como a psicose, em transformá-la”).

⁴⁸⁷ *Abriss der Psychoanalyse*, XVII: 131-132. Cf. tb. *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV: 433.

⁴⁸⁸ *Triebe und Triebschicksale*, X: 218.

⁴⁸⁹ *Triebe und Triebschicksale*, X: 219. Dispomos de uma capacidade de sublimação <Fähigkeit zur Sublimierung>, de transformação da libido de objecto sexual em libido narcísica, que se articula, sem contudo se confundir, com os processos de idealização <Idealbildung, Idealisierung> – o que pode constituir obviamente uma vantagem –, mas a sublimação não pode evidentemente suprimir a tensão pulsional. Sobre a sublimação, cf. *Die “kulturelle” Sexualmoral und die moderne Nervosität*, VII: 143-167; *Zur Einführung des Narzissmus*, X: 161; *Das Interesse an der Psychoanalyse*, VIII: 420; *Über Psychoanalyse*, VIII: 58-59; *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, XV: 103; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, V: 55, 78-79, 107, 140-141; *Selbstdarstellung*, XIV: 64; “*Psychoanalyse*” und “*Libidotheorie*”, XIII: 230-231; *Jenseits des Lustprinzips*, XIII: 44; *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, XIII: 155-156; *Das Ich und das Es*, XIII: 258, 284.

⁴⁹⁰ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 236. Sobre a educação, cf. *Selbstdarstellung*, XIV: 95-96; *Die Frage der Laienanalyse*, XIV: 285; *Zeitgemässes über Krieg und Tod*, X: 333-336 (a educação como factor externo de coerção destinado à renúncia pulsional, e sua influência na “aptidão à civilização” <Kultureignung> e na criação, muito útil, dos “hipócritas da civilização” <Kulturheuchler>, fundamentais para a sobrevivência desta); *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, VI: 110, 143.

⁴⁹¹ Cf. *Die Zukunft einer Illusion*, XIV: *passim*.

“a mais perfeita renúncia ao princípio do prazer <die vollkommenste Lossagung vom Lustprinzip> de que o nosso trabalho psíquico é capaz”⁴⁹² – produz uma “satisfação intelectual <intellektuelle Lust>”⁴⁹³.

71. *Pluralidade das formas de representação.* As três formas de representação – mesmo a representação de conflito – concedem, cada uma à sua maneira, satisfação intelectual. Correspondem, para utilizar uma expressão de Freud, a – “pulsões de investigação” diferentes⁴⁹⁴, modos de estimular a “curiosidade” <Wissbegierde> e de contrariar o “medo de pensar” <Denkabschreckung>, a “proibição de pensar” <Denkverbot>, a “inibição do pensamento” <Denkhemmung>⁴⁹⁵. A sua origem encontra-se talvez na “investigação sexual <Sexualforschung> infantil”⁴⁹⁶. A “pulsão de saber” <Wisstrieb> (oposta à dúvida da neurose obsessiva) é o produto sublimado de uma pulsão de dominação <Bemächtigungstrieb>⁴⁹⁷, talvez aquilo que se poderia chamar uma “des-violentização” desta. As várias condições metapsicológicas que as constroem determinam o tipo dessa satisfação. Falta dizer que, no interior de cada forma de representação, se podem infiltrar condições de uma outra forma” – e não apenas na representação de conflito, onde é, por assim dizer, fatal que tal aconteça. Assim, a onipotência do pensamento pode condicionar a representação de realidade na busca de uma representação completa das leis da natureza – de facto, é exactamente assim que acontece, segundo Freud⁴⁹⁸ –, do mesmo modo que a condição de exterioridade pode ser instrumental na representação do prazer, como o demonstram certas estéticas, ou ainda a condição de consonância funcionar no interior da representação de conflito, à maneira das utopias. Os cruzamentos podem, assim, ser múltiplos. O investimento inconsciente na representação apresenta, como se disse no princípio, uma extraordinária mobilidade⁴⁹⁹. Mas a única coisa em que quis verdadeiramente insistir foi na diversidade das formas de representação e na existência de condições metapsicológicas que determinam essas formas de representação.

⁴⁹² *Beiträge zur Psychologie des Liebeslebens*, VIII: 67.

⁴⁹³ *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, VIII: 236.

⁴⁹⁴ *Zur sexuellen Aufklärung der Kinder*, VII: 24; *Die infantile Genitalorganisation*, XIII: 295.

⁴⁹⁵ *Zur sexuellen Aufklärung der Kinder*, VII: 26. Cf. tb. *Die kulturelle Sexualmoral und die moderne Nervosität*, VII: 162. Muito provavelmente, seria necessário pôr a “pulsão de investigação” <Forschertrieb> (*Zur sexuellen Aufklärung der Kinder*, VII: 24) em relação com o sentimento descrito por Freud em *Eine Erinnerungsstörung auf der Akropolis* (XVI: 250-257) – sem, no entanto, ter em consideração os aspectos teóricos mais profundos do texto. “Então isto existe efectivamente <wirklich>, tal como nos ensinaram na escola!” (XVI: 251). “Não conseguíamos acreditar que a alegria de ver Atenas nos fosse dada” (XVI: 253). Há uma recusa em acreditar <ein Unglaube> (XVI: 253), um “sentimento de estranheza” <Entfremdungsgefühl> (XVI: 254).

⁴⁹⁶ Cf. *Die infantile Genitalorganisation*, XIII: 293-294, 295, e *Über infantile Sexualtheorien*, VII: 171-188.

⁴⁹⁷ *Die Disposition zur Zwangsneurose*, VIII: 450.

⁴⁹⁸ Trata-se quase, poderia dizer-se, de uma *virtù* epistémica. Fernando Gil discutiu algo de semelhante, em *A convicção* (Porto, Campo das Letras, 2003), a partir da noção de “confiança”.

⁴⁹⁹ Cf. # 15.